



RAÍZES

Ano IX - Nº 17

São Caetano do Sul

Julho de 1998





Nossa Capa

A obra *Ritorno dal mercato* (1888), óleo sobre tela, 53 x 1000 cm), pertencente a coleção particular, da cidade de Pádua Padova, é uma obra do pintor Pietro Pajetta, nascido em Serravalle, no ano de 1845 e falecido em Pádua, em 1911. Verificando-se o conjunto de obras de Pajetta, podemos qualificá-lo como uma espécie de observador da realidade cotidiana de Vittorio Veneto. Mesmo as-

sim, seria injusto resumirmos sua produção artística como a de um mero captador do dia-a-dia de uma comunidade rural encravada nos Alpes italianos. Mas essa peculiaridade salta aos olhos em função dos quadros que deixou. Filho de Paolo Pajetta, um pintor cuja obra esteve voltada à produção de murais, Pietro aprendeu com o pai os rudimentos da arte que no futuro iria abraçar. Sem condições mate-

riais de freqüentar a Academia de Belas Artes de Veneza, foge de casa aos 17 anos, indo alistar-se nas tropas que lutam pela unificação da Itália. Oito anos depois, já casado, o artista retorna à cidade natal. Posteriormente, entre 1878 e 1880, mora em Veneza, voltando a Vittorio Veneto, onde permanece até 1893. Naquele ano muda-se para Pádua, permanecendo lá até o final da vida.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano IX - Número 17
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN - 1415 - 3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Julho de 1998

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420

Editor/Jornalista responsável
Aleksandar Jovanovic
(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)
Programação Visual e
Paginação Eletrônica
Plano Piloto
Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Fedatto
Ilustração:

Jayme da Costa Patrão

Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic (presidente),
Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Jayme da Costa
Patrão, José Roberto Gianello, Henry Veronesi,
José de Souza Martins, Nívio Tessitore, Oscar
Garbelotto, Silvio José Buso, Sônia Maria Franco

Xavier, Valdenizio Petrolli.

Fotos

Antônio Reginaldo Canhoni

Digitalização de imagens

Erika Martin

Pesquisa

José Roberto Gianello

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

A revista **RAÍZES** está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não



A palavra do Editor

Mudanças preservam determinação e força

Nove anos depois de ter surgido no cenário municipal e regional, a revista *Raízes* experimentou algumas transformações profundas e sintomáticas em sua forma. Primeiro, foram menores relativos à programação visual de suas páginas internas. Depois, seguiu-se uma alteração de suas capas, em termos de forma e conteúdo. Num terceiro momento – que ocorreu no início de 1997 –, passou a ser uma publicação oficial da Fundação Pró-Memória, instituição também pioneira. Agora, num outro lance, não menos importante, *Raízes* passa a contar com um registro ISSN, obtido junto ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Com isso, adquire, por assim dizer, sua carteira de identidade no rol das publicações regulares em ciência e tecnologia, de modo geral. Cada passo dessa trajetória vem sendo marcado por um esforço evidente para aperfeiçoar o trabalho que vem sendo realizado a muitas mãos. As únicas coisas que não mudaram ao longo desse espaço de tempo foram a determinação para atingir as metas, o pioneirismo, a força coletiva do empreendimento ancorada na comunidade e, por fim, o espírito que inspirou o primeiro movimento concreto que permitiu o surgimento da revista.

Aleksandar Jovanovic
Editor e Presidente da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

Perspectiva confirmada

Há quase uma década, quando iniciamos a Fundação Pró-Memória e previmos as dimensões que *Raízes* poderia ter, sabíamos que o desafio era considerável e que muitas seriam as dificuldades. Sabíamos também do potencial das pessoas que se propuseram dar vida ao projeto, nelas acreditamos e os resultados superaram amplamente as expectativas em nível local, regional, nacional e mais além. Basta dizer que uma das maiores bibliotecas do mundo, a do Senado dos Estados Unidos, cataloga *Raízes* em seu acervo desde o primeiro número.

*Fundações, Universidades, Centros de Pesquisa latino e norte-americanos, canadenses e europeus, mantêm intercâmbio que passo a passo vem se consolidando com eficiência e excelência de resultados. Neste último ano, com a reestruturação da Fundação e consolidação de *Raízes* como seu órgão oficial, com a informatização e aproveitamento das notáveis possibilidades que a comunicação moderna põe a nosso alcance, faz-se modelo para a criação de órgãos e publicações similares, exatamente num momento mundial onde o resgate da história e da memória cultural*



dos povos é necessidade urgente e inadiável, face às dramáticas transformações de nossa época.

Temos, todos, o justificado orgulho de afirmar que nesse processo não somos meros espectadores. Estamos inovando e traçando caminhos, metodologias e perfis de trabalho, adiantando o futuro e preservando para as novas gerações o exemplo do trabalho e lutas, de realizações de nossa comunidade e suas personagens que fizeram e fazem a História.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Luiz Olinto Tortorello'.

Luiz Olinto Tortorello
Prefeito Municipal
São Caetano do Sul - Julho de 1998



Composição da
Câmara Municipal de
São Bernardo em
1936

Artigos

- 05** *Os primeiros representantes políticos de São Caetano*
Ademir MEDICI
- 15** *Bairro Prosperidade: A História da sua anexação a São Caetano do Sul*
José Roberto GIANELLO
- 19** *Conjuntos musicais contribuíram muito para o desenvolvimento artístico da cidade*
Henry VERONESI
- 25** *Cerâmica, uma arte milenar presente também no Município*
Antonio Augusto COELHO NETO
- 29** *De Caetano do Tijucuçu a São Caetano do Sul, uma longa marcha de conquistas*
Amaldo TREBILCOCK
- 33** *Um passado não tão distante onde brilhou uma importante escola*
Sonia Maria Franco XAVIER
- 35** *A Sociedade Internacional de Imigração e os debates sobre as liberdades no Brasil*
Aleksandar JOVANOVIC
- 40** *Engenheiro Billings, visionário que acelerou o desenvolvimento do progresso*
Octávio Camillo Pereira de ALMEIDA
- 41** *As irmãs clarissas em São Caetano do Sul*

Imigração

- 44** *Imigrantes espanhóis que lutaram venceram em São Caetano: Família Pereira Otero*
Yolanda ASCENCIO

- 46** *Os caminhos de Giacomo Basso: Itália, Estados Unidos ... São Caetano*
Oscar GARBELOTTO

- 48** *Famílias Coppini – Dellanegra, uma união de fibra e muito caráter*

- 51** *Velho soldado reclama: “Há prazo certo para heroísmo?”*

Domingo Glenir SANTARNECCHI

Esporte



Primeiros jogadores
do São Caetano
Esporte Clube
(1943)

- 57** *A primeira equipe juvenil de basquetebol masculino teve José Crivelaro como treinador*

Carlos GERCHTEL

- 59** *Recordar e viver; conquistas do vôlei da cidade na década de 60*

Nelson PERIN

Depoimentos

- 63** *No apito de uma fábrica, um timbre que marcou uma história de amor*
Mariza Lima GONÇALVES
- 65** *O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano*
Jayme da Costa PATRÃO
- 68** *Calças semicurtas, caminhadas, litros de água: lembranças nostálgicas de meu trabalho*
Gisberto GRIGOLETTO
- 70** *João Tessarini: a trajetória*
Caio MARTINS
- 77** Registro
- 79** Memória Fotográfica



Em 1936 - Composição da Câmara Municipal de São Bernardo no prédio da velha Câmara, à rua Marechal Deodoro, 1325, centro atual do Município de São Bernardo do Campo, com três representantes do Distrito de São Caetano. Na ordem horária: Pedro Dell'Antonia (Santo André), Antonio Petransan (Paranapiacaba), Bortolo Basso (São Bernardo), Pery Ronchetti (São Bernardo), Octavio Tegão (São Caetano), um escrivão não identificado, Antonio Flaquer (presidente, Santo André), Fioravante Zampol (vice-presidente, Ribeirão Pires), todos do Partido Constitucionalista; Armando de Arruda Pereira (São Caetano), Nelson Cardoso Franco (Santo André), Antonio Braga (Mauá), Francisco Degni (Santo André), Armando Setti (São Bernardo) e André Lorenzini (São Caetano), todos da Frente Única, Foto original publicada em 1937 no Album de S. Bernardo, de João Neto Caldeira

Os primeiros representantes políticos de São Caetano

Ademir MEDICI (*)

Ao longo da República Velha, na era Getúlio, no período da reconstitucionalização brasileira e logo após o período do Estado Novo, enquanto São Caetano mantinha-se ora como bairro, ora como distrito ou como segunda zona de Santo André, a cidade possuía representantes no Legislativo do que hoje chamamos Grande ABC, ABC Paulista ou, oficialmente, região Sudeste da Grande São Paulo. Até 1937 os representantes locais integravam a Câmara Municipal de São Bernardo. Na legislatura instalada em 1948 pas-

saram a integrar a Câmara Municipal de Santo André.

Semanalmente, os vereadores de São Caetano deslocavam-se para outras paragens da região para representar a sua cidade. Frequentaram a velha Câmara de São Bernardo, na Vila do mesmo nome, num prédio que ainda existe e foi recuperado, neste 1997, como bem histórico-cultural do atual Município de São Bernardo do Campo.

Na fase andreense, a Câmara Municipal funcionava no Edifício Sion, na avenida Alfredo Flaquer, onde depois seria instalada a Biblioteca Municipal. Nesta fase, quando ocorre a emancipação de

São Caetano, os vereadores do ex-Distrito são obrigados a mudar de domicílio, a transferir-se para Santo André, para continuar no Legislativo do município vizinho. Mas houve quem renunciasse.

Antes de iniciar vida política e administrativa própria, São Caetano possuía 19 vereadores e dois conselheiros municipais. Seus nomes e dados biográficos integram o *Almanaque dos Vereadores*, editado pela Câmara Municipal de Santo André (1).

É deste *Almanaque* que extraímos um pouco da história daqueles políticos de São Caetano, precursores dos momentos contemporâneos da história política da São

Caetano do Sul independente a partir de 1948.

O Distrito de São Caetano também teve candidados a vereador eleitos, democraticamente, pelo voto popular, mas que não tomaram posse em Santo André. Isto ocorreu em 1947 com os candidatos do PST, da chapa Os candidatos de Prestes. Apesar de diplomados, foram substituídos às vésperas da posse por manobras políticas.

Foram quatro os sancaetanenses eleitos em 9 de novembro de 1947, diplomados 10 dias após e não empossados em 1º de janeiro de 1948: João Sanches, o mais votado dentre todos os concorrentes, ele que tinha uma pequena fábrica de perfumes no bairro Monte Alegre e hoje reside no Mato Grosso, Angelo Corsato (operário da Adelina), José Benedicto de Oliveira (metalúrgico) e Antonio Fabiano Nogueira Júnior (do Monte Alegre).

Pelo mesmo partido, quatro permaneceram na suplência: José Luiz Barbosa, da Cerâmica São Caetano; Frederico Fedato, da rua Alagoas; Genabile Malavazzi, ceramista; e Marcílio de Oliveira, da GM.

A ordem das biografias, a seguir, obedece a ordem cronológica das legislaturas.

O primeiro representante de São Caetano na Câmara Municipal de São Bernardo foi Serafim Constantino, eleito em 1910, ao tempo em que a cidade sequer havia sido elevada à categoria de distrito de paz - era, meramente, distrito fiscal.

Os empresários Mario Giorgi e Armando de Arruda Pereira foram conselheiros municipais, no início dos anos 30 - e o segundo seria eleito, também e posteriormente, vereador.

A maior bancada de representantes de São Caetano foi a eleita em 1947, com a posse registrada em 1948, legislatura que marca a convivência, no plenário da Câmara Municipal de Santo André, de vereadores representantes das chapas branca e preta da autonomia de São Caetano. Eram 10 os representantes de São Caetano naquele momento de transição da política regional.

SERAFIM CONSTANTINO (2) (1876-1961) - O engenheiro-químico Serafim Constantino, que assinava Constantino Serafini, foi vereador à Câmara Municipal de São Bernardo em três legislaturas: 1911-13, 1914-16 e 1917-19. Nos dois triênios finais foi secretário da mesa. Um de seus trabalhos registrado em ata ocorreu no triênio 1914-6. No final da gestão do prefeito Alfredo Luiz Flaquer, Constantino apresentou indicação visando a confecção de caixas completas para iluminação a petróleo em São Caetano. Deveria, a Municipalidade, adquirir o número de postes necessários. O prefeito atendeu ao pedido.

Serafim Constantino nasceu na Itália, formou-se engenheiro e mudou-se ainda jovem para o Brasil. Trabalhou de engenheiro na companhia Pamplona, uma das primeiras grandes indústrias de São Caetano, estabelecida junto ao atual Bairro Fundação, onde depois seria implantado o complexo fabril Matarazzo. Ele chegou a morar em São Caetano e, aqui, foi presidente da União Operária.

Mais tarde, Constantino atuou na Gordura de Côco Brasil, do grupo Giorgi Picossi. Em determinado período, vinha uma ou duas

vezes a São Caetano, pois trabalhava como engenheiro-químico na Gessi-Lever, região de Jundiáí.

Nordeman Asêncio, que nasceu em São Caetano, começou a ter amizade com Serafim Constantino entre 1946 e 1952. Lembra que o velho engenheiro já tinha graves problemas de vista, usava óculos grossos, era baixinho, gordo e careca mas mantinha a inteligência e cultura adquiridas ao longo da vida. Asêncio diz que Constantino foi um verdadeiro professor para ele e para o seu pai.

Já então residindo em São Paulo, Serafim Constantino faleceu em 1961. Por decisão direta do então prefeito Anacleto Campanella, seu corpo foi transferido para São Caetano e sepultado no cemitério de Vila Paula, onde jazia sua irmã desde 1952.

Constantino era casado com Iole Serafini. O casal não teve filhos.

ANDRÉ REINHARDT - André Reinhardt foi eleito vereador em eleições suplementares realizadas a 18 de abril de 1920 para substituir a Alberto Blumer, que renunciou a 15 de março. Neste pleito, Reinhardt obteve 274 votos. Assumiu a 22 de junho de 1920 e completou o triênio 1920-22.

Uma das indicações de André Reinhardt data de 1º de agosto de 1921: "(...) que seja autorizado no próximo orçamento o pagamento aos vereadores que reclamaram a ajuda de custo, conforme determina a Lei nº 134, de 28 de outubro de 1912, compreendendo os exercícios 1920-1-2".

André Reinhardt era proprietário e residia em São Caetano. Foi sua única experiência como vereador na região.



JOÃO DOMINGOS PERRELLA (3) (1855-1939) - João Domingos Perrella era suplente de vereador em 1919 e assumiu cadeira à Câmara Municipal na vaga deixada pela morte de Antonio Joaquim de Lima. Tomou posse em 25 de outubro de 1919 e depois seria eleito para mais três legislaturas, nos triênios 1920-22, 1923-25 e 1926-28. Nos dois primeiros triênios foi vice-prefeito; no último, segundo secretário.

(Prefeito e vice-prefeito eram eleitos, indiretamente, pelos próprios vereadores, que ao longo da República Velha somavam seis representantes na Câmara Municipal de São Bernardo a cada legislatura, com mandato de três anos. Prefeito e vice participavam normalmente das sessões da Câmara. Tinham voz e voto. E na função executiva eram obrigados a seguir o que o Legislativo aprovasse e determinasse).

Perrella nasceu em Boiano, Província de Campobasso, Itália, a 12 de janeiro de 1855, filho de Nicola Perrella e Agatha Perrella. Veio para o Brasil, e para São Caetano, em 1883. Foi sócio-fundador da Sociedade Príncipe di Napoli. Possuiu armazém de secos e molhados e olaria. Produzia vinho, linguiça e queijo. Plantava tomate e sua esposa,

Rosa Perrella, preparava massa de tomate. Tiveram dois filhos.

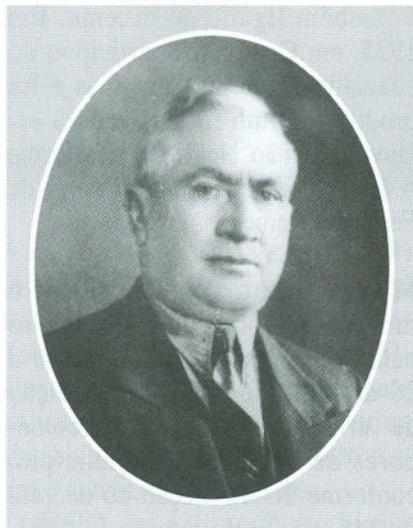
Na Câmara Municipal, a política fervia em 1924, na eterna rivalidade Franco-Flaquer, duas famílias antigas e tradicionais do distrito de Santo André. Saladino Cardoso Franco era o prefeito e Alfredo Flaquer estava firme na oposição. Aconselhado pelo prefeito a renunciar, Flaquer engrossou:

- Não renuncio porque estou na oposição somente para fiscalizar os atos do prefeito.

Os demais vereadores, entre os quais João Domingos Perrella, protestaram:

- E nós aqui, para que estamos?

Perrella faleceu em 1939 e sua família continua das mais numerosas em São Caetano, onde sua principal marca é a central rua Perrella.

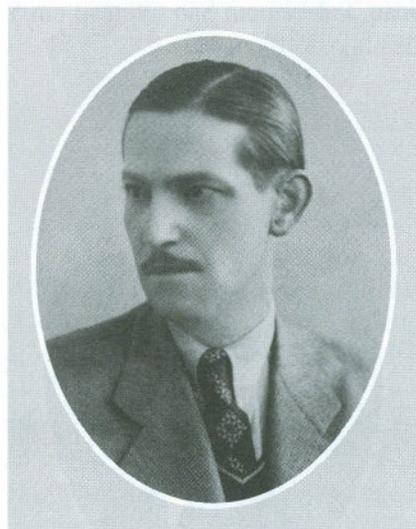


ANTONIO BARILE (4) (1875-1938) - No final da República Velha, Antonio Barile foi eleito vereador para o triênio 1929-31. A exemplo dos demais companheiros de Câmara, não completou a legislatura. Caiu com a Revolução de 30. Durante o período, foi o segundo secretário da mesa.

Antonio Barile era italiano de Boiano, Província de Campobasso, onde nasceu em 13 de dezembro de

1875. Veio com a família para o Brasil (e para São Caetano) em 1885. Aqui teve olaria e, em 1928, montou a Metalúrgica Barile, em sociedade com o irmão João Barile e o filho Orlando. A empresa ainda existe.

Em São Caetano, Barile foi presidente da Sociedade Príncipe Di Napoli. Casou-se com Maria Perucchi Barile, com quem teve sete filhos, um dos quais, Eduardo Barile, foi funcionário de carreira na Prefeitura de Santo André. Faleceu em 1938.



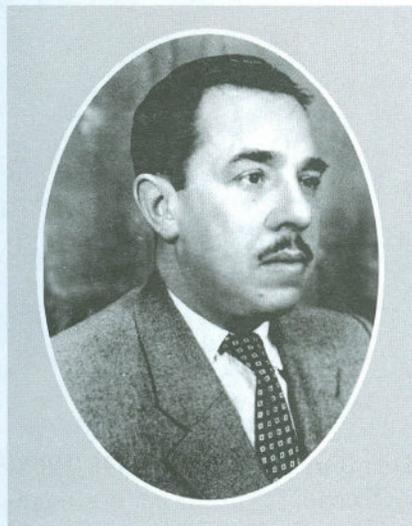
OCTAVIO TEGÃO (5) (1898-1966) - Octavio Tegão foi um dos representantes do Distrito de São Caetano na Câmara Municipal de São Bernardo entre 1936 e 1937. Como os companheiros, perdeu o mandato quando da decretação do Estado Novo. Posteriormente, seria eleito vereador à Câmara Municipal de São Caetano do Sul.

Tegão nasceu em Rio das Pedras, Piracicaba, em 20 de setembro de 1898. Era filho de João Batista Tegão e de Thereza Afrontini Tegão. Fez seus estudos no Colégio São Bento, em Olinda, Pernambuco.

Sua vinda para São Caetano ocorreu nos anos 20. Foi pioneiro na área de alfabetização, numa época de muita carência escolar. Na área cul-

tural, destacou-se como ator teatral. Atuou em todo o Estado. Escreveu e traduziu peças. Exerceu a presidência do Clube Instrutivo e Recreativo Ideal, que se destacaria por vários eventos culturais. No campo esportivo foi presidente do São Caetano EC.

Já no campo filantrópico, foi sócio fundador dos Hospitais da Beneficência Portuguesa e Beneficente de São Caetano. Recebeu vários títulos, entre os quais o de Cidadão Sul-caetanense. Foi casado com Josephina Juliani Tegão e teve dois filhos: Mário Luiz e Sérgio João. Faleceu em São Caetano em 5 de julho de 1966.



ANTONIO DARDIS NETO (8) (1906 - ?) - Antonio Dardis Neto foi vereador à Câmara Municipal de Santo André na legislatura 1948-1951. Seu trabalho básico no legislativo andreense foi a luta empreendida com outros colegas pela emancipação de São Caetano.

Eram 10 os representantes de São Caetano na Câmara de Santo André. Os que pendiam para a separação das duas cidades ganharam o apelido de chapa branca. Os demais eram os chapa preta. Como chapa branca, Dardis perdeu o mandato, através de resolução de 1º de janeiro de 1949. Ele e os companheiros Anacleto

Campanella, Lauro Garcia e João Dal'Mas, afastados dos cargos, recorreram e obtiveram mandato de segurança, sendo reintegrados.

A reintegração dos quatro ocorreu em 3 de março de 1949. Dardis renunciou 23 dias depois, em 26 de março de 1949, conforme processo 207-49.

Antonio Dardis Neto nasceu em Piraju, São Paulo, a 1º junho de 1906, filho de Felipe Dardis e Ema Malavazi Dardis. Mudou-se para São Caetano a pedido do interventor paulista Ademar de Barros com a missão de reorganizar o PSP local. Dardis cumpriu o seu trabalho, elegeu-se vereador por este partido e voltou para o governo estadual, onde trabalhou na Secretaria da Fazenda. Chegou a casar-se em São Caetano e faleceu na segunda metade da década de 70, quando não mais residia no Município.

O nome de Antonio Dardis Neto é também ligado ao cinema. Em 1925, em Campinas, participou do chamado Ciclo de Campinas e foi produtor de um filme ligado à escravidão: João Negrinho, conforme *A história do cinema brasileiro*, de Fernando Ramos.

MARIO GIORGI - Conselheiro municipal, nomeado e não eleito pelo voto popular. Tomou posse a 28 de julho de 1933, na condição de ser um dos 10 maiores recolhedores de impostos do município, conforme determinação do decreto 20.348, de 29 de agosto de 1931. Era um dos proprietários da Giorgi Picossi e Cia., produtora de óleo de côco instalada na década de 10 em São Caetano. Localizada à rua Amaronas, 1, a indústria era a segunda maior recolhedora de impostos do Distrito em 1930, perdendo apenas para o grupo Matarazzo.

Mario Giorgi era, em 1934, um dos representantes da Ação Integralista Brasileira em São Caetano.



ANDRÉ ARTHEMIO LORENZINI (7) (1900-1982) - André Arthemio Lorenzini também integrava a Frente Única e foi vereador, por São Bernardo, entre 1936 e 1937.

Natural de São Caetano, nasceu em 18 de fevereiro de 1900, filho dos imigrantes italianos Pedro Lorenzini e Santa Leoni Lorenzini. Era comerciante, atacadista, fornecendo produtos ao ABC. Nesta condição, presidiu a Associação Comercial e Industrial de São Caetano. Foi também vereador em sua cidade natal.

Casou-se com Gina Patrocina Lorenzini e teve três filhas: Odette, Elza e Lourdes. Faleceu em 15 de dezembro de 1982.

ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA(6) (1889-1955) - O engenheiro Armando de Arruda Pereira aparece duas vezes na história do legislativo regional. Da primeira vez, entre 1932 e 1934, exerce o cargo de conselheiro municipal. Na segunda oportunidade, ocupa cadeira na Câmara, como um dos vereadores eleitos por São Caetano.

Ao tomar posse como vereador, em 1936, Armando de Arruda Pereira, eleito pela Frente Única, concorre com o médico Felício Laurito, do Partido



Constitucionalista, ao cargo de prefeito. Perde por 6 a 7 e exerce a vereança.

Armando de Arruda Pereira viveu em São Caetano de 1923 a 1942. Era sócio de Roberto Simonsen à frente da Cerâmica São Caetano. Lutou pela autonomia de São Caetano no movimento de 1928, quando chegou a ser fundado o *São Caetano Jornal*, que não teve vida longa, da mesma forma que o movimento, integrado também por Antonio Flaquer, opositor ao prefeito da época, Saladino Franco.

Paulistano, Armando de Arruda Pereira nasceu em 28 de setembro de 1889. Era filho do comendador Armando Rosa Pereira e de Evelina Augusta Arruda. Estudou em São Paulo, na Escola Caetano de Campos. Concluiu o ginásio em Jacaré. cursou a Universidade de Birmingham, Inglaterra. Diplomou-se em Engenharia pela Universidade de Nova York, em 1910.

Foi diretor da Fiesp e do SESI e presidente do Conselho Regional do Senai. Integrou entidades como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, American Society of Civil Engineers, Fellow Royal Society Arts e Instituto de Engenharia São Paulo. Foi presidente do Rotary Internacional e governador do Distrito Rotário 72, que cobre todo o Brasil.

Na política, se não conseguiu ser prefeito em São Bernardo, foi prefeito de São Paulo, por nomeação, entre 1951 e 1953. Escreveu vários livros e muitos artigos na imprensa, inclusive da região.

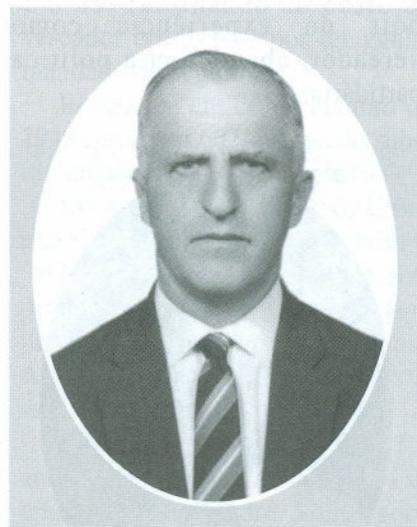
Armando de Arruda Pereira faleceu aos 66 anos, em 19 de março de 1955. Era casado com Bertha Rodolfina T. de Arruda Pereira e teve três filhos: Evelina, Armando e Maria do Valle.



ARMILINDO FRANCHINI (9) (1916-1983) - Armilindo Franchini foi vereador à Câmara Municipal de Santo André entre 1948 e 1951. Quando São Caetano conquistou a autonomia, e deixou de ser distrito, Franchini mudou-se para Santo André e completou o mandato.

Filho de Albino Franchini e Luiza Stfani Franchini, Armilindo Franchini nasceu em 28 de maio de 1916, em Santo André, fez o curso primário em São Caetano. Foi sócio da papelaria Ao Carioca e depois vendeu a empresa para transferir-se para Santo André, onde teve drogaria na rua Senador Flaquer e o Bazar Wilma. Casado com a professora Dalva Cintra Franchini, o casal teve dois filhos: Maria Luiza e Jurandir.

Armilindo Franchini foi juiz de paz em São Caetano, além de presidente do São Caetano EC e do Primeiro de Maio FC. Faleceu em 1º de setembro de 1983.



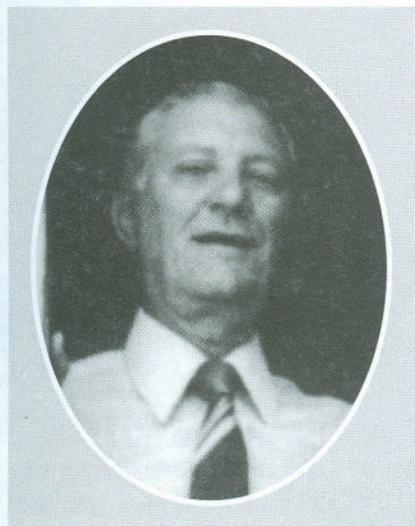
VERINO SEGUNDO FERRARI (10) (1911 -) Contador e professor, Verino Segundo Ferrari exerceu um único mandato à Câmara Municipal de Santo André, na legislatura 1948-1951. Com a emancipação de São Caetano, fixou residência em Santa Tereziinha, bairro de Santo André, em 1948, até terminar o mandato, quando retornou a São Caetano. Foi 1º secretário da Mesa em 1948.

Ferrari destaca como seu projeto, convertido em lei, matéria que isentava de emolumentos e apresentação de planta toda construção popular, com até 64 m². Este trabalho, por ele apresentado, teve orientação técnica do engenheiro Paulo Ferreira Lopes, amigo de Ferrari.

Verino Ferrari nasceu em São Caetano a 2 de janeiro de 1911, filho de Archinto Ferrari e Luiza Coan Ferrari. Criou, em março de 1939, a Escola Paroquial São José, depois Escola Paroquial São Caetano e hoje Instituto de Ensino

Sagrada Família, do qual é conselheiro. Fundou banco em São Caetano e dirigiu cinemas no Distrito de Utinga e Ribeirão Pires,

Casado com Davina Tereza Thomé Ferrari, tem três filhas. Depois da experiência como vereador, abandonou a política partidária.



LAURO GARCIA (11) (1916 -) - O economista Lauro Garcia foi vereador à Câmara Municipal de Santo André na legislatura 1948-51. E um dos quatro vereadores com raízes em São Caetano que se transformaram em líderes autonomistas. Chegou a ter declarada a perda do seu mandato. Foi substituído por Francisco Arnoni - do distrito de Ribeirão Pires - entre 12 de fevereiro e 2 de março de 1949. Retornou ao cargo de vereador em 3 de março do mesmo ano por ter ganhado mandado de segurança - a exemplo dos colegas Antonio Dardis Neto, Anacleto Campanella e João Dal'Mas.

Lauro Garcia iniciou nas lides políticas justamente nesta época, levado pelo movimento autonomista de São Caetano. Completou o mandato em Santo André, precisando, para isso, mudar o domicílio eleitoral de São Caetano

para o Município - depois que São Caetano alcançou a autonomia. Morou, então, na rua das Figueiras, 198.

Mandato concluído, Lauro Garcia retornou a São Caetano, onde foi eleito duas vezes vice-prefeito - numa delas chegou a exercer, interinamente, o cargo de prefeito, quando da licença do titular, Oswaldo Massei, em sua primeira gestão.

Lauro Garcia nasceu em São Caetano a 17 de novembro de 1916, filho de José Maria Garcia Júnior e Angelina Tomazella. Seu pai foi antigo funcionário municipal, desde os tempos do antigo Município de São Bernardo, aposentando-se pela Prefeitura de Santo André.

Garcia fez o curso primário em São Caetano. Formou-se perito-contador pela Escola de Comércio 30 de Outubro, do bairro do Brás, em São Paulo. Depois formou-se em Economia, tendo frequentado duas escolas: a do Comércio de São Paulo e a Faculdade de Ribeirão Preto.

É um dos fundadores do Hospital São Caetano e um dos sócios benfeitores. Aprendeu datilografia na Escola do Comércio do professor Juvenal Cunha, em São Caetano, e com tal instrução trabalhou na fábrica de louças Adelina. Teve escritório comercial (despachante) e manteve por vários anos uma fábrica de botões na rua Perrella. Divorciado, tem dois filhos, Lauro Júnior e Tânia.

EDUARDO FERRERO(13) (1920-) - Eduardo Ferrero foi um dos representantes do Distrito de São Caetano na Câmara Municipal de Santo André durante a legislatura 1948-51. Cumpriu integralmente o mandato e deixou a política partidária. Era do PSD.



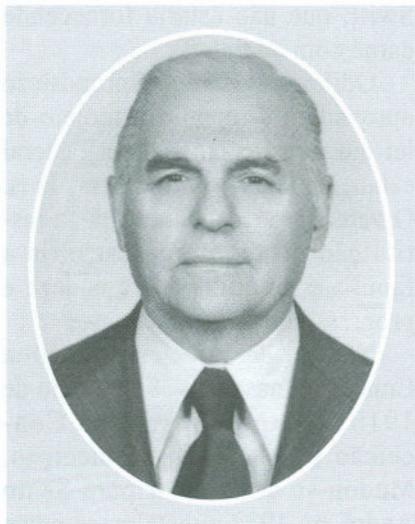
Natural de São Caetano, Eduardo Ferrero nasceu em 7 de janeiro de 1920. Quinto filho de um total de sete do casal Bartholomeu Ferrero Filho e Maria Vizentini. Como a maioria dos Ferrero, residiu à rua Amazonas.

Profissionalmente, Eduardo Ferrero manteve com o irmão Armando uma oficina metalúrgica em São Paulo. Durante cinco anos trabalhou na Indústria de Pregos Fermo, de ferramenteiro, à rua Amazonas. O velho Giardulo era o guarda-livro e ali trabalhou até 1984, quando se aposentou na função de comprador.

Casado com Enedina Riera, Eduardo Ferrero tem três filhos: Eduardo Angelo, Eloi José e Fernanda Maria. Desde 1989 reside em Santos.

JOÃO DAL'MAS (1913-1992) - Economista, João Dal'Mas foi vereador à Câmara Municipal de Santo André no período 1948-51. Seu trabalho voltava-se à luta pela emancipação político-administrativa de São Caetano. A Câmara chegou a declará-lo impedido de exercer o mandato, em janeiro de 1949, mesma medida aplicada a outros vereadores-autonomistas. Mas todos conseguiram manter-se nos postos.

Com a instalação do Município de



São Caetano do Sul, Dal'Mas continuou na militância política. Foi vice-prefeito pelo MDB na gestão Raimundo da Cunha Leite (1977-1983) e assumiu a Prefeitura por oito meses, quando Leite deixou o cargo para concorrer a vaga na Câmara Federal.

João Dal'Mas nasceu em São Caetano, filho de Victório Dal'Mas e Antonia Braido Dal'Mas. Formou-se contador em 1932 pela Academia Comercial Mercúrio. Sempre trabalhou com o pai na fábrica fundada em 1920 e que daria origem à Indústria Agroquímica Dal'Mas, que funciona até hoje.

Proprietário do Cine Vitória, João Dal'Mas foi presidente do Rotary Clube e presidiu o Conselho do Hospital São Caetano. Era viúvo de Celestina Lorenzini Dal'Mas e tinha dois filhos. Casou-se em segundas núpcias com Alexandrina Moretto. Faleceu em 15 de julho de 1992.

Memória - Uma das preocupações de João Dal'Mas sempre foi com a memória de São Caetano. Participava sempre, junto ao Museu local, dos encontros dos antigos autonomistas. Em 1977 participou de mesa-redonda promovida pelo jornal *Diário do Grande ABC*, quando levantou aspectos do movimento de emancipação.

Depoimento de João Dal'Mas: "O movimento de 48 foi a continuação do movimento de 1928. O primeiro movimento ficou enraizado na população. Posteriormente à nossa cassação como vereador, em Santo André, requeremos mandato de segurança e vencemos. E nos integramos novamente à Câmara Municipal. E só não renunciemos, eu e o Lauro Garcia, porque o prefeito Angelo Pellegrino - o primeiro de São Caetano do Sul - pediu que lá ficássemos, porque haveria vários problemas em pendência e nós poderíamos ser muito úteis a São Caetano. Assim fizemos. Surgiu, por exemplo, a questão da homologação da autonomia e tudo ocorreu perfeitamente em ordem".



ANACLETO CAMPANELLA (12) (1924-1974) - Anacleto Campanella iniciou sua vida político-partidária elegendendo-se vereador à Câmara Municipal de Santo André em 9 de novembro de 1947. Cumpriu parcialmente o mandato 1948-51 e trabalhou ativamente em favor da emancipação do Distrito de São Caetano, do qual era um dos representantes, e da sacramentoação do Município de São Caetano do Sul. Era da UDN.

Campanella teve declarada perda do mandato pela resolução de 1º de janeiro de 1949 (processo 29-49). Foi substituído pelo suplente Emílio Baldassi de 2-2-49 a 2-3-49, retornando ao posto de vereador em 3-3-49 por ter ganho mandado de segurança.

Renunciou em 20 de outubro de 1949 (processo 662-49), sendo substituído por Oswaldo Giampietro.

Em novembro de 1966, Campanella gravou entrevista com o jovem estudante Antonio de Andrade e falou sobre a sua passagem pela Câmara Municipal de Santo André, conforme os trechos a seguir transcritos:

"Meu sucesso na política foi em razão da minha atuação na Câmara de Santo André. Uma época muito boa. Levantamos a bandeira da autonomia de São Caetano. Permaneci vereador um ano e três meses em razão de uma promessa feita ao povo de São Caetano durante a campanha: se São Caetano fosse elevado a município eu renunciaria meu mandato em Santo André. Cumpri o prometido".

Anacleto Campanella nasceu em São Caetano a 14 de julho de 1924, filho de Miguel Campanella e de Tereza Campanella. Estudou no Liceu Acadêmico de São Paulo. A partir da experiência autonomista e de vereador em Santo André seguiu carreira política em São Caetano, elegendendo-se deputado estadual e prefeito duas vezes. Seu último cargo público foi o de deputado federal, eleito em novembro de 1966. Uma campanha que o aproximou novamente de Santo André, segundo a mesma entrevista gravada à época com Antonio de Andrade:

"Orgulho-me dos mais de 30 mil votos alcançados, grande parte deles na vizinha Santo André. Nem Lauro Gomes, nem Millo Ca-

marosano (os dois deputados federais anteriores) conseguiram mais votos que eu fora de suas cidades. Santo André me deu uma votação que valeu para mim muito mais que a minha eleição. Me encheu muito mais de orgulho, de satisfação, de emoção".

Campanella, que fora da UDN e do PSP, era então MDB, de oposição ao governo militar. Foi cassado em 1969, ficando 10 anos sem os direitos políticos. Período interrompido com sua morte, na noite de 23 de março de 1974, quando saía do Clube Comercial, em São Caetano.

Anacleto Campanella era casado com Aracy Torres e teve três filhos: Marisa, Aduato Cleto (também vereador) e Anacleto Júnior. Era contador. Trabalhou na Cerâmica São Caetano, na papelaria Ao Carioca e foi comerciante.

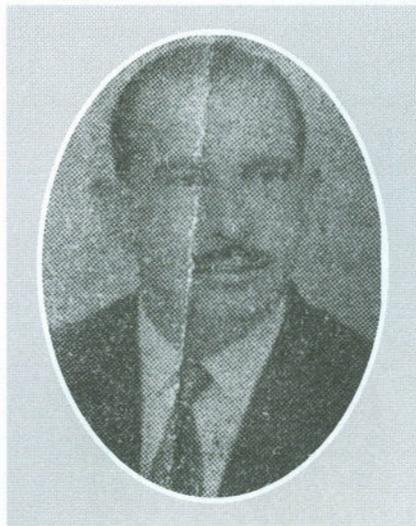


JOÃO RELA (14) (1889-1970) - O ex-ferroviário e comerciante João Rela foi vereador em Santo André na legislatura 1948-51). Depois abandonaria a política partidária, ao menos concorrendo a cargos públicos.

João Rela nasceu em Itatiba, SP, em 16 de setembro de 1889, filho de Giacomo e Antonietta

Rela. Veio para a região na década de 10. Foi chefe da estação em Campo Grande e, em 1917, mudou-se para São Caetano, como chefe da estação local. Ali montou uma padaria em 1928. Teve escritório de despachante. Foi juiz de paz. Presidiu a Sociedade Beneficente União Operária e vários clubes de São Caetano.

Casado com Filomena Bisquillo Nelo, João Rela teve cinco filhos. Faleceu em 3 de junho de 1970. Seu apelido era: O homem da capa preta.



ODILON CONCEIÇÃO (15) (1910-1976) - O comerciante Odilon Conceição foi vereador entre 1948-51, eleito pelo PDC com 124 votos. À época, possuía açougue em São Caetano e várias de suas denúncias e proposições relacionavam-se a esta área de abastecimento. Dois casos:

1. Na sessão de 5 de setembro de 1951, Odilon apresentou indicação sugerindo que enquanto perdurasse a entressafra deveria ser estabelecido um corte de 50% nas quotas destinadas às indústrias, a fim de que essa quantidade de carne fosse destinada ao consumo diário.

2. Na sessão de 31 de março do mesmo ano a denúncia era contra a

Swift, que não estaria fornecendo carne com qualidade.

Odilon teve também proposição aprovada em repúdio a projeto de lei em trânsito na Câmara Federal estabelecendo o divórcio no País. O vereador argumentava que a instituição do divórcio destruiria a família e aniquilaria a grandeza e progresso do País.

Natural de Piracicaba, Odilon Conceição nasceu a 29 de junho de 1910, filho de Sebastião Conceição e Rita Rocha Conceição. Mudou-se do interior para Santo André em 1932 e instalou açougue na rua Coronel Fernando Prestes, altura do atual Bar Gato Preto.

Em 1936 mudou para São Caetano, onde montou açougue na esquina da rua Amazonas com rua Niterói. Mudou-se, posteriormente, para a rua Augusto de Toledo, esquina com a rua Piauí.

No final dos anos 50 fechou o açougue, continuou morando em São Caetano e abriu serraria em Santo André, primeiro na Queiróz dos Santos e, depois, na avenida Atlântica.

Esportista, Odilon Conceição sempre foi ligado ao futebol. Presidiu o Democrático e o Corinthians de Santo André e foi dirigente da Liga Santoandreense de Futebol. Casado com Rosa Salvo Conceição, teve três filhos: Rita Conceição Thomé, Arnaldo Salvo Conceição e Odilsa Conceição. Posicionou-se contra a emancipação de São Caetano. Faleceu na cidade em 12 de junho de 1976.

OSWALDO GIAMPIETRO (17) (1924-) - O comerciante Oswaldo Giampietro foi vereador à Câmara Municipal de Santo André na legislatura 1948-51. Nas eleições de 1947, pela UDN, ficou na suplência de Anacleto Campanella. Acabaria assumindo em 20 de outo-



bro de 1949, em virtude da renúncia do colega de legenda. Em 1951 foi secretário da Mesa.

O trabalho básico de Giampietro junto à Câmara de Santo André foi pela consolidação do Município de São Caetano do Sul. Giampietro era um dos líderes autonomistas.

Natural de Birigüí, SP, Oswaldo Giampietro nasceu em 18 de fevereiro de 1924, filho de Antonio Giampietro e Catarina Damiano Giampietro. Fez o curso primário em sua cidade natal e o básico no Ginásio Santo André, já que sua família mudou-se do interior para São Caetano em 1935.

Continuou os estudos. Em 1948, formou-se contador em São Paulo, na Escola Alvares Penteado. Em 1952, pela mesma escola, formou-se em Economia.

Oswaldo Giampietro, na mocidade, colaborou com jornais locais, produzindo artigos. Foi redador de *O Revelador*, órgão do Centro Estudantiño de Cultura, e de *O Município*, jornal editado em São Caetano e que circulava também em Santo André e outros pontos da região.

Profissionalmente, dedica-se ao comércio desde 1951. Teve loja de confecções e de calçados, ativi-

dade que desenvolve presente-mente numa galeria do centro de São Caetano. Foi vereador em São Caetano e presidente da Associação Comercial e Industrial local entre 1957 e 61. Presidiu também a UDN em sua cidade.

Casado com Antonia Giampietro, Oswaldo Giampietro tem dois filhos: Oswaldo Júnior e Eliane Gissolni, advogada.

(Uma curiosidade: ano passado, realizando pesquisa em Mirandópolis, região Noroeste do Estado, localizei, no jornal local *A Cidade*, de 1954 - propaganda política de Oswaldo Giampietro, candidato a deputado estadual. Ele apresentava-se ao eleitorado da região como presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul. Não conseguiu se eleger. Um dos redatores do jornal era Wilson Giampietro Ribeiro).



GERALDO BENINCASA(16) (1919-) - Geraldo Benincasa foi vereador em Santo André na legislatura 1948-51. Elegeu-se pelas legendas coligadas PTB-PTN-PDT. Foi líder da bancada e II secretário da Mesa. Apresentou projeto recriando o extinto Tiro de Guerra. Benincasa integrou o grupo que liderou o movimento autonomista de São Caetano.

Geraldo Benincasa nasceu em Paraguaçu Paulista, SP, em 1º de setembro de 1919, filho de Achilles Benincasa e de Olivia Ramos Benincasa. É contador.

Foi subdelegado de polícia em São Caetano durante seis anos. Integrou escalão da FEB na última Grande Guerra, servindo em Quitauína. É sócio-fundador do Hospital São Caetano e recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense.

Profissionalmente, foi auditor interno da Volkswagen, tendo a oportunidade de ajudar na fundação do Volkswagen Clube. Trabalhou também na Simca do Brasil e na Willys Overland do Brasil.

É casado com Matilde Scartozoni Benincasa, tem dois filhos, Geraldo José e Márcia de Lourdes, e cinco netos. Está aposentado.

DANIEL PERRELA (18) (1923-1984) - Daniel Perrella foi vereador à Câmara Municipal de Santo André na primeira legislatura após a ditadura do Estado Novo, na condição de suplente do PDC. Sua primeira participação foi entre 17 de julho e 16 de agosto de 1948, quando da licença do titular Francisco Barone. Assumiu definitivamente em 17 de março de 1951, concluindo o mandato quando da renúncia do próprio Barone, que assumiu a Prefeitura de Santo André.

Em seu discurso de posse, Daniel Perrella informava que deixava o PDC para filiar-se ao PSP.

Daniel Perrella foi também vereador em São Caetano, pelo MDB, na oitava legislatura, quando obteve 1074 votos. Assumiu a 1º de fevereiro de 1977 e permaneceu no posto até 31 de janeiro de 1983. Em São Caetano, atuou em várias comissões. Foi eleito vice-presidente nas de Obras e Serviços Públicos, Finanças e Orçamentos.

Descendente de uma das famílias mais tradicionais de São Caetano, Daniel Perrella nasceu na cidade a 8 de julho de 1923, filho de João Perrella e Celestina De Nardi Perrella. Estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer, do bairro Fundação, e foi ligado a vários clubes, como o São Cristovão e o Cruzada. Foi também funcionário público municipal, trabalhando na Prefeitura de São Caetano como fiscal de obras.

Casado com Miquelina Paladino Perrella, teve quatro filhos: Celeste, Humberto, Darci Conceição e Marli Aparecida. Faleceu em abril de 1984.

NOTAS

(1) Almanaque dos Vereadores - Os

104 anos da Câmara Municipal de Santo André: 1892-1996, Ademir Medici, Santo André, Cromoprint, 1996. 155 p.

(2) Colaborou: Nordeman Asêncio.

(3) Colaborou: Claudio Perrella (neto).

(4) Colaboraram: Norberto Victor Barile (neto) e Felício Miguel.

(5) Colaborou: Sérgio João Tegão (filho).

(6) Colaborou: Sonia Maria Franco Xavier (*Raízes*, janeiro de 1991).

(7) Colaborou: Lourdes Lorenzini Braido (filha).

(8) Colaborou: José Roberto Gianello.

(9) Colaborou: Dalva Cintra Franchini (viúva).

(10) Entrevista gravada em 22-11-1994.

(11) Entrevista concedida em 23-1-1995.

(12) Colaborou: Antonio Andrade, que

gravou entrevista com Anacleto Campanella em novembro de 1966.

(13) Entrevista concedida em 21-1-1995.

(14) Colaborou: Amélia Relá (filha).

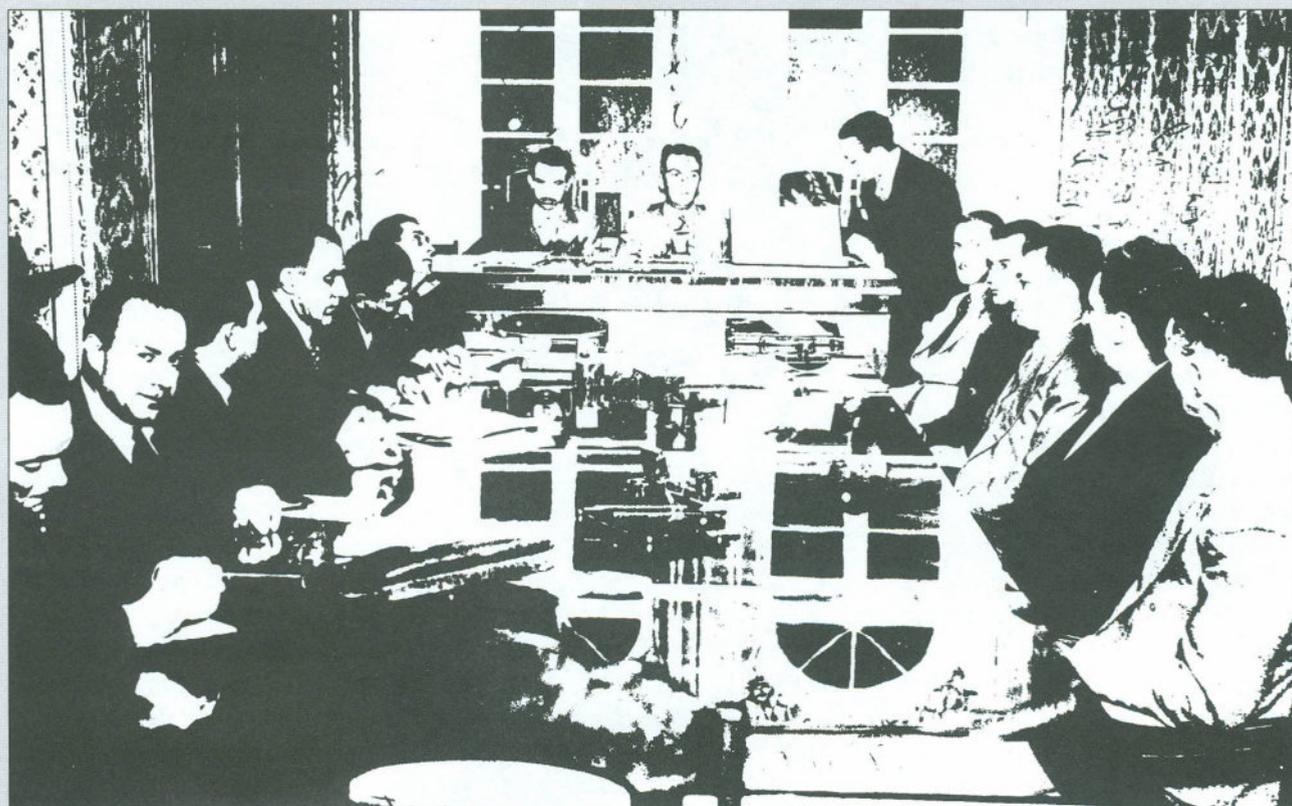
(15) Colaborou: Rita Conceição Thomé (filha).

(16) Depoimento por escrito feito em dezembro de 1994.

(17) Entrevista concedida em 10-3-1995.

(18) Colaborou: José Roberto Gianello.

() Ademir Medici é jornalista. Mantém há 10 anos uma coluna de Memória no Diário do Grande ABC. É autor de vários livros sobre a formação histórica e étnica da região, dentre os quais Migração e Urbanização - A presença de São Caetano na região do ABC (Editora Hucitec-Prefeitura de São Caetano do Sul, Série Histórica, 1993)*



Bairro Prosperidade: A História da sua anexação a São Caetano do Sul

José Roberto GIANELLO(*)

Na história de São Caetano do Sul o fato político mais importante foi o plebiscito de 24 de outubro de 1948, que elevou o sub-distrito de São Caetano, então pertencente à Santo André à condição de município, marco da aceleração do desenvolvimento industrial e comercial no contexto do pós-guerra. Em 1º de dezembro de 1963, um outro plebiscito, menos famoso, anexou a Vila Prosperidade (hoje, bairro Prosperidade) ao município de São Caetano do Sul; Santo André não aceitou o resultado e impetrou mandato de segurança no Tribunal de Justiça do Estado e recebeu decisão favorável;

São Caetano recorreu ao Supremo Tribunal e anulou a decisão do Tribunal paulista em 16 de junho de 1966. Em abril de 1967, com solenidade realizada na Sociedade Amigos de Vila Prosperidade, o bairro foi, oficialmente incorporado à São Caetano do Sul.

Este fato político é o objetivo deste artigo.

Rememorar através de documentos, depoimentos orais, jornais da época, toda a trajetória do bairro Prosperidade— da criação até a anexação à São Caetano do Sul — e também seu grande drama: as enchentes, consequência natural da sua própria localização, espremido entre a estrada de ferro, o rio Tamanduateí, seus afluen-

tes, o córrego do Moinho, e o córrego de Utinga, e os bairros periféricos de São Paulo situados numa altitude maior, também responsáveis pelo volume d'água despejados sobre a Vila Prosperidade.

A área onde está localizado o Bairro Prosperidade era maior do que indica a planta atual de São Caetano, e na década de 20 era uma extensa faixa de brejos que se estendia desde a Vila Bela, divisa com São Caetano, em São Paulo, até Santa Terezinha e Parque das Nações, já em Utinga, Santo André. Hoje, a área é de apenas três quilômetros quadrados, a partir do córrego do Moinho acompanhando uma grande e fechada curva no Rio Tamanduateí até chegar à rua do



Lideranças políticas de São Caetano e da Vila Prosperidade no mesmo palanque em defesa do plebiscito de 1º de dezembro de 1963. Da esquerda para a direita: Floriano Leandrini, Walter Braido, Oswaldo Samuel Massei, Mario Rodrigues, Padre Roque e Armando Furlan

Ouro. A partir daí no limite de São Caetano com Santo André, as divisas do Bairro Prosperidade são formados pelo cruzamento da rua Ouro com a avenida Prosperidade, acompanhando a via até a rua Felipe Camarão e seguindo por esta até o cruzamento com a estrada de ferro onde se atinge novamente o córrego do Moinho.

Na época da autonomia política de São Caetano, em 1948, a exclusão da Vila Prosperidade foi solicitada no documento *Pedido de Emancipação Política de São Caetano* enviado aos membros da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 23 de abril de 1948, assinado por José Homem de Bittencourt, seguido de 5197 assinaturas com firma reconhecida. Neste documento é solicitado que ao sub-distrito de São Caetano, quando vir a ser constituído em município receba as divisas territoriais da lei nº 1512 de 1916 com exclusão da área correspondente à Vila Prosperidade. As razões porque a Vila Prosperidade não seria incluída no novo município não estão muito claras, mas é óbvio que forças políticas de Santo André tinham influência nesta decisão, com o objetivo de assegurar as vantagens dos impostos arrecadados através das indústrias localizadas na área.

A Lei nº 1512 de 4 de dezembro de 1916, que criou o Distrito de Paz de São Caetano trata da divisa Territorial da seguinte forma em seu artigo 2º.

São as seguintes as divisas do novo distrito de paz: começando na barra do rio dos Meninos com o rio Tamanduateí, seguem por este acima até encontrar o córrego de Utinga, sobem por este até às suas cabeceiras; daí em linha reta até o rio dos Meninos e por este abaixo até o ponto de partida.

Pelo que está determinado nesta lei, fica claro que a área do Bairro Prosperidade sempre pertenceu à São Caetano, desde 1916.

Com a autonomia de São Ca-



Primeira página do Jornal de São Caetano, de 7 de Dezembro de 1963. O líder político da anexação da Vila Prosperidade à São Caetano, Walter Braido, discursa para a multidão reunida na praça

tano determinada a partir de 1948, e o Bairro Prosperidade excluído do mapa do município, começaram os problemas do bairro com o Município de Santo André, acusado de não atender à contento, as reivindicações mais prementes do bairro como fornecimento de água, saneamento, transporte coletivo, arruamentos, etc. Nesta época, o município de Santo André já enfrentava três movimentos de autonomia, o de Utinga, de Paranaipacaba, e Icatuaçu (região de Ribeirão Pires). O prefeito eleito de Santo André, Lauro Gomes apavorado com o *retalhamento* de Santo André compareceu no dia 18 de novembro de 1963 à Vila Prosperidade onde fez explanação sobre os planos de governo, procurando ouvir os moradores locais, a fim de tomar conhecimento de suas mais importantes reivindicações, para que, na hipótese onde não tenham sido incluídos no seu plano de governo, o seriam para atendê-los com a maior brevidade possível, no início de sua gestão na Prefeitura de Santo André.

Um dos líderes do movimento de anexação da Vila Prosperidade, Mario Rodrigues, conhecido como Marius, ligado a Sociedade Amigos da Vila Prosperidade, refutava as promessas do prefeito eleito de Santo André, Lauro Gomes rebatendo com o seguinte argumento: *"Todos os moradores da Vila Prosperidade estão querendo mudar para melhorar, tanto que qualquer vila de Santo André, deseja a separação para integrar-se em outro município, qualquer que seja, com quanto que saiam de Santo André, porém ao nosso saber, nenhuma vila de São Caetano do Sul, deseja sair de baixo do Protetorado do Príncipe e tanto menos para se integrar em Santo André"*.

Em 8 de novembro de 1963, a Comissão e Divisão Administrativa e Judiciária da Assembléia Legislativa do Estado aprova a realização do plebiscito para separação da Vila Prosperidade de Santo André e sua anexação à São Caetano. No dia 1º de Dezembro de 1969, cerca de 800 eleitores preparavam-se para decidir



Um dos últimos resquícios da presença de Santo André na Vila Prosperidade. A torre da caixa d'água durante sua demolição



Grupo Escolar Professor Wandelely Ramos Brandão, em Vila Prosperidade, inaugurado em 15 de março de 1952. Hoje neste local, esquina da rua Berilos com rua dos Mármore, existem a EMEI Romeu Fiorelli e EMI Gastão Vidigal Neto

em plebiscito sobre a anexação ou não da Vila Prosperidade à São Caetano do Sul. A agitação política tomava conta da Vila Prosperidade nos dias que antecederam o plebiscito. Políticos de Santo André dirigiam-se à Vila, em caravanas, a fim de apresentar serviços de última hora, tentando reverter o clima da vitória do SIM que representava a autonomia dos habitantes da vila em resolver os próprios destinos, escolhendo em ficar pertencendo ao município que mais possibilidade de recursos lhes apresentava. O prefeito de São Caetano Anacleto Campanella não tomava partido em prol da anexação da Vila por estar ligado politicamente ao prefeito eleito de Santo André Lauro Garcia, mas 90% dos moradores da vila queriam a anexação, e contavam com o apoio político do deputado estadual por São Caetano, Oswaldo Samuel Massei, do futuro candidato a prefeito Hermógenes Walter Braido, do presidente da Câmara Floriano Leandrini, do vereador João Azzi e muitos outros.

Vila Prosperidade venceu!

São Caetano ganhava três quilômetros quadrados de território apenas, mas politicamente esta anexação representava a reintegração de uma parte que lhe fora subtraída 16 anos atrás (1948) quando da emancipação político-administrativa de Santo André.

Na época, as importantes indústrias sediadas na Vila Prosperidade tinham renda superior a 600 milhões de cruzeiros anuais, quantia mais do que suficiente para resolver os seus problemas sociais.

Dos 528 eleitores que se achavam aptos a votar e que compareceram às urnas apenas um votou em branco, dez anularam o voto, 188 votaram não e 369 votam sim. A festa pela vitória foi grande, os moradores da Vila Prosperidade demonstraram sua

satisfação formando uma carreata de mais de 100 veículos, que partindo da Praça da Riqueza, percorreram as principais ruas de São Caetano, carregando os principais líderes da anexação, como Mario Rodrigues, Julio Fiorelli, Padre Roque, Hélio Benediti, presidente do Jabaquara Futebol Clube, Bartolo Fernandes, Rubens Mancime, presidente do Prosperidade Futebol Clube e Benedito Pereira, presidente da Liga Sancaetanaense de Futebol.

O prefeito de Santo André Clovis Sidnei Thom entrou com pedido de anulação do plebiscito, conseguindo provimento ao recurso que seria julgado em primeira instância pelo Tribunal Regional Eleitoral.

O problema se arrastou até 16 de junho de 1966. Neste dia a Vila Prosperidade voltou a pertencer a São Caetano do Sul. O Supremo Tribunal Federal deu provimento do recurso da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, reconhecendo a validade do plebiscito realizado no 1º de Dezembro de 1963. A notícia foi transmitida por telefone ao prefeito Municipal de São Caetano do Sul, Hermógenes Walter Braidó que acompanhou em Brasília o andamento do processo e



Fachada da sede da Sociedade Amigos do Bairro Prosperidade, entidade que liderou o movimento de anexação à São Caetano do Sul. Foto de 5 de dezembro de 1982.

do julgamento. A luta ainda não chegava ao final, somente no dia 13 de abril de 1967, terminou a longa batalha judicial contra Santo André, que através de sucessivos embargos retardou em 10 meses a alegria dos moradores da Vila Prosperidade em voltar a pertencer à São Caetano do Sul, terminando assim uma história de quase 18 anos, história da luta de toda uma população que queria voltar a fazer parte da cidade a que fôra subtraída, quando da emancipação de São Caetano do Sul.

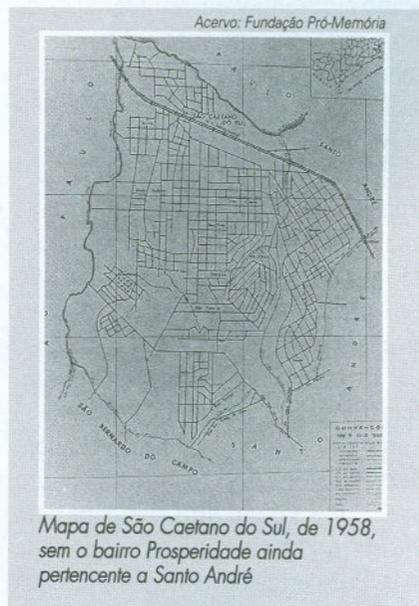
Só a partir desta data então, 13 de abril de 1967, pode a Prefeitura de São Caetano do Sul realizar um completo plano de obras públicas necessárias à Vila Prosperidade, com o objetivo de integrá-la o mais rápido possível ao ritmo de realizações que imperava em toda São Caetano. Deste plano contava a construção do Posto de Puericultura, Parque Infantil, Grupo Escolar, Ginásio, calçamento, esgoto, água, arborização e iluminação em todas as ruas ainda não beneficiadas.

Finalizando, as comemorações pela anexação à São Caetano, uma grande festa foi realizada na Praça da Riqueza no dia 23 de julho de 1967,

com a presença do prefeito Walter Braidó, e todos os diretores da prefeitura, ocasião em que foram lançadas as pedras fundamentais do Ginásio Estadual da Vila Prosperidade, do Parque Infantil, do Posto de Puericultura e do Grupo Escolar.

São Caetano do Sul, acrescentou assim ao seu minúsculo território mais três km², ganhando na época, um bairro com cinco mil moradores, 14 indústrias, e uma arrecadação anual de 2,5 bilhões de cruzeiros. Entre as empresas estavam a Oleoduto, Confab, Quimbrasil, Atlantic e Brasilit. São Caetano do Sul só voltaria a se envolver com problemas de divisa intermunicipal em 1967, quando da retificação do rio dos Meninos, e aí entraria a prefeitura de São Paulo e o antigo IAPI, naquela área onde foi construída a estação de tratamento de esgotos.

Mas esta é uma outra história, que fica para uma outra vez.



Mapa de São Caetano do Sul, de 1958, sem o bairro Prosperidade ainda pertencente a Santo André

(*) José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Conjuntos musicais contribuíram muito para o desenvolvimento artístico da cidade

Henry VERONESI(*)

Até o final do Século XIX, as festas em São Caetano eram animadas por músicos solitários que tocavam, mal e mal, um só instrumento, invariavelmente, uma sanfona, e músicas de pequeno repertório que conheciam. A maioria deles era leiga, musicalmente falando. Executavam músicas que tinham aprendido de ouvido, decoradas e executadas de acordo com sua interpretação, sem aquela técnica exigida pela partitura do autor. Vez ou outra eram acompanhados de outros instrumentos ou cantores. Caso típico em São Caetano de músico solitário foi a do exímio sanfoneiro Bepo da Sanfona que sozinho animava um baile a noite toda.

A partir do século XX, com as fundações da Sociedade Príncipe Di Nápoli – em 1885 – e da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano – em 1907 – as festas públicas e os bailes eram abrilhantados pelas suas próprias bandas, criadas para essas finalidades. Com a formação desses conjuntos musicais, os elementos que as compunham, obrigatoriamente, tinham que conhecer música, pois cada um tinha que corresponder com a função do seu instrumento no conjunto, ou banda musical. Todos os músicos aprendiam música na própria banda que era, ao mesmo tempo, sua escola musical.

CONJUNTOS - A partir da década de 20, começaram a se formar conjuntos musicais, com maiores recursos, para a execução de composições, que evoluíam, não só na harmonia, como também na melodia.

Surgiram conjuntos de salões que



Década de 10 – Banda da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano do Sul. Instalação do Cartório de Paz de São Caetano na rua Heloiza Pamplona, em 26 de janeiro de 1917. 1-Martorelli (bumbo), 2-Angelo Veronesi(Clarinete), 3-Benedito Moretti(pistão), Antonio Fernandes(Caixinha), 5-º, 6-Arthemio Veronesi(baixo), 7-º, 8-Celito Fernandes(clarinete).

na maioria das vezes não tinham mais do que cinco ou seis músicos que tocavam, violino, clarinete, violão, contrabaixo, popularmente conhecido como rabeção, trombone e flauta.

Com a evolução da orquestração das músicas, os conjuntos musicais foram obrigados a aumentar o número de instrumentos. Essa evolução exigiu que os conjuntos musicais aumentassem o número de músicos, se quisessem acompanhar o progresso musical. Ainda na década de 20, em São Caetano, começaram a se formar as jazz-bands, cuja composição exigia um maior número de participantes, conseqüentemente, maior número de instrumentos. O jazz-band, pela sua natureza, era um conjunto musical que se adaptava bem à execução de músicas alegres e populares. Por isso era ideal para animar festas coletivas, onde o principal objetivo era o prazer de dançar. O jazz-band era o que dava importância

à festa. Por isso, nos cartazes de propaganda da festa nunca era omitido o nome da jazz que iria tocar, geralmente com a seguinte frase:... o baile será abrilhantado pelo Jazz-Band...

O baile valia muito em função do jazz-band que iria nele tocar. No ABC grandes orquestras e jazz-bands se apresentaram, tendo passado por Santo André a Orquestra de Harry James que com o seu pistão (trompete) mágico executou a música *Estrelita* cuja performance, com certeza ficou gravada na memória dos que a ouviram.

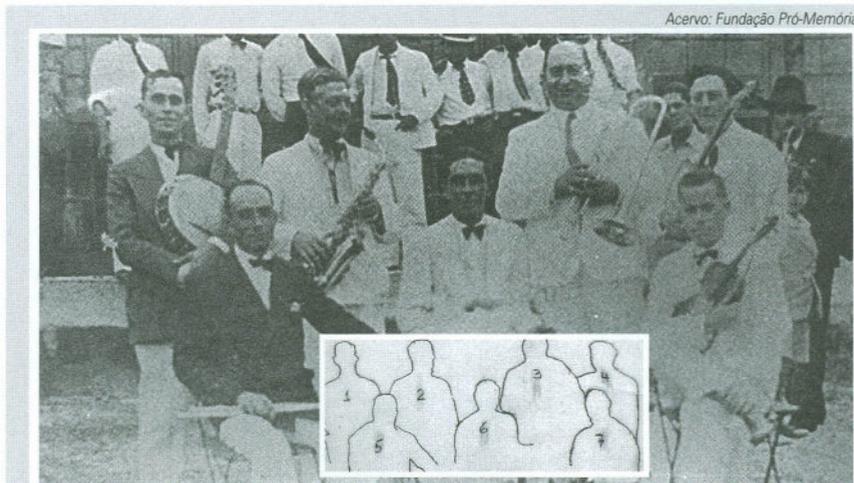
Por muitos anos os jazz-bands estiveram na *crista da onda*, como se dizia na gíria, animando as festas dançantes. Em muitos salões da capital os bailes eram conduzidos por dois jazz-bands que se revezavam de hora em hora, sem nenhum intervalo, tocando toda a tarde ou toda a noite sem parar.

Em São Caetano, o primeiro jazz-

band, que se tem notícia, foi formado no Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal, fundado em 11 de Janeiro de 1922, num pequeno salão localizado na rua Rodrigues Alves, transferindo-se, logo após à sua fundação para a Rua Rio Branco, 45 e, no final da década de 30 para a rua Santa Catarina, posteriormente para a rua Santo Antonio, já com o nome de Clube Comercial.

PIONEIRISMO - J.Negro e Seu Jazz era o nome abreviado de Jacomo Negro e Seu Jazz. Foi um dos primeiros jazz-bands formados em São Caetano. Ele nasceu, praticamente, com a fundação do Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal, no ano de 1922. Compunha-se dos seguintes instrumentistas: irmãos Negro, Jacomo, Batista e Chelso que tocavam, respectivamente, flauta, violino e banjo; irmãos Veronesi, Angelo e Caserio, o primeiro tocava saxofone e clarinete e o segundo banjo e violão; Antonio Fernandes, bateria e João Barille, trombone de pistão.

Na década de 30, após o desligamento dos irmãos Negro e Angelo Veronesi, os músicos remanescentes, unindo-se a outros formaram outro conjunto, batizando-o com o nome de Bando da Lua e Seu Jazz. Esse conjunto, já com um número maior de figurantes era composto com os



Década de 20 (mais ou menos 1923). J. Negro e Seu Jazz (Jacomo Negro e seu jazz). Picnic do GIR Ideal em Santos. 1-Chelso(Vicente)Negro, 2-Angelo Veronesi, 3-João Barille, 4-Caserio Veronesi, 5-Jacomo Negro, 6-Antonio Fernandes.

seguintes músicos: dona Eliza no piano; Verissimo no violino; Mario no saxofone; Baiano no pistão; Antonio Fernandes na bateria; João Barille no trombone de pistão; Casério Veronesi no banjo e violão; Maria Fiori como cantora e Augustinho Panunzio, marido da cantora, apresentador. Os jazz-bands J.Negro e Seu Jazz e O Bando da Lua e Seu Jazz funcionaram por muitos anos nos clubes de São Caetano, principalmente no Ideal e no Lázio. Em 1939, por ocasião da ida da Carmem Miranda – Maria do Carmo Miranda da Cunha – para os Estados Unidos da América do Norte-

USA – o jazz *O Bando da Lua e Seu Jazz* foi obrigado trocar de nome, porque, com a Carmem Miranda seguiu um conjunto que adotando o mesmo nome e se antecipando ao conjunto de São Caetano, registrou aquela denominação.

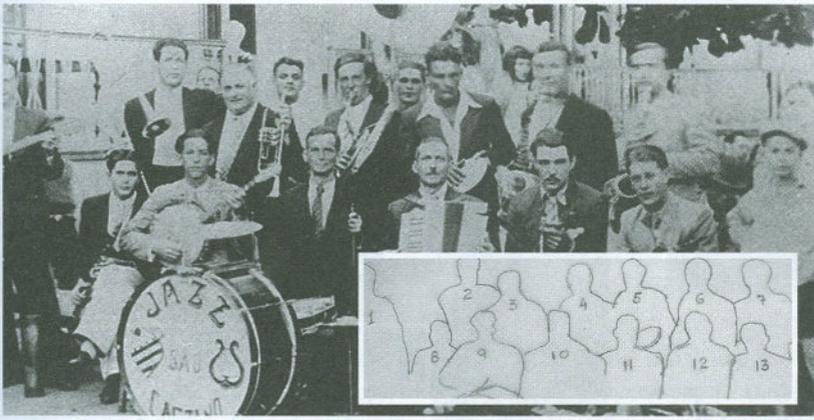
Posteriormente à formação do conjunto *J.Negro e Seu Jazz*, outros jazz-bands foram se formando em São Caetano, pois, cada clube que se fundava, logo formava o seu conjunto de dança.

EXPANSÃO - No decorrer das décadas de 30 a 60, muitos clubes se formaram, e, em virtude disso, muitos conjuntos musicais se criaram. Nesse período surgiram os seguintes clubes: Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, São Caetano Esporte Clube, Clube Atlético Monte Alegre, G.R. 14 de Julho, Paraízo F.C. (na Vila Bela), Clube Esportivo Lázio, Clube Esportivo Rio Branco, Almirantes Saldanha da Gama, Guarany, Cerâmica Futebol Clube, Piratininga F.C., Espanha F.C., Flor de Liz (antigo Espanha), Flor do Mar, Clube São Bento, Clube Comercial, Clube Jabaquara, Ypê Clube, Acasc, Teuto, G.M.Esporte Clube, I.A.L. Olinda F.C., e outros que tiveram pequena duração.



Ano de 1939, Salão do Lázio (antigo salão do GIR Ideal). O Bando da Lua e Seu Jazz. 1-Dona Eliza, 2-Verissimo, 3-Mário, 4-Antonio Fernandes, 5-Baiano, 6-Casério, 7-Barille, 8-Panunzio, 9-Maria Fiori.

Acervo: Henry Veronesi



Jazz São Caetano (1936). Pic-nic em Santos. 1-2, 2-Tabarana, 3-David Cucato, 4-Ernesto, 5-Felício Ricci, 6-7, 7-8, 8-Mário, 9-Reynaldo Fumagalía, 10-Alexandre, 11-José Rieli, 12-Nélio Fazani, 13-Waldemar Famula. Este jazz-band tocava no São Caetano Esporte Clube

Com a fundação desses clubes, o surgimento dos jazz-bands e orquestras J.Negro e Seu Jazz, Jazz São Caetano, Orquestra de Luiz Modena, O Bando da Lua e Seu Jazz, Batista e Sua Orquestra, Jazz Oriental, Carioca e Sua orquestra, Orquestra Guarany, Jazz-band Cine Parque, Jazz-band Americano, Orquestra de Riciere Maranhão, Orquestra de Waldemar Famula, Orquestra Tiroleza de Nicolay Beringher, Orquestra de Oswaldo Lourenço, Jazz Band São Bento, Jazz Band São Caetano, Conjunto de Rítmicos Copacabana, Narciso e Sua Orquestra, Orquestra Guarany, Orquestra Copacabana, Toscano e Sua Orquestra.

Os músicos que participaram dessas orquestras ou jazz-bands nas décadas de 30 a 60, eram quase todos oriundos de São Caetano. Ora tocavam num conjunto, ora noutro, mas quase sempre na cidade. Foram: Batista Negro, Oscar Ferrari, Sebastião Modena, Nélio Fazani, Waldemar Famula, Fortunato Fonseca, Amélio, que tocavam violino; Angelo Veronesi, Arthur Menin, Abelardo, Manoel de Oliveira, Geraldo, Helvetio, Antonio, Stochio Milani, Joãozinho, Aparecido, Clóvis Magnuson, Henrique, Heleno, Soares, Geraldo, Mioto, Antonio Jordano,

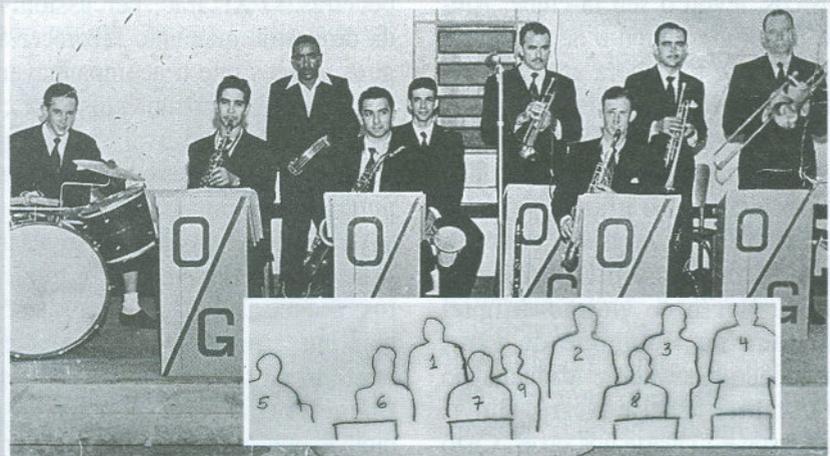
Oscar, Claudio, Antoninho Jodar, João Fonseca, Mario que tocavam saxofone; Caserio Veronesi, Chelso Negro, Reynaldo Fumagalía que tocavam banjo e violão; Oswaldo Lourenço, Bonello, Lauro, Miguél Gonçalves, Romilson, Mosquito, Baião, Tenente Claudio, David Cucatto, Baiano, Gastaldello que tocavam pistão; Farofa, Tabarana, Arlindo Felipe, Astro, Cláuricio, João Barille que tocavam trombone; Marcelino Veronesi(Ciro), Antonio Fernandes, Mario Menin, Aragão, Salu, Galaorte(Lolote), Fernandes Pereira, Pasqual, Lenilson(Simonal),

Armando 1º, Armando 2º, Alexandre, Francisco Fernandes(Kiko), Giorgeti que tocavam bateria; dona Eliza, H.Tizo que tocavam piano; como cantores algumas figuras se revelaram, algumas delas cantando pelo interior e na noite de São Paulo: cantoras, Catarina, Maria Fiori, Alicinha, Célia, Heleninha, Francis, Nice Braga, e outras mais; cantores, Dorival Sanches, Paulo Stacciarini, Gil, Roberto Amaral, Humberto Gregnani, Edemancio, Orlando, Elcio, Caldas, Silvio Ramos, Adilson Silva, Arlindo Magaroto, Toros Torossian (Afonso), os irmãos De Ross, Angelo, Dante e Felipe.

Os jazz-bands e as orquestras da época eram compostas de ótimos músicos que tocavam instrumentos diversos. Executavam grandes repertórios musicais que só boas orquestras tinham possibilidade de tocar. Por essas razões elas eram muito requisitadas não só no Município como nas cidades adjacentes e do interior do Estado. A fama dos jazz-bands e das orquestras de São Caetano, para bailes, transpunha os limites da cidade.

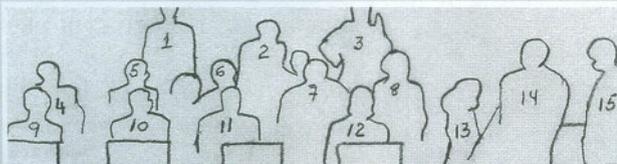
Todo jazz-band ou orquestra, tinha seu fã clube. Fosse onde fosse tocar, o jazz ou a orquestra, lá iam os

Acervo: Olindo Toscano



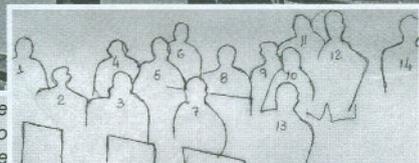
Salão do Clube Jaragua, rua Santa Catarina, 25. Orquestra [jazz] Guarany, 1949. 1-Juvenal, 2-José, 3-João B.de Carvalho, 4-Olindo Toscano, 5-João Marcoci, 6-Mineirinho, 7-João Acorinte, 8-João Juarez, 9-2 rítmista.

Acervo: Olindo Toscano



Salão do São Caetano Esporte Clube (na ocasião São Bento), ano de 1956. Orquestra São Bento, 1-Sebastião, 2-Aragão, 3-Thomas, 4-Antenor (mosquito), 5-Oswaldo Lourenço, 6-João Acorinte, 7-Olindo Toscano, 8-Manoel Staciari[ni] (cantor), 9-Antonio, 10-Stochio Milani, 11-Joãozinho, 12-Manoel de Oliveira, 13-Terezinha

Acervo: Olindo Toscano



Salão do Jockey Clube do ABC, São Bernardo do Campo, ano de 1956. Orquestra Guarany. 1-Joel dos Santos, 2-João Juarez, 3-Stóchio Milani, 4-Olindo Toscano, 5-José Gicaida, 6-Marcelino Veronesi, 7-Manoel de Oliveira, 8-Oswaldo Lourenço, 9-?, 10-João Acorinte, 11-Alexandre Verticchio, 12-Francisco Visacre, 13-Waldemar Famula, 14-Paulo Staciari[ni] (cantor)

pés-de-valsas acompanhando-as. Nessas andanças muitas coisas pitorescas aconteceram.

FÃ-CLUBE - Certa ocasião, lá pelos idos do ano de 1952 a Orquestra do Batista (Batista Negro) uma das melhores da época e que era quase exclusiva do São Caetano Esporte Clube, foi contratada para tocar numa sociedade de elite do distrito de Ribeirão Pires. A festa era para comemorar uma data importante da cidade e por isso, o Batista, além de reforçar a sua orquestra com diversos músicos, levou o seu fã-club. Alugou um ônibus, lotou-o de músicos e *pés-de-valsas* e na hora aprazada rumaram para Ribeirão Pires.

Chegando lá, começou o traslado dos instrumentos para o salão onde iria realizar-se o grande baile de comemoração. A orquestra era composta pelos seguintes músicos: Batista Negro no violino; Miguel Tabarana no trombone de vara; Gastaldello, Oswaldo e Miguelzinho no trompete; Chelso Negro, Clovis Magnuson e J. Duarte nos saxes; Cisto no pandeiro, Luiz Giorgetti na bateria, Verticchio no contrabaixo; J. Sanches no acordeão; H. Tizo no pi-

ano; Xixarão-Mario Fanati, nos instrumentos de percussão; Angelo de Ross era o cantor. Naquela noite, acompanhavam a orquestra, entre outras pessoas, Emílio de Francisco, Oswaldo (Boca), Geraldo Belmonte, Hugo Cucato e Narciso Ferrari.

Os músicos para entrar no salão, precisavam estar carregando os seus respectivos instrumentos. Assim, o instrumento era o salvo-conduto para ingressar no recinto do salão. Na porta de entrada um diretor fiscalizava os transeuntes evitando a entrada de penetras. O Xixarão, percussionista da orquestra, querendo favorecer alguns amigos que o acompanhavam, distribuiu seus instrumentos para cada um. Todos não tiveram a menor dificuldade na entrada, pois, estavam portando algum instrumento e por isso deveriam ser músicos da orquestra. O Xixarão ao distribuir os instrumentos, esqueceu de ficar, pelo menos, com um, a fim de poder entrar também e evitar o pagamento da entrada. Como era um cara-de-pau sem igual, cinicamente, foi entrando. O diretor não vendo instrumento algum com ele, o interpelou:

- Cavalheiro, onde o senhor vai?

- Junto da orquestra pois faço parte dela.

- O que o senhor faz? Chegando-se bem perto do ouvido do diretor lhe disse: Eu sou aquele cara que quando a orquestra está tocando mambo-jambo fica junto do cantor para lhe dar uma puxada no saco na hora que ele tem que fazer uuuh!!!.

SONECA - A Orquestra Toscano, uma das maiores e que teve mais tempo de duração na cidade, foi contratada para tocar numa festa do Clube Cartolinha de Santo André. O baile deveria realizar-se no salão de festa da Firestone, em Santo André. Era praxe, quando a orquestra fosse tocar fora de São Caetano, o aluguel de um ônibus para transportar os músicos e os instrumentos. Como não havia dificuldades para os músicos chegarem ao local onde iriam tocar, ficou combinado que cada músico compareceria no local, na hora aprazada, por conta própria. Os instrumentos de grande porte seriam transportados por condução especial.

No momento do início do baile, o maestro Olindo Toscano deparou-se com um problema. O baterista Armando não havia chegado. O Arman-

do não era de faltar a compromisso, por isso, os músicos fizeram um pouco de cera, aguardando a chegada dele. O início já estava atrasado e o zum-zum-zum dos dançarinos começava a se avolumar. O maestro não tendo outra alternativa, improvisou um músico que tocava outro instrumento, como baterista e começou o baile com certos tropeços.

A esperança de que o Armando a qualquer minuto aparecesse era unânime. O Armando era uma pessoa responsável e nunca iria dar um cano daquela natureza. Passadas algumas horas, nada do baterista aparecer. Coitado do Armando. Teria acontecido alguma coisa desagradável? Um acidente, por exemplo? Toscano começou a ficar preocupado. De nervoso, passou a sentir dó do amigo Armando.

A orquestra continuava a animar o baile, porém, com muita dificuldade. O repertório selecionado, já exigia o concurso do instrumento tocado pelo baterista substituto. Já não sabendo à que apelar, resolveu fazer um intervalo, prática que era comum naquela época, e, sendo conveniente, naquele momento, deu folga para os músicos. Pegou o maço de cigarro e, pensando sempre no que poderia ter acontecido ao Armando, saiu para o pátio onde estacionavam os carros. Com espanto visualiza o Volkswagen do baterista

que estava a poucos metros de distância. Admirado, aproxima-se apressado e depara-se com uma cena que quase o mata de susto. Deitado no banco traseiro, jazia o Armando, estendido sem os sapatos e o paletó. De princípio, pensou...Estaria o Armando morto? Não, não poderia ser. Ao aproximar-se, ouviu os sonoros roncões do Armando. Furioso, chacoalhou o carro e aos berros, desta vez quase matando o Armando, acordou-o, exigindo que tomasse, imediatamente, o seu lugar na orquestra. O Armando tinha chegado mais cedo e resolveu puxar um ronco. Ele que não tinha sofrido acidente algum, por pouco não morreu nas mãos do maestro da orquestra, Olindo Toscano.

PREFERÊNCIAS - Entre os períodos das décadas de 30, 40, 50 e 60 os ritmos musicais para dançar variaram muito. A preferência deles nos bailes, porém, foi se modificando, de período em período, às vezes na mesma década. Isso acontecia porque os ritmos das músicas sempre relacionaram-se com a coreografia da dança.

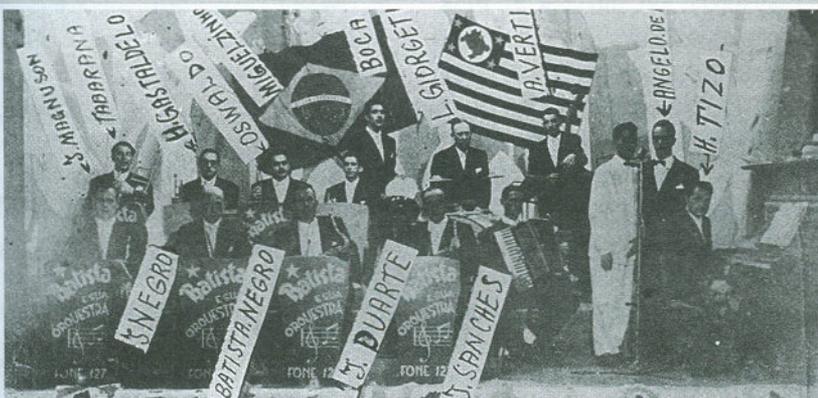
No período entre as décadas de 20 e 30, a preferência recaiu sobre o xote, a rancheira, a canção, o maxixe, a valsa, o choro, o samba que engatinhava. No final da década de 30 a rumba e o bolero já encontravam espaço no grande repertório musical

brasileiro. Durante as décadas de 40 à 60, o samba, o samba-canção, o bolero, a rumba, o fox, o fox-canção (blues), foram as músicas mais tocadas nos salões de bailes. Os boleros, e os foxes, no entanto ganhavam destaque. Essa preferência era produto da influência estrangeira que na época explorava filmes cinematográficos, exibindo as melhores orquestras do mundo. Foi a época de ouro desses ritmos. Nesse período, o samba não ficou para trás, pois foi e era dos grandes compositores nacionais, como Zequinha de Abreu, Noel Rosa, João de Barro, Vadico, J.Cascata. Alcebiades Barcellos, Roberto Martins, Ary Barroso, Assis Valente, Ataíde Alves, Gastão Lamounier, José Maria de Abreu, Custódio Mesquita, Sady Cabral, Francisco Alves, Alcyr Pires Vermelho, Lina Pesce, Herivelto Martins, David Nasser, Mario Lago, Ewaldo Ruy, Dorival Caymmi, José Maria de Abreu, Lupicínio Rodrigues, Jair Amorim, Fernando Lobo, Zé Pretinho, Herve Cordovil, Manezinho Araújo, Antonio Maria, Zé Ketí, Joubert de Carvalho, Alberto Ribeiro, Maysa Matarazzo, Dolores Duran, Orestes Barbosa, Lamartine Babo, Benedito Lacerda, Pixinguinha e muitos outros mais.

Outros ritmos como o mambo-jambo, a conga, o swing, o tango, também eram tocados nos salões de bailes, com menos frequência, devido à complexidade dos movimentos da dança.

CINEMA - No ano de 1953, por ocasião da filmagem da película *Sinhá Moça*, estrelado por Eliane Laje e Anselmo Duarte, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de São Bernardo do Campo, necessitando contratar uma orquestra para tocar numa cena do referido filme, veio à São Caetano do Sul e contratou a Jazz-Band do Batista (Batista Negro) que diante daquele aparato cine-

Acervo: Narciso Ferrari



Batista e Sua Orquestra, 1952. Salão do São Caetano Esporte Clube

matográfico, deu o seu recado de forma brilhante.

ASSOCIAÇÃO - Os músicos de São Caetano do Sul, sentindo-se desamparados pelas autoridades governamentais e legislação da época, agrupados, formaram uma entidade de proteção, com personalidade jurídica que a denominaram Associação dos Músicos de São Caetano do Sul.

Com toda documentação legal em ordem, foi marcada para o dia 27 de março de 1958 a Primeira Assembléia Geral, cuja ordem principal do dia era a eleição do Conselho Deliberativo, da Diretoria e da Diretoria Administrativa. No dia e hora aprazados, 2 de Abril de 1958, às 10h30, tiveram início os trabalhos, no salão social do São Caetano Esporte Clube, sito à rua Perrella.

O salão estava repleto de músicos e interessados na associação, assim como, de políticos atuantes da época. Anacleto Campanella, ex-prefeito da cidade foi o convidado especial para dirigir os trabalhos da assembléia, como presidente da mesa diretora. Logo após abrir os trabalhos, deu a palavra a diversos oradores que expuseram aos presentes a importância da fundação da entidade que daquela data em diante reivindicaria, em nome da classe, os direitos inerentes aos músicos. Usaram da palavra, os músicos Marcelino Veronesi e Olindo Toscano. O presidente da mesa, também falou e, de imediato, propôs que a eleição fosse realizada por aclamação, apresentando uma chapa que foi, por unanimidade, aprovada e eleita, ficando o Conselho Deliberativo constituído pelos seguintes conselheiros: Marcelino Veronesi (Ciro), Olindo Toscano, Waldemar Famula, Oswaldo Lourenço, Loto Chioperia Mi'na, Antonio Martins, João Acorinte, Paulo Staciarini, Manoel de Oliveira, Darcy Lúcio Carnevalli, Abelardo Sandron, Lourenço Câmera, José Peinado, José Astolphi, Arthur Taci-



Orquestra Copacabana, 1952. Salão do Clube Comercial na rua Santa Catarina

oli, Renato Lima, João Juarez, Galaorte Fernandes (Lolote), José Magnuson, Arlindo Felipe, Dorival Sanches, Enrique Bolsone, Rubens José de Faria, Mario Marotta, Canuto Mendes Moraes, Joaquim Carlos, Batista Negro, Fruguli Lorenzini, André Ferrer, Carlos Paes, Ercio Latieri, Luiz Nobile, Francisco Vizachri, Nicolau Ribeiro, Mauro Ribeiro, Janete Ribeiro, Terezinha Tauber, Yara Vasco, Joel dos Santos, João Batista de Carvalho, Adalberto Tarcanyl, Nelson Orlando. Para a diretoria que teve sua eleição logo em seguida, foram sufragados os nomes de Joaquim Carlos e do maestro Oswaldo Lourenço, para presidente e vice-presidente; para a diretoria administrativa foi eleito para presidente Olindo Toscano; para vice-presidente, Mário Marotta.

FIM - A Associação dos Músicos de São Caetano do Sul, fundada em 1958, teve duração efêmera, pois, em 1960 foi fundada a Associação dos Músicos do Brasil, em São Paulo, obrigando os músicos da região se filiarem a ela. No entanto, as raízes da formação da classe tiveram lugar nesta cidade, o que a coloca como vanguardeira na iniciativa referida.

São Caetano do Sul, no passado, foi berço de ótimos músicos, maestros e compositores. Como músicos, poderão ser citados os irmãos Negro, os irmãos Fazani e muito mais que

atuaram em jazz-bands e orquestras sinfônicas; como maestros, Roberto Manzo, autor do Hino de São Caetano do Sul e Oswaldo Lourenço que dirigiu diversas orquestras, editoras musicais e gravadoras, e que é autor da valsa Luar de São Caetano do Sul. Como compositor Caserio Veronesi, com mais de mil composições, entre clássicas e populares, todas devidamente, catalogadas.

(*) Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas, ex-radialista, ex-diretor do programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados (Subseção de São Caetano do Sul), ex-diretor da Caixa Pensões dos Funcionários Públicos Municipais de Santo André, ex-presidente da Comissão de Licitação e Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, ex-diretor da Fazenda e de Administração na Prefeitura de Santo André, e ex-diretor do Departamento de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul.

Notas:

Benge em Seresta, Canção Popular – Belo Horizonte (1992);
Grandes Figuras da Música Popular, nº 1 – Francisco Alves, Editora Palmares Ltda.;
Jornal de São Caetano, Edição de 2 de Abril de 1958;
Narciso Ferrari, Contador – São Caetano do Sul;
Maestro Oswaldo Lourenço, São Caetano do Sul;
Olindo Toscano, músico e empresário de orquestra.

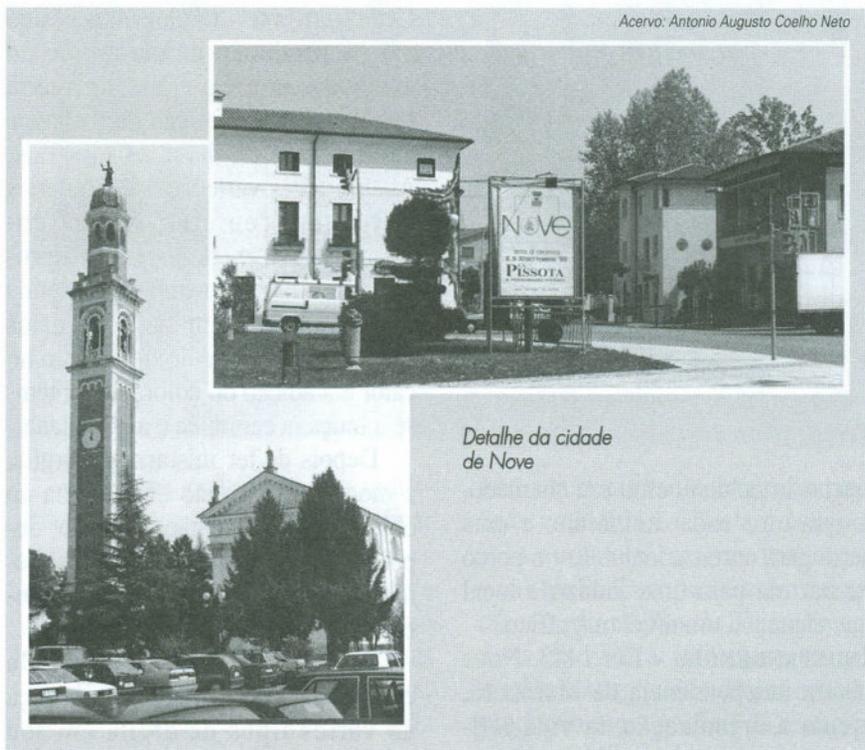
Cerâmica, uma arte milenar presente também no Município

Antonio Augusto COELHO NETO (*)

Tudo começou na China no século VII. A primeira notícia que se tem a respeito deste extraordinário produto, a cerâmica, leva-nos à metade do século XIII, quando Marco Polo chegou a Veneza com um vaso branco agora conservado no tesouro de São Marco como o primeiro objeto em porcelana a entrar no Ocidente. A produção da cerâmica difundiu-se em outros países como a Pérsia e a Coréia, não esquecendo das célebres peças japonesas do final do século XVII, de onde emergiu a esplêndida cerâmica de Kakiemon.

Na Europa várias foram as tentativas de imitar a porcelana do Oriente como Bernardo Buontalenti de Firenze em 1575. Já em 1727, Giovanni Battista Antonibon, em sua velha casa paterna, abriu aquela que seria a mais importante fábrica de cerâmica da República Vêneta. Vinte e três anos depois, operários alemães e franceses começaram a trabalhar a cerâmica na Terra da Cerâmica, como é chamada a cidade italiana de Nove. E foi depois de outras tantas tentativas que Pietro Lorenzi começou a produzir a cerâmica dura e semi-dura, misturando adequadamente a argila de Brenta e de Tretto, uma localidade vicentina perto de Schio.

Finalmente, em abril de 1995 foi inaugurado o Museo Civico della Ceramica di Nove, com suas coleções repartidas por épocas, documenta amplamente a história da cerâmica veneta, novese e vicentina em particular, dos anos setecentos até os dias atuais, suas técnicas, suas matérias prima.etc.



Detalhe da cidade de Nove

ORIGEM - Nove, assim como Bassano distinguem-se pela produção de cerâmica na Itália, desde 1685 na chamada Ville Delle Nove. O nome Nove deve-se, não se sabe ao certo, do número de casas que na região eram nove e assim permaneceu por um longo período, ou porque a terra era nova para os homens que nela trabalharam, uma terra fértil, portanto nova.

Nove deve sua origem ao rio Brenta, que na época não tinha tantas barreiras como hoje, uma vez que mudava o curso dependendo do volume de água das chuvas, ora deixando um terreno, ora ocupando outros.

Não se tem nenhuma fonte que nos diga com precisão a data em que o homem começou a habitar essa zona. O local ficou, por séculos, exposto à fúria das águas e dos bár-

baros, não dando chance ao homem de estabelecer-se e construir seu núcleo social.

Uma grande chuva ocorrida em 589 mudou o curso do Rio Brenta, deixando um rastro pedregoso, transformando-se, mais tarde num pasto, que passou a chamar-se de Vegra della Brenta. Este território que deveria pertencer a Cartigliano, acabou sendo parte do Município de Maróstica (gemelata com São Bernardo do Campo), antes disso pertenceu a cidade de Veneza até o ano 1.200. No século XIV, a região foi cedida por Maróstica às famílias mais antigas que quisessem construir ali uma casa, ficando então, pelo que se tem comprovação em documento, à família Tomasoni, que já cultivava a terra, desfrutando da água do Brenta vinda através de um riacho, o

Acervo: Antonio Augusto Coelho Neto



Cerâmica Stringa, antiga fábrica de Nove

riacho Isacchina como era chamado, movia uma roda de moinho e uma serra para cortar a lenha. Era o ponto de partida para uma indústria local que alcançou um nível magnífico.

INDEPENDÊNCIA - Em 1443, Nove obtém independência de Maróstica, atenta a organização da vida religiosa, com o aumento da população e o desejo de maior e mais viva participação à vida sacramental. E foi assim que os habitantes decidiram, em 1453, construir a Igreja de São Pedro Apóstolo. As atividades políticas, econômicas e administrativas permaneceram inalteradas até o início do século XVII. Depois disso prosperou e hoje, entre Bassano e Nove existem aproximadamente 150 indústrias de cerâmica que exportam para o mundo todo.

Os primeiros grupos humanos, quando perceberam que a terra misturada com a água, em contato com o calor, endurecia e se tornava impermeável, começaram a moldar vasilhas para o transporte e a conservação do alimento. Assim, acredita-se que durante o período neolítico o Homem que jamais permaneceu em uma situação cômoda, e facilitado pela abundância

de matéria prima, começou a difundir a produção de vasilhas.

Acredita-se sobretudo ter sido a mulher a responsável pela modelação e a invenção dos trabalhos e decorações com a cerâmica.

COMPOSIÇÃO - O elemento básico para a produção da cerâmica, do grego *keramos*, é a argila, uma terra formada da composição de rochas, e uma mistura de diversos minerais. As diferentes variedades de minerais presentes, conferem várias colorações, por exemplo, o ferro proporciona um tom mais ou menos rosado. Com a mistura de vários tipos, a diversidade do tratamento no calor e a adição do colorante, obtêm-se a louça, a cerâmica e a porcelana.

Depois de ter misturado a argila, a modelagem à mão dá a forma ao objeto desejado, então é cozido, depois pintado através de diversas técnicas como pincel, molde ou carimbo, e depois um novo cozimento.

Em Nove a produção da cerâmica, favorecida pela presença de vários tipos de argila em seu subsolo, e a possibilidade de usar a força hidráulica do rio Brenta, para mover os moinhos e trabalhar os pastos e transportar os produtos

finais, teve início em 1700 com a obra de Giovan Batista Antonibon, que obteve isenção de taxas do Senado da República de Veneza para sua fábrica, particularmente interessado nas atividade artística que estava crescendo, e sempre atento à concorrência da cerâmica holandesa e a chinesa, muito prestigiada.

NOVIDADE - Tempos depois, o filho Pasquale Antonibon introduziu à produção da porcelana, novas decorações como paisagens, flores, animais, tornando-se um decorador de renomada fama, comercializou seus produtos com metodologia inovada. No final de 1700, comandava a Fábrica Antonibon, Gió Maria Baccin que procurou novamente adequar-se ao mercado, produzindo também a louça branca, já muito difundida na Inglaterra, mas com baixo custo, fazendo concorrência com a própria louça italiana.

Com o bloqueio das importações, para salvaguardar o mercado italiano, que no final dos anos 1800 sofria uma crise econômica, procurou-se fazer um produto mais modesto, não dirigido a uma faixa social nobre, mas sim popular.

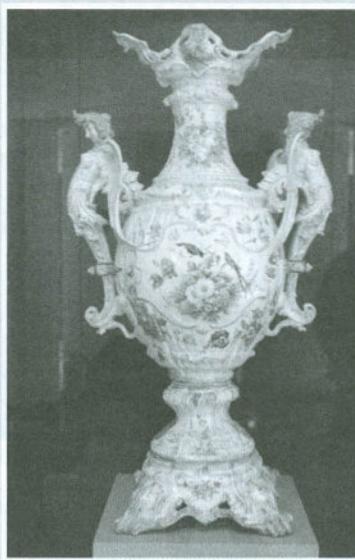
Acervo: Antonio Augusto Coelho Neto



Linha de produção da Cerâmica Dal Prá



Peças do Museu da Cerâmica de Nove



Acervo: Antonio Augusto Coelho Neto

Em Nove distinguiram-se também os Viero, os Cecchetto, A Manufatura Agostinelli e Dal Prá, Demetrio Primon e Antonio Zen. Emergiram também artistas como Parini e Petruco, precursores da cerâmica moderna e os escultores De Fabris, fundador da Escola de Arte.

Os métodos praticados hoje não são muito diferentes daqueles tempos. Máquinas especiais trabalham a pasta, outras acionam os tornos, fornos a gás, que, sempre quentes, dão um melhor cozimento e proporcionam baixo custo na produção. As peças ora simples, mas significativas, ora refinadas, fazem a produção da cerâmica de Nove famosa tanto na Itália como no exterior, não só pela sua ótima qualidade, mas também por encontrar-se na vanguarda da criatividade artística.

PROSPERIDADE - Portanto, é fácil constatar-se que a atividade é muito importante, seja em nível industrial ou artesanal. A essas juntamos outras como embalagem, transporte, comercialização, serviços, etc. Tudo contribui para que Nove seja moderna, próspera e famosa em todo o mundo.

Em visita a algumas das indústrias de Nove, foi possível verificar que realmente, apesar de todas as inovações, a indústria da cerâmica parou no tempo, graças a Deus. Isso devido ao número elevado de artistas que trabalham nessas indústrias, reconhecidos como verdadeiros mestres. Todas as peças partem de um bloco de argila, que após moldadas, revelam-se como obras-primas. Muitas delas ou até mesmo a maioria será produzida em série, através de moldes.

Mas, o mais importante é a criatividade destes mestres que manuseiam a argila, dando formas ou pintando com tanta originalidade que se tem a impressão de que Michelângelo está por perto. São mesas imensas cheias de pincéis, tintas, carimbos, e muita arte, muita mesmo. Depois são mergulhadas em tintas e verniz e finalmente para enormes fornos por onde as peças passam como se fossem biscoitos que nos deliciam só de olhar.

LA PISSOTA - Outra curiosidade de Nove é um jogo denominado La Pissota que teve origem nos vendedores ambulantes que partiam a pé, com

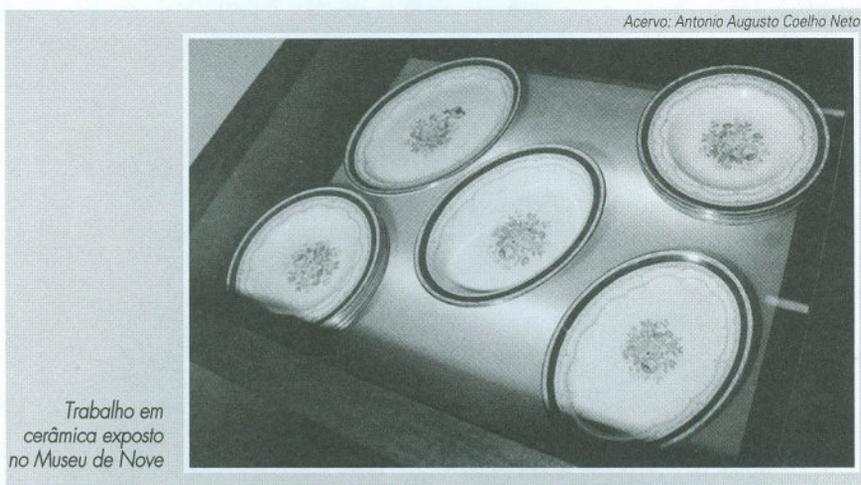
uma caixa cheia de estampas populares coloridas. Ficavam longe de casa durante meses em longas viagens pela Europa. Estes comerciantes da região de Bassano, por volta de 1700 a 1800, giravam pelo mundo comercializando uma enorme produção iconográfica da Estamparia Remondini, glorioso empreendimento daquele período e que não se repetiu durante toda a História. E através de tantas estampas vendidas porta a porta por vales e cidades, La Pissota foi protagonista. A origem deste jogo e das estampas tem alguns séculos. Era conhecido certamente em Roma e inteligentemente os Remondini recuperaram-no e puseram-se a estampar e reinventaram como novo o divertido jogo romano.

La Pissota é um jogo de tómbola, cujos números são substituídos por figuras. Contém sujeitos e objetos da vida do dia-a-dia, alguns de derivações fantásticas, todas de inspiração genuinamente popular. O sucesso foi decorrente não só por ser uma bela realização gráfica, mas também por ser interessante passatempo, um jogo para toda a família

e para reunir amigos. De fato, segundo relatos, os bassaneses não o deixavam faltar em casa, e passavam as longas noites do inverno jogando as clássicas no verão. Juntamente com a cerâmica, La Pissota é também outra expressão da cultura popular típica deste pequeno pedaço do Vêneto. Hoje se joga La Pissota como o jogo de Maróstica, na praça, com pessoas e objetos.

É difícil precisar em que época surgiram os primeiros trabalhos de olaria no Brasil, dado a sua vastidão e poucas referências, como diz Aristides Pileggi em seu livro Cerâmica no Brasil e no Mundo. Algumas tribos indígenas nos deixaram vestígios de seus trabalhos, principalmente pelo testemunho de religiosos como frade Carvajal (1541) e o padre Cristóbal de Acunã (1636).

BRASIL - Pelas gravuras de Hans Staden, da época, vê-se que os nossos índios esmeravam-se na arte e foram mesmo empreendedores da olaria. Na época colonial e imperial, as famílias ostentavam suas peças importadas, principalmente da França, substituindo suas baixelas de



Trabalho em cerâmica exposto no Museu de Nove

estanho, prata e ouro, generalizando assim, por todo o País o seu uso.

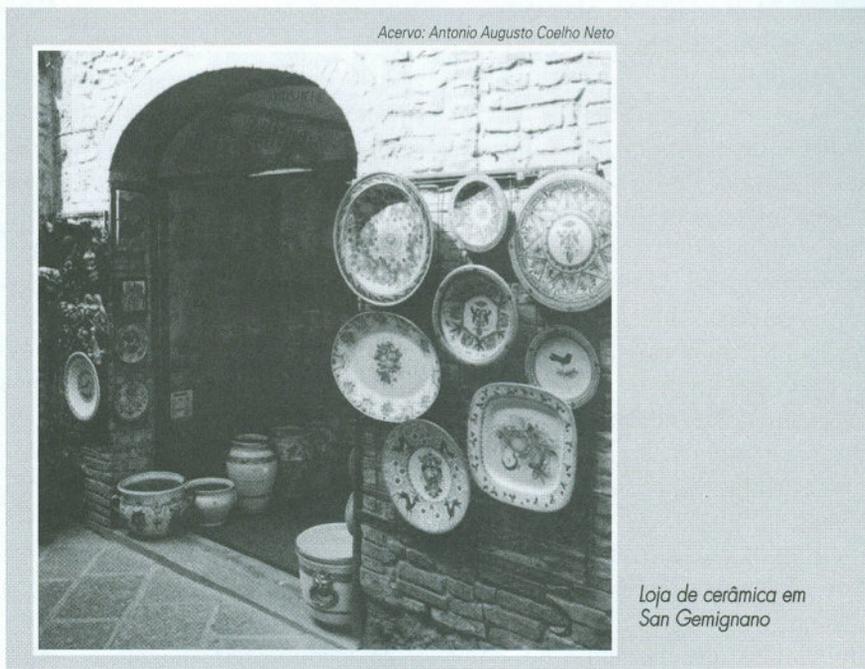
Em 1793, através de uma carta, D. Maria I, solicitou a João Manso Pereira, profundo conhecedor do fabrico de argila, que montasse uma indústria de cerâmica e porcelana no Brasil, apenas informando o total dos gastos, sem obstáculos. Havia então interesse da Corte portuguesa no empreendimento, a fim de criar até concorrência com a própria Europa. Efetivamente, a primeira fábrica a produzir no País a louça de pó-de-pedra aqui foi a Fagundes &

Ranzini na Água Branca em São Paulo, através do técnico ceramista italiano José Zappi, contratado pela empresa e indicado pela Cooperativa Cerâmica d'Imola. Depois de findo o seu contrato de três anos, Zappi permaneceu no Brasil emprestando seus amplos conhecimentos de cerâmica a outras indústrias, inclusive em São Caetano do Sul. Em 1921, organizou a sua própria empresa, que conserva o nome do fundador até hoje, conquistando diversos prêmios na Europa.

Nos primeiros dias, nossa indústria hesitou em importar algumas matérias-primas, como argila plástica da Holanda e carbono de magnésia da Grécia. No entanto, poucos anos depois, foram descobertos depósitos de argila de boa qualidade, bem como jazidas de caulim em São Caetano do Sul e Santo Amaro.

Em São Caetano do Sul, algumas das mais importantes indústrias de cerâmica de mesa e artística, assim como, azulejos, pastilhas e grés de porcelana e isoladores de porcelana, já participaram e outras ainda participam do crescimento da cidade.

(*)Antonio Augusto Coelho Neto, formado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, é professor de Fotografia e autor de diversas exposições de fotografia, inclusive internacionais.



Loja de cerâmica em San Gemignano

De Caetano do Tijucuçu a São Caetano do Sul, uma longa marcha de conquistas

Arnaldo TREBILCOCK(*)

Sempre que tentamos pesquisar a história de São Caetano pensamos na gleba de terra que pôr primeira vez foi conhecida pelo homem branco com o nome um tanto misterioso e místico, brasilianíssimo: terras do Tijucuçu... nome arrevesado ouvido pelos portugueses que pousaram na mata do Tijucuçu a caminho da vila de São Bernardo da Borda do Campo, vila de nome longo e vida curta, destruída em 1560. Estas terras do tijucuçu, foram conquistadas ou simplesmente ocupadas por capitães e Bandeirantes. O uso que tais donos fizeram das terras, se nelas plantaram algo, se delas tiraram algum proveito é pouco conhecido, havendo apenas algumas vagas referências...

Uma notícia mais positiva veio pela doação feita aos padres beneditinos, antes por um capitão e depois por um bandeirante, de duas glebas que os colendos padres uniram e batizaram Fazenda de São Caetano. Vemos então que o início civilizado ou branco do atual município foi místico: um torrão pátrio, naquele então patrimônio da coroa de Portugal, parte de auspiciosa colônia... e depois posse de um grupo de padres beneditinos, misticamente sob a proteção de um Santo.

OCUPAÇÃO - Qual teria sido a reação (?!?) dos índios ao verem suas terras manipuladas por gente de fora, ocupadas e parcialmente exploradas por quem as tinham recebido em doação! O que sabemos é que os santos padres cuidaram de catequizar os arredios indígenas, inculcando em suas mentes a filosofia que os tornava pecadores renitentes, homens de pouca fé, culpados de reverenciar deuses maus que nem existiam. Tupã foi execrado... Os nobres



benedictinos cuja escassa cultura nunca chegou a saber que Tupã era simplesmente Deus, deixaram bem claro aos infelizes índios que todos seus males, todas as catástrofes que os atormentavam eram atos do deus ruim. Disseram mais: os índios tinham vivido milênios envolvidos em pecados: tinham então subitamente sido eleitos a filhos do verdadeiro Deus que enviara a eles, padres, para conduzi-los ao caminho da Luz, à vida limpa, casta e venturosa!

Mas... para merecerem completamente o novo reino dos céus os infelizes deveriam purgar seus muitos pecados! E aí estavam os enviados pelo Supremo para ajudá-los em sua redenção! A primeira coisa que os infiéis deviam fazer, para conquistar a vida verdadeira era.. trabalhar, servir a Deus por seus enviados e permitir aos padres lançar-se com todo ardor à divina obra de redenção. Aos pecadores cabia cuidar para que aos seletos padres nada faltasse, da mesa farta ao conforto dos catres. E assim foi que os donos iniciais de São Caetano, minúscula parcela da

gigantesca gleba Brasil (grafada então Brazil, com o zê forte...) tornaram-se felizes cooperadores dos santos padres que, em troca de tudo, davam aos índios o conforto da palavra catequêsica que os iria transformar em gente.

E assim foi, ao receberem em doação as glebas, os doutos padres as uniram e fundaram a Fazenda São Caetano; ali iniciaram a produção não-agrícola de tijolos, telhas, lajotas...

HISTÓRIA - Nas várias e variadas histórias do Brasil, nas névoas do século XVI, algo foi sempre muito focalizado e pouco detalhado e estudado: como reagiram e como se comportaram os índios do Brasil frente aos conquistadores e novos donos da terra.

O Novo Mundo teve lendas e crônicas valiosas, faladas e escritas por narradores bons, medíocres e ruins. Foram histórias detalhadas e luminosas sobre índios – em quase todos os quadrantes das Américas – desde os peles vermelhas do Norte aos aztecas do centro e incas do sul. Toneladas de papel foram grafadas e quilômetros de

filmes rodados para glorificar, denegrir e desancar os do Norte, com pouco elogiosas informações sobre suas culturas, suas artes e seu valor humano. As melhores referências quanto ao valor de luta guerreira dos *red skins* e várias figuras lendárias receberam o devido destaque, embora servissem no fim para mostrar em todo esplendor, a superioridade dos cara-pálidas que, inferiores em número, pouco conhecendo o terreno e não totalmente ambientados, conseguiram vitórias estrondosas, ocupando todas as terras do norte, empurrando os índios a reservas pequenas e pouco civilizadas.

Já os aztecas e incas, por serem de outra cor e de outras origens, tiveram um tratamento mais decoroso. Livros e filmes descreveram e mostraram incas e aztecas como povos de elevadas civilizações, grande cultura, caráter altivo e mente forte. Povos malfadados, massacrados impiedosamente pelos cruéis e cúpidos capitães de Castilha.

ESQUECIMENTO - Os índios do sul pouco foram descritos. Os do Brasil não mereceram livros nem filmes... Entre os milhões ou milhares apenas dois tiveram certa saliência: dois, um rapaz e uma garota, inventados e cantados numa excelente ópera, de um bom compositor brasileiro. Desde os primeiros lusos que ocuparam terras brasileiras até os colendos beneditinos, sempre falaram de índios selvagens, arredios, sem civilização, sem cultura, sem o menor valor espiritual.

E assim, por serem tão inferiores e de tão pequeno nível, só puderam tornar-se úteis e começarem a ser gente, pelo caminho simples da escravidão. Os arcabuzes e pistolas lusos e as melífluas falas dos padres foram argumentos altamente convincentes para a aceitação e o suportar pelos índios do trabalho escravo, ou redentor como diziam os padres!

Tinham lá suas razões os beneditinos: os brasileiros primordiais eram povos de pouca utilidade pois não tra-

balhavam, vagueando pela floresta, vivendo de caça e pesca e mastigando folhas e frutas que arrancavam das árvores; uma vida pecaminosa em atos que arrepiavam os pios beneditinos, numa promiscuidade intolerável. Subjugaram assim os selvagens fisicamente ao dominar suas mentes simples e primitivas pela palavra de Deus, imagem que era apresentada aos índios confundida com a de Cristo. Aplicavam os colendos padres exatamente ao avesso a filosofia de Cristo: liberdade do pensamento contra leis e dogmas dos Cesares de Roma, cujas legiões conquistavam regiões e escravizavam povos.

Mas como diz o antigo ditado, há males que vêm para bem. A escravidão praticada pelos beneditinos teve o condão de formar a primeira leva de trabalhadores que, manuseando a argila de Tijuçu, criaram o fulcro inicial da indústria em plagas saocaetanenses! Sim... porque não eram certamente os colendos que metiam a mão no barro pegajoso a moldar tijolos, telhas e lajotas...

E, para glorificar sua obra redentora, ergueram a capela de São Caetano, iniciada em 1717 e sacramentada em 1720! Bem postos em suas terras, com mão de obra redenta e barata, com suas moradias confortáveis o quanto podiam ser as habitações de então, com sua capela santificada, os beneditinos ocuparam e usaram a Fazenda São Caetano por um breve período: somente 246 anos.

IMIGRANTES - Assim nasceu e viveu São Caetano, até lá por 1868, quando a gleba foi desapropriada pelo governo imperial para a formação dos primeiros núcleos de trabalho dos imigrantes italianos.

Como sabemos ao assentar os italianos o governo de sua majestade buscava resolver ou amenizar o problema da fuga de agricultores. Quem eram estes fujões?! Índios que refugavam a escravidão, ou quem?!

Passadas algumas centenas de anos,

milhares de luas e milhões de horas trabalhadas, com quase toda a comunidade indígena já transladada para vida melhor, com as bênçãos de seus salvadores, brilhou sobre as terras do tijuçu nova luz, intensa e criadora! O governo imperial dividiu a fazenda em lotes ou posses e ali assentou os valerosos imigrantes italianos – vênets todos eles – que iriam iniciar a formação do subdistrito, depois distrito e décadas após município. Devotos, como todos os italianos da província do Vêneto ainda sob o domínio dos austríacos, graças à doação do Corso no estupro de 1793, os vênets construíram, em 1883, a Igreja de São Caetano.

O programa do império era criar uma nova e mais produtiva célula agrícola. Certamente as atividades iniciais foram de lavra das terras, pois falam repetidamente os arquivos da existência de vinhas e vinhedos que brotavam uvas de boa qualidade dando vida a vinhos rotulados na ocasião como excelentes! Pena que seu *bouquet* tenha-se diluído nas brumas do passado! Mas nunca nenhum agricultor italiano, vênets ou não, teria cuidado de produzir uvas e vinhos sem que houvesse antes o canteiro de hortaliças, legumes, tubérculos e milho, as feiras de dourado milho fonte da *pattona*, a saborosa polenta veneta. Os vênets tinham – e ainda tem – verdadeira paixão pela *pattona*: a formação da massa, sua manipulação, seu cozimento e tudo mais eram verdadeiros rituais que culminavam com o despejar da polenta em gamelas ou tábuas de madeira e cortada, fumegante, em generosas fatias. Era execrado e considerado heresia o corte da *pattona* com facas ou qualquer metal. A *pattona* era cortada cuidadosamente em golpes firmes e certos por um belo barbante amarrado numa das beiras da tábua a um prego de bom tamanho. Após cada corte o barbante era limpado em pano de linho, preservando assim a cada fatia sua pureza original. O barbante nunca era usado na

pattona do dia seguinte; cada *pattona* tinha seu barbante; consumida a *pattona*, era o barbante sacrificado. Quantas vezes, ao vermos em casa de parentes ou amigos, lá em lares vênetsos o servir e consumir da gostosa polenta – que sempre teve nossa ardorosa reverência – nos pareceu assistir a um ritual indiano, onde o fim do senhor obrigava o fim da senhora em pira purificadora. Só que, no ritual da *pattona*, era ele que acompanhava o fim dela, num gesto alegre, generoso e saudável.

Não queremos afirmar como verdade verdadeira, mas presumimos que a polenta vêneta, de 1890 ou por aí, foi a tataravó da polenta com frango, há décadas o prato-chave do ABC, especialmente São Bernardo do Campo...

PROGRESSO - As famílias vênetsas que popularam as posses da finada Fazenda São Caetano eram formadas por homens, mulheres e jovens que tinham um traço comum: a vontade indômita de trabalhar, produzir, progredir. E foi pelo trabalho pródigo destes vênetsos que São Caetano, subdistrito ou distrito, iniciou sua marcha industrializadora. Olarias, ferrarias, selarias foram talvez as primeiras indústrias locais. Não demorou muito, apenas duas décadas para que a localidade explodisse na sucessão de sólidas indústrias: uma após outras surgiram: Cerâmica Privilegiada – depois Cerâmica São Caetano, IRFM, General Motors, etc., etc.

Estrela luminosa, brilhou a Cerâmica São Caetano S/A - certamente a mais sancaetanense: produzia em São Caetano, usando artífices de São Caetano e matéria prima de São Caetano...

Inserida na imagem brilhante da Cerâmica São Caetano, surge a figura ímpar de um líder, Armando Arruda Pereira.

Esse engenheiro paulistano, com estudos parciais na Inglaterra e formado em engenharia pela Universidade de New York, foi certamente um dos mais notáveis cidadãos de São Caetano. Dedicou Armando Arruda

Pereira 20 anos de sua mocidade à São Caetano do início do século, muito contribuindo para a seguida marcha para o alto da cidade; muitas marcas deixou Armando Arruda Pereira na cidade e na comunidade. Laureado em 1910, já em 1914 assumia a direção da Cerâmica Privilegiada, mudada para Cerâmica São Caetano Limitada, logo mais elevada a Sociedade Anônima.

APRIMORAMENTO - Armando Arruda Pereira, ao completar o curso colegial, resolveu aprimorar seus estudos em outras plagas. Querendo dar a sua sabedoria um cunho internacional, sabendo que lá fora teria mais amplos panoramas e maiores oportunidades para mais conhecer e mais saber, foi para a Inglaterra a estudar na universidade de Birmingham, na época tida como a melhor escola de engenharia do planeta. Mas, seu espírito arguto e progressista levou-o aos Estados Unidos, onde o ensino era mais arejado e as idéias mais liberais e mais arrojadas. Conquistou o diploma de engenheiro na universidade de N.York. Completou assim o ciclo ideal para um profissional amante de sua especialização, assimilando a técnica pragmática e sólida da Europa sobreposta pela praticidade e arrojo da América. Pôde assim despejar na sua Cerâmica uma atuação ideal. A ele deve a Cerâmica São Caetano uma atuação ideal. A ele deve a Cerâmica todo seu sucesso no mercado nacional.

Morando em São Caetano, tornou-se um munícipe eclético, apaixonado pela cidade; uma paixão que o levou, quase que naturalmente, à atuação política no distrito. Rapidamente foi reconhecido como um dos maiores líderes do movimento autonomista e empenhou-se desde 1926 na luta franca pela elevação do distrito a Município. A atuação política de Armando Arruda Pereira pautava-se pelo padrão dos maiores homens públicos do Brasil republicano: Prudente de Moraes, Campos Salles, Washington Luis, homens que no âmbito Federal e Es-

tadual souberam forjar uma Nação onde a operosidade, a corretez, o respeito mútuo construíram uma cidadania de valor crescente, levando o Brasil ao convívio internacional, ainda não muito comercial, mas intenso em civilização e cultura.

PERSONALIDADE - Armando Arruda Pereira atuou em diversas áreas: usava o tempo de folga, após um dia pleno de trabalho na Cerâmica, para juntar-se aos companheiros da política e da sociedade, onde imprimiu indelevelmente a marca de uma personalidade forte e de valor. Engenheiro, industrial, político, militante incansável na luta pela autonomia, rotariano, com atuação nacional e internacional forte e ativa, projetou uma imagem límpida em todo o continente. Seu valor foi reconhecido mais lá fora do que no Brasil, onde a partir do vendaval de 1930 os mediócras e inferiores se apoderaram de tudo... Sintomático da inversão de valores de então é o fato de Armando Arruda Pereira ter recebido as mais altas condecorações do Chile, da Colômbia, de Cuba e não do Brasil...

A atividade política de Armando Arruda Pereira foi sempre de elevado teor e de grande poder criativo. Militante ativo na luta pela emancipação fundou em 1928 o Partido Municipal, varrido alguns anos depois, como todos os demais pelo furacão viscoso de 1930. Em 1932, Armando Arruda Pereira figura entre os mais de sessenta mil voluntários que armaram e viveram a chamada Revolução Constitucionalista, a guerra de São Paulo. Lutou em campos e trincheiras e foi um dos muitos feridos por bala ou estilhaço de granada. Pelo seu valor administrativo, poderia Ter vivido a revolução toda em atuação de gabinete, comodamente albergado nas poltronas do MMDC junto com muitos outros que montaram o órgão mais como ninho corporativo do que amparo atuante como venderam a imagem à sociedade paulista. Preferiu entretanto atuação mais arrojada e a salvo da burocracia;

muito fez pela causa paulista ao cuidar com todo sucesso da compra de armamento em missão à Argentina e alhures, usando seus contatos internacionais em proveito a São Paulo e não em proveito pessoal, como fizeram outros.

DEMOCRACIA - Terminada a Revolução voltou a cuidar de sua Cerâmica e consolidou sua situação no Rotary, assumindo a Presidência do Rotary local para o biênio 1934/1935. Ascendeu à Presidência do Rotary Internacional para o período 1940/1941. Durante a II Guerra Mundial, Armando de Arruda Pereira foi um dos tantos brasileiros que, desde o primeiro dia, alardeou sua simpatia e apoio aos Aliados, inicialmente Inglaterra e França.

Nunca fez segredo desta sua preferência e sempre deixou bem claro, contrariando frontalmente a tendência fascista do ditador e seus asseclas, em reuniões políticas ou sociais, que almejava para o Brasil uma posição destemida entre os que combatiam os arautos da alardeada Nova Ordem... Nunca se curvou ante o despotismo de Vargas e não titubeou em fortes desavenças com parente próximo e companheiro na direção da Cerâmica que adulava o ditador, desejoso de empolgar a governança do Estado.

Era Presidente do Rotary Internacional quando tivemos o privilégio de um primeiro contato pessoal com ele. Afável e comunicativo conversou conosco como se fôssemos amigos de longa data; afabilidade que expandiu agradavelmente quando descobrimos alguns pontos de convergência: ambos tínhamos feito parte de nossos estudos na Inglaterra; ambos tínhamos graduado em universidades do exterior; ambos tínhamos vivido a Revolução paulista lutando em campos e trincheiras; ambos fôramos feridos, por bala ou estilhaço de granada; ambos fomos, desde o primeiro dia, aliados contra o fascismo viscoso e o nazismo brutal. A sensível diferença de idade, pois éramos cerca de vinte anos mais jovens

do que ele, não foi motivo para Armando Arruda Pereira assumir ares de superioridade ou paternalista; demonstrou assim ele o quanto uma cultura sólida e extrovertida significa para um convívio harmonioso e sincero.

VISÃO - Mais de uma década depois, quando Armando Arruda Pereira era prefeito de São Paulo, tivemos novos contatos, mais longos e infinitamente mais gratificantes. Uma das grandes obras de Armando Arruda Pereira, quando prefeito, foi a montagem da Comissão do IV Centenário, autarquia municipal que ele presidiu por algum tempo e financiada pelo governo estadual. Por indicação de amigos, titulares de três secretarias estaduais, assumimos uma das diretorias da Comissão do IV Centenário e, assim, voltamos a encontros com o seu criador.

Ao completar a estrutura da Comissão, seu criador chamou, para bem desenvolver a parte cultural da autarquia, alguns homens de excelso valor. Foi assim que tivemos a ventura de encontros e convívios seguidos com Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade Filho, Aldemir Martins, e outros.

A Comissão do IV Centenário foi posteriormente estigmatizada como pouco eficiente e quase inútil pelo prefeito que sucedeu Armando Arruda Pereira e que praticamente desmantelou sua obra, ao demitir sumariamente o então Presidente Ciccillo Matarazzo, excluindo os intelectuais e cancelando alguns programas, levando as comemorações a um nível puramente municipal, com pouca presença social de outros estados e nenhuma presença internacional.. Como momento perene da acuidade e eficiência de Armando Arruda Pereira aí está o Parque Ibirapuera, esboçado, planejado e elaborado por ele que, mais de uma vez dissemos que considerava a abertura do Parque Ibirapuera e a urbanização da antiga inverno dos bombeiros sua favorita entre as obras realizadas em sua gestão como Prefeito.

Deixando a prefeitura em abril de 1953, Armando Arruda Pereira seguiu criando. Em 1954, fundou a Escola do Senai em São Caetano. Esboçou a organização de uma entidade que atuaria em união com homens públicos e intelectuais de outros países da América Latina. Planejava estadas periódicas na Argentina, Chile, Colômbia, Perú, Bolívia e outros países.

Queria completar seus conhecimentos das civilizações pré-Colombianas, tão estupidamente destruídas e destróçadas pelos cúpidos e cruéis conquistadores ibéricos. Mas... outros foram os desígnios do destino: Em 1955 morria Armando de Arruda Pereira.

INDUSTRIALIZAÇÃO - Relembrando toda a trajetória de São Caetano vemos que, desde a era beneditina do tijucuçu, passando à luminosidade do período subdistrital, distrital e alcançando a municipalidade em 1948, a vocação industrialista da cidade brotou, cresceu e empolgou, chegando ao que é hoje e vislumbrando o que será amanhã. Os queridos padres beneditinos foram, inconscientemente os iniciadores do ciclo industrial da cidade, escravizando os índios e formando a primeira leva de trabalhadores que finalmente se transformaram em... agricultores em fuga, criando um perigoso vácuo, preenchido com enorme vantagem pelos imigrantes vênetsos, chamados e protegidos pelo governo imperial...

O planejamento dos administradores para o terceiro milênio, feito com seriedade e acerto, deve consolidar São Caetano do Sul como município modelo. Assim seja.

()Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu os artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas.*

Um passado não tão distante onde brilhou uma importante escola

Sonia Maria Franco XAVIER(*)

No impulso do crescimento e das transformações que ocorreram no cenário educativo, nas duas últimas décadas, na cidade de São Caetano, pudemos observar grandes transformações: as escolas oficiais de primeiro e segundo graus estão dando lugar a escolas técnicas nas áreas de computação, robótica, ecologia e de formação de soldados.

Neste processo, a Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Angelo Vaquero teve a clientela reduzida o que provocou o encerramento das atividades, transferindo seus alunos para outras escolas próximas. Este estabelecimento de ensino havia iniciado as atividades no ano de 1970, com 10 classes comuns, em dois períodos, com o nome de EEPG centro.

HOMENAGEM - Em 1971, foram instaladas três classes de educação infantil. Cinco anos depois passou a denominar-se EEPG Professor Ân-



Professora Maria de Lourdes Oliveira, Bispo Dom Thomás Vaquero, Professora Maria Francisca, Professora Adair Machado e a Assessora de Cultura Helena Petronilho.

gelo Vaquero, em homenagem póstuma ao professor que se destacou pelo trabalho realizado em prol da educação nesta cidade.

Passados nove anos, foi instalado, nessa escola, o curso de suplência. Este curso despertou grande interesse e chegou a 13 classes em 1992. Atendeu aos trabalhadores das indústrias, do comércio e havia um grande número de alunos que eram desempregados. A faixa etária da clientela oscilou entre 15 e 50 anos.

Em 1987 houve a inauguração oficial do estabelecimento com a participação de autoridades escolares, civis, militares, eclesiásticas e familiares do patrono Ângelo Vaquero. A data escolhida foi 16 de Setembro, dia de seu aniversário natalício.

É importante lembrarmos a missa que foi celebrada em ação de graças e por intenção do patrono, celebrada pelo bispo Dom Thomaz Vaquero,



Acervo: Museu Histórico Municipal

Logotipo da escola: Escola do Centro, para a comunidade escolar de São Caetano do Sul. Criação de Maria de Lourdes Sversut - 1984

irmão do emérito educador. Na ocasião, o bispo lembrou a valiosa atuação do professor Ângelo Vaquero no campo educacional. Ressaltou ainda a bondade, a humildade e a honestidade como traços marcantes da personalidade do irmão.

Esta escola localizava-se na Avenida Conselheiro Antônio Prado, 305, no Centro.

()Sonia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul, integra o Grupo de Pesquisadores de Memória do ABC, é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.*



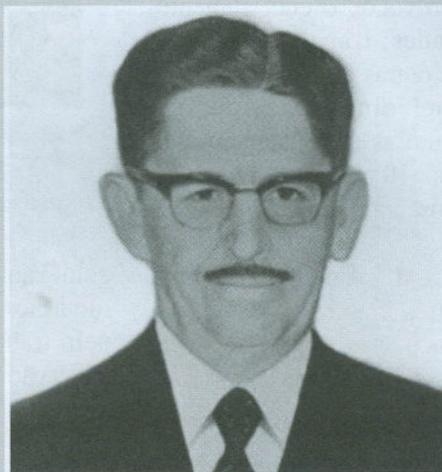
Professoras: Ida Puti Alves, Meire Nice G. S. Lima, Elisabeth Vick e Eunice Maria

Acervo: Edy do Nascimento Vaquero

Professor Ângelo Vaquero

Ângelo Vaquero nasceu em Pirassununga, São Paulo, a 16 de Setembro de 1915, filho de Pedro Vaquero e Thereza Seisdedos Vaquero, naturais da Espanha; foram seus irmãos: Manoel, farmacêutico em Catanduva, Esmeralda, Dom Thomaz Vaquero, hoje bispo em São João da Boa Vista, Almiro, contador, Carlos, professor e contador, Orlando, contador. O professor Angelo foi casado com a professora Edy do Nascimento Vaquero, deixando uma filha, na época com 15 anos, Margarida Maria, que casou-se em 1976, tendo dado à luz às gêmeas: Andréa e Patrícia, falecendo devido a complicações no parto em 24 de maio de 1977.

CARREIRA - Ângelo Vaquero, formou-se professor pela Antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação Pirassununga, na cidade de mesmo nome, em 1936, vindo a ingressar no magistério em 1943, em uma escola mista, na fazenda das Alianças, em Valparaíso, um núcleo exclusivamente formado por japoneses, onde permaneceu durante três anos, sendo removido para o então Grupo Escolar de Ermelindo Matarazzo, um subúrbio da Central do Brasil, na Capital. Fez curso de provas e títulos para diretor, aprovado, foi designado para dirigir o Grupo Escolar de Ibiúna, no interior de São Paulo, permanecendo por três anos. Foi removido, também por concurso, para o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva em São Caetano do Sul, onde trabalhou mais de uma década, permanecendo no cargo, até o seu falecimento, a 16 de junho de 1970.



Ângelo Vaquero - Professor e Diretor do EEPG Bartolomeu Bueno da Silva. Patrono da Escola -

Acervo: Museu Histórico Municipal

Foi um grande incentivador da fanfarra escolar, a qual dedicava um especial carinho, pois ele achava que o ensino musical fazia parte da formação educacional, não só como meio de recreação, mas sobretudo como parte da formação moral e cultural.

Foi no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva que o professor Ângelo Vaquero realizou um grande trabalho, de total devotamento ao ensino e deixou muita saudade entre os colegas e onde sua conduta foi um exemplo de coleguismo, abnegação e de profundo amor às crianças.



Desembarque da Família Real de Portugal no Rio de Janeiro (8 de março de 1808). Desenho de J. Wash Rodrigues

A Sociedade Internacional de Imigração e os debates sobre as liberdades no Brasil

Aleksandar JOVANOVIĆ (*)

O objetivo deste artigo é examinar, ainda que rapidamente, a fundação da Sociedade Internacional de Imigração, em 1866, e as lutas travadas por setores avançados da sociedade brasileira, no Segundo Império, em favor da abolição da escravatura, do casamento civil, da liberdade religiosa e de culto. A constituição da entidade antecede as grandes correntes imigratórias que vêm, de fato, substituir a mão-de-obra cativa nas grandes propriedades agrícolas. O deputado, escritor e jornalista alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875), formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi uma das vozes mais ativas nesse episódio, repleto de debates e disputas de bastidor. Na verdade, o cenário de que se está falando está emoldurado pela Guerra do Paraguai, pela crescente campanha

abolicionista, pela chamada Questão Religiosa e por uma presença cada vez mais significativa de estrangeiros escolarizados e não-católicos no País.

ABERTURA- A história da imigração no Brasil remonta, de certo modo, ao ano de 1808, quando D. João VI promulga decreto, assegurando aos estrangeiros o direito à propriedade territorial. Criavam-se, assim, condições para a imigração espontânea, que se inicia aos poucos. A vinda planejada de estrangeiros tem como marco o ano de 1819, quando colonos suíços partem rumo ao Brasil, onde, em 1820, erigem a vila de Novo Friburgo, no Rio de Janeiro. É possível lembrar, ainda, que em 1812 açorianos vêm ao Brasil na qualidade de colonos e, em 1818, alemães vão se estabelecer na Bahia. A partir de 1847, desenham-se duas políticas de imigração no País: a primeira, do governo imperial, em continuação à linha inaugura-

da por D. João VI, com a criação de pequenos núcleos coloniais; a segunda, a política dos latifundiários, que desejavam mão-de-obra para a lavoura, em substituição à cada vez mais escassa força de trabalho escrava [1]. De qualquer modo, com a Independência, uma das primeiras iniciativas do governo tinha o Sul como alvo, porque, através da decisão Nº 80, de março de 1824, mandava estabelecer uma colônia de alemães em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. No mesmo ano, três outros atos legais diziam respeito à imigração: concediam-se subsídios para o estabelecimento de alemães, ao lado de suíços, em Nova Friburgo; era criado o cargo de Inspetor de Colonização Estrangeira na Província do Rio de Janeiro e concedia-se auxílio financeiro ao pastor alemão de Nova Friburgo. Em 1825, a pasta do Império passaria a tratar de todos os negócios relativos à colonização.

Em 1827, já era apresentado no

Parlamento projeto de lei sobre colonização, prevendo a doação de terras, a liberdade de religião, a isenção do serviço militar e a criação de uma Direção Central da Imigração, com sede na Corte [2]. Na verdade, esse fato era simples consequência do grande debate iniciado com a pressão britânica para a abolição do tráfico de escravos para o Brasil. Desde o começo do funcionamento do Parlamento brasileiro, duas questões estariam sendo discutidas de forma acalorada e quase ao mesmo tempo: os desdobramentos econômicos da supressão no fornecimento externo de mão-de-obra, via tráfico de escravos africanos, e as alternativas para colonização do País com europeus. O Governo Imperial financiou a vinda de estrangeiros até 1830, quando a supressão do financiamento também diminui a entrada de colonos [3].

Cabe lembrar que logo depois da Abertura dos Portos, D. João VI assinou, em 1810, um Tratado de Comércio com a Inglaterra, assegurando, também, a liberdade religiosa no Brasil. Este princípio seria reafirmado pelo Artigo 5º da Constituição de 1824. Na prática, contudo, as condições seriam bem diversas: os cultos não-católicos podiam ser praticados, mas somente em língua estrangeira.

A partir dos anos 40, o senador Nicolau de Campos Vergueiro emerge como figura pioneira na tentativa de introduzir mão-de-obra europeia nas lavouras de café. Assim, em 1840, ele empregou camponeses portugueses da região do Minho na fazenda Ibicaba, de sua propriedade. A partir de 1847, Vergueiro retomou a iniciativa, empregando também alemães e suíços. Poucos imitaram Vergueiro na iniciativa. Em São Paulo, cerca de 40 propriedades haviam introduzido o sistema de parceria. No ano de 1857, em 26

dessas fazendas congregavam 1.031 alemães, mil suíços, 88 belgas, 616 portugueses e 180 suíço-franceses [4]. Iniciativas desse gênero não prosperaram contudo; os fazendeiros continuaram se apegando ao regime de escravidão ou precisaram instituir o regime de salário para os imigrantes. E tampouco os latifundiários viam com simpatias a criação de núcleos coloniais. Vergueiro levantava a voz no Congresso, para censurar a política do governo imperial, uma vez que o senador era contrário à doação de terras a estrangeiros. A Lei das Terras, de 1850, obedecia à influência dos fazendeiros e proibia a concessão de terras, a não ser que fosse através da compra [5].

É interessante notar que o conselheiro João Cardoso de Menezes e Souza, em 1875, explicava, em suas *Theses* sobre a Colonização no Brasil (sic), os motivos do desinteresse de imigrantes europeus em relação ao Brasil e a preferência que davam aos Estados Unidos ou Argentina. Dentre outras coisas, apontava a falta de liberdade de consciência, a inexistência do casamento civil como instituição, a ausência de instrução agrícola e profissional, os defeitos da lei com respeito à locação de serviços e contratos de parceria com estrangeiros. Menezes e Souza mencionava, ainda, o que chamava de “ambição de mando temporal de parte do episcopado brasileiro traduzindo-se na luta imprópria chamada questão religiosa” [6]. De outro lado, e por paradoxal que isso possa parecer, a existência da escravidão continuava sendo freio objetivo à vinda de imigrantes europeus [7]: De qualquer modo, como afirma Diegues Jr., até 1850, estima-se que tenham entrado no Brasil não mais do que 21.599 estrangeiros [8].

A SOCIEDADE - Em janeiro de

1866, alguns brasileiros e estrangeiros convocaram reunião, na Bolsa do Rio de Janeiro, com o objetivo de discutir a questão da imigração. Integravam o grupo, entre outros, Caetano Furquim de Almeida, Quintino Bocaiúva, o português Fernando Castiço, o alemão Herrmann Haupt, o norte-americano Charles Harrah e o britânico William Scully. Daí nasceu a Sociedade Internacional de Imigração, e os nomes mencionados haveriam de figurar na diretoria da entidade recém-formada. Um dos pontos em que havia concordância absoluta dizia respeito à necessidade de o Brasil alterar sua legislação no tocante às liberdades religiosas. Scully, redator católico e liberal do *Anglo-Brazilian Times*, editado no Rio de Janeiro, mencionava também a questão da proibição existente de dar forma exterior aos locais de culto de outras religiões que não a católica, o que, na prática, significava uma restrição absoluta à construção de locais de culto típicos a cada crença particular. Tomás Alves Júnior (1830-1895), que chegou a ser presidente da Província do Sergipe, juntamente com Saldanha Marinho e Quintino Bocaiúva, advogava a necessidade de introduzir o casamento civil no país, sob pena de os filhos de imigrantes que não fossem católicos serem considerados filhos naturais (sic). Além de enxergarem nesse fato restrições insustentáveis à liberdade de consciência e religião, também mostravam que se tratava de impedimento para que muitos europeus imigrassem para o Brasil.

É interessante notar que a fundação da Sociedade Internacional de Imigração tem como pano de fundo, também, outras questões: a fuga em massa dos soldados confederados norte-americanos derrotados na Guerra Civil; a Expedição Thayer, tendo à frente o grande cientista

Louis Agassiz que se interessou pela ictiologia nacional; a necessidade brasileira de recrutar soldados experimentados para a Guerra do Paraguai e os debates acalorados em torno da abertura do rio Amazonas para a navegação internacional. Agassiz, cientista de prestígio, apoiou a sociedade fundada em 1866, ao menos com palavras, e isso parece ter repercutido, de certo modo, entre os brasileiros instruídos. Mas o pesquisador suíço também parecia engajado na campanha abolicionista. A título de moldura externa do quadro debuxado surge ainda a questão da campanha movida por Tavares Bastos [9] para que o Brasil se modernizasse e, por outro lado, buscasse incentivar a imigração anglo-saxônica e protestante.

Tavares Bastos começou a polemizar sob o pseudônimo de O Solitário, em 1861. Mas o panfleto intitulado *Os Males do Presente* e as *Esperanças do Futuro* [10], redigido também sob um pseudônimo, atacava o despotismo lusitano, a Inquisição, e os grandes latifundiários como responsáveis pela situação sócio-econômica negativa do Brasil. Propunha uma longa série de reformas políticas, administrativas, educacionais e sociais (a maioria, por sinal, até hoje não foi levada a cabo...). O jovem deputado conseguiu tornar-se com suas teses uma celebridade na Corte, embora passasse a ser cada vez mais atacado pelos setores conservadores da vida política nacional, inclusive devido às suas teses referentes à abertura do Amazonas para a navegação internacional, a adoção de uma política de livre comércio no País e a implantação de uma linha de vapores entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque. Algumas das teses que defendia demoraram para serem adotadas no Brasil, como foi o caso da separação entre Igreja e Estado, instituição do

casamento civil e adoção efetiva da liberdade religiosa. Pelo menos até 1869, Tavares Bastos esteve diretamente envolvido na tentativa da Sociedade Internacional de Imigração de trazer para o País o maior número possível de imigrantes norte-americanos (os confederados derrotados) por entender que aquela massa de pessoas instruídas poderia contribuir para mudar o panorama social, econômico e até político do Brasil.

Alguns debates públicos a respeito da legislação referente à imigração tiveram como palco a Bolsa do Rio de Janeiro e seguiam-se à chegada da primeira leva de confederados norte-americanos (que desembarcaram em novembro de 1865). Por sinal, cabe lembrar que na chegada dos imigrantes americanos, o ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Antonio Francisco de Paula e Souza, prometeu empenhar-se no governo para liberalizar as leis que restringiam as atividades políticas, religiosas e civis dos não-católicos no Brasil. A lei do casamento nº 1.144, de 11 de setembro de 1861 estabelecia que o casamento dos protestantes deveria ser realizado por um ministro protestante; num determinado sentido, parecia um passo à frente, na medida em que reconhecia a existência de ministros protestantes que poderiam registrar seus diplomas e certificados perante o governo. Todavia, a lei parecia presumir que todos os não-católicos seriam estrangeiros vivendo em "colônias", e que, assim, sempre teriam um pastor de sua confissão e língua à disposição. Isso, na prática, era inverídico. Outro ponto combatido pelos integrantes da Sociedade Internacional de Imigração dizia respeito à proibição de sepultar não-católicos em cemitérios públicos. Jornais de língua inglesa, que circulavam no Rio, como o *The Anglo-Brazilian Time* teciam críticas à legislação vi-

gente no Brasil já a partir de 1865. Eram tempos difíceis, porque havia problemas econômicos e financeiros no País: entraves para custear a Guerra do Paraguai e uma fuga das cidades e locais populosos, para evitar o recrutamento militar. E o que parecia fermentar mais as discussões - dentro e fora do Ministério e do Parlamento -, era a promessa de que meio milhão de confederados norte-americanos poderia vir ao Brasil, desde que as leis fossem abrandadas e se tornassem mais liberais.

A lei do casamento civil, proposta em março de 1866, por José Thomaz Nabuco de Araújo, acabou não sendo aprovada, mas, ainda assim, havia esforços - sobretudo em São Paulo - para que a imigração dos confederados norte-americanos derrotados na Guerra Civil de seu país pudesse realizar-se em massa. É interessante observar a imagem criada pelos debates relativos à imigração nessa época: muitos contrapunham os eventuais colonos americanos - ex-proprietários escolarizados - aos imigrantes europeus, camponeses sem posse e quase sempre iletrados. Tavares Bastos era um dos liberais que lembravam a necessidade de os europeus ensinarem aos brasileiros métodos modernos de agricultura e, com isso, naturalmente colocava um dedo sobre a chaga da escravidão, do sistema de monocultura e latifúndios existente no País. Os anos que antecederam imediatamente a fundação da Sociedade Internacional de Imigração foram marcados, também, por intensas polêmicas a respeito da conveniência de estimular a imigração germânica e anglo-saxã. Dentre os diversos defensores desta posição, destacava-se Antonio Augusto da Costa Aguiar (1830-1877), educado na Grã-Bretanha e genro de José Bonifácio de Andrada e Silva. Cumpre lembrar pouco tempo separava esses debates das estimati-

vas feitas por Avé-Lallemant a respeito da composição da população brasileira e que, à falta de qualquer forma de censo, sinalizavam o fato de que dos 22% da população branca do Império, em 1858, apenas uma porcentagem irrelevante era capaz de ler e escrever [11]. Considerado este contexto, podemos observar que fazem sentido completo as seguintes colocações: "O abolicionismo não foi uma função do imigrantismo. O oposto é que é verdade: o imigrantismo foi uma função, uma decorrência do abolicionismo" [12]. Em assim sendo, torna-se possível compreender a íntima vinculação - causal, neste caso - entre os debates a respeito da abolição da escravatura e as opções propostas, no período, para substituir a mão-de-obra cativa, que sempre passavam pela importação de braços - europeus ou não.

Alguns anos da fundação da Sociedade Internacional de Imigração, o chamado Gabinete de 10 de Agosto (de 1859) realizou muitos esforços no sentido de liberalizar a política brasileira de imigração. Em 1860, o Parlamento promulgava a Lei de Imigração, de 27 de setembro, permitindo que imigrantes comprassem devolutas, mas a legislação proibia que terras fossem doadas a imigrantes. E tal proibição não pôde ser atenuada pelos esforços dos liberais. Este era mais um ponto que servia para uma batalha dúplice: de um lado, os opositores brasileiros (esmagadora mas não exclusivamente, os liberais) procuravam derubar todas as barreiras que impediam que o fluxo de imigrantes desejado pudesse chegar a um país liberalizado sob vários aspectos e um país que oferecesse incentivos reais para o recebimento de novos habitantes; de outro, muitos estrangeiros - já residentes no Brasil ou outros que aqui desejavam aportar - cerravam fileiras ao lado da oposição nacional

na crítica à conjunção de interesses que impedia a transformação desejada. Assim, durante os anos de 1866 e 1867 já havia distúrbios resultantes desse debate e também do temor dos setores ultramontanos do catolicismo diante da chegada de colonos confederados norte-americanos e da ação bastante dinâmica de missionários protestantes no país.

CORREÇÃO - Tavares Bastos, em 1867, publicava a sua Memória sobre Imigração, documento que lancetava todos os pontos fracos das leis do país no que se referia à política imigratória. A publicação apontava a escravatura de verdadeira inimiga da imigração. Naturalmente, o deputado alagoano era um ativo abolicionista. Também defendia a necessidade de o governo permitir a venda barata de terras devolutas aos estrangeiros aqui chegados, a fim de impedir que os imigrantes fossem obrigados a trabalhar como meeiros em fazendas cujos proprietários não saberiam (ou não desejariam saber...) o que separava um escravo de um trabalhador livre [13].

As correções que Tavares Bastos exigia no curso da legislação incluíam também a lei sobre naturalização, liberdade absoluta de culto, a separação definitiva entre Igreja e Estado. Assim, em 1867 ele próprio haveria de submeter à Câmara um projeto de lei relativo ao casamento civil (muito similar àquele de Nabuco de Araújo, um ano antes). Apresentada e publicada, a proposta do deputado alagoano acabou sendo engavetada pelo Gabinete Zacarias de Góes. Bastos também publicou todos os argumentos principais em defesa do projeto de lei no *Jornal do Comércio*, o que acabou provocando uma ação imediata do internúncio apostólico Domenico Sanguigni, que conclamava todos os bispos do país a lutar contra o projeto "ímpio" que objetivava permitir casamentos civil

e misto. Curiosamente, cabe observar que esse foi um período em que um conde polonês aportou no Rio de Janeiro com o objetivo de fazer propaganda intensiva da imigração polonesa (e católica), mas que resultou tão ineficiente quanto a propaganda em favor da imigração irlandesa (e católica). A bem da verdade, parece que as divisões existentes dentro do Cristianismo serviam de trincheira de combate para aqueles que não desejavam alteração alguma no statu quo vigente no Brasil. A única diferença significativa parecia ser o fato de que em 1868 chegava à colônia de Itajaí, em Santa Catarina, uma leva de trezentos imigrantes irlandeses.

Embora os ideais que moviam a Sociedade Internacional de Imigração não tivessem sido conquistados por seus defensores, é interessante notar que, após a crise política decorrente (entre outras coisas) da cisão dos liberais entre históricos (que lutavam por mudanças urgentes no país, inclusive a implantação imediata do casamento civil) e progressistas (na verdade, reacionários), em 1869 acabou sendo fundado o Clube da Reforma. A reunião de fundação do clube realizou-se na casa de Tavares Bastos e um dos doze pontos do programa estabelecido exigia a garantia de liberdade de consciência para todos os brasileiros.

Por outro lado, durante o Gabinete Sinimbu (de 1878 a 1880) houve intensos debates também a respeito da conveniência, ou não, de incentivar a imigração asiática para o Brasil e especialmente a chinesa. Poucos anos depois, seriam formadas duas organizações antagônicas: a Sociedade Central de Imigração, que combatia de modo violento e racista a imigração chinesa, e a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa, que, óbvio, procura-

va também levantar fundos para estabelecer uma linha de vapores entre a China e o Brasil. Como é fácil concluir, esses esforços resultaram nulos. Mais do que isso, conforme observa Cervo: "A oposição à idéia da imigração chinesa, contando com algumas das maiores inteligências da época (...) muitos (...) investem com argumentos políticos, econômicos, históricos, biológicos, racistas e de qualquer outra natureza..."[14].

Escragnolle de Taunay, em 1887, retomaria algumas teses da Sociedade Internacional de Imigração, ao propor um rol de medidas que pudesse, efetivamente, incentivar a vinda de imigrantes: a lei do casamento civil obrigatório; o registro civil; a secularização dos cemitérios e a "nacionalização" dos estrangeiros, além da abolição da escravatura. Pouco pôde Taunay também influir no sentido de atrair mais imigrantes com o pacote de medidas que defendia, mas, ainda assim, sinalizava o ato final de uma longa trama que se fecharia com a Abolição, a queda do Império e a proclamação da República.

O presente texto - conforme tivemos oportunidade de frisar de início - não passa de um simples resumo temático, que sinaliza, entre outras coisas, a complexidade do quadro em que o país debatia a substituição da mão-de-obra escrava pelo braço do imigrante e a necessidade de mais pesquisas específicas a respeito das grandes lutas travadas dentro e fora do Parlamento do Segundo Império para a concessão de liberdades políticas, civis e religiosas a todos os habitantes do Brasil. Mas é preciso observar ainda que a imigração contribuiu bastante, já no século passado, para a construção de uma sociedade pluralista entre nós, o que não deixa de ser um de seus grandes méritos.

Notas

[1.] Carneiro, J. Fernando - Imigração e Colonização no Brasil. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, 1950, (Publicação Avulsa Nº 2) p. 10.

[2.] Cervo, Amado Luiz - O Parlamento Brasileiro e as Relações Exteriores (1826-1889). Brasília, Editora da UnB, 1981, pp. 133 e ss..

[3.] Diegues Jr., Manuel - Imigração, Urbanização e Industrialização (estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil). Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964, p. 30.

[4.] Holanda, Sérgio Buarque de - Prefácio. In: Davatz, Tomaz - Memórias de um Colono no Brasil. Tradução de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Livraria Martins, 1941, passim.

[5.] Viajantes estrangeiros já assinalavam o fato de que os latifundiários não tinham a menor propensão a permitir que se estabelecessem colonos livres no Brasil. Assim, Mathison assinalou, em 1825: "The planters wish for labourers, not for gentlemen to come to the country" (Os fazendeiros desejam trabalhadores e não cavalheiros que venham ao país). In: Matheson, Gilbert Farquhar - Narrative of a Visit to Brazil, Chile, Peru and the Sandwich Islands during two Years of 1821 and 1822. London, Charles Knight, 1825, passim. Ainda assim, a Lei das Terras, isto é, a Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, estabelecia em seu artigo 17 que os estrangeiros que comprassem terras e nelas se estabelecessem poderiam ser naturalizados brasileiros, depois de dois anos. Poderia tratar-se de simples consequência das medidas tomadas no Sul, onde os estrangeiros de São Leopoldo e São Pedro de Alcântara das Torres começavam a receber tratamento melhor, a partir de 1846.

[6.] Abrantes, Visconde de - Memória sobre os Meios de Promover a Colonização. Berlim, Tipografia Unger Irmãos, 1846. Apud: Carneiro, J. Fernando, op.cit.

[7.] Herrmann Blumenau escreveria, em 1870, as seguintes linhas: "O Brasil está muito prejudicado pela escravidão; enquanto ela subsistir será sempre a pedra de escândalo para a maior parte dos imigrantes e, ao mesmo tempo, o fácil e muitíssimas vezes eficaz espantalho, de que os adversários e concorrentes do Brasil na arena da imigração sempre se servem

para desacreditá-lo e dele conservar afastados os imigrantes: "sereis míseros escravos brancos entre pretos"; este dito foi e será eficaz em milhares de casos". Apud: Bayma, Celso - Colonização Alemã em Santa Catarina. Rio de Janeiro, Papelaria e Tipografia Norte, 1919.

[8.] Diegues Jr., Manuel, op. cit., p. 38.

[9.] As posições que assumiu acabaram valendo a Tavares Bastos censuras lancinantes do internúncio apostólico no Brasil, Domenico Sanguigni, num evidente vestibulo daquilo que seria a chamada Questão Religiosa.

[10.] Tavares Bastos, Aureliano - Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1939.

[11.] Segundo o viajante Robert Avé-Lallemant, a população do Império, em 1858, era assim composta: 900 mil brancos (um terço de portugueses); 1.900.000 negros escravos; 160 mil negros livres; 200 mil mulatos escravos; 500 mil mulatos livres e 400 mil índios, num total de 4.060.000 habitantes. Avé-Lallemant, Robert - Viagem pelo Sul do Brasil no Ano de 1858 por... Rio, Instituto Nacional do Livro, 1953, passim.

[12.] Gorender, Jacob - O Escravidão Colonial. 3ª edição. São Paulo, Ática, 1980, p. 572.

[13.] A exemplo de tantos outros personagens da História nacional, Tavares Bastos freqüentava os mesmos círculos filosóficos e beneficentes que congregavam os defensores da Independência, do Abolicionismo, da proclamação da República e outros movimentos sociais importantes. Assim contextualizadas, suas idéias podem ser melhor compreendidas, na medida em que sempre concede prioridade à noção de que todos têm de receber condições iguais de tratamento perante a lei e, em todos os momentos, acaba exteriorizando posições que o filiam, de certo modo, ao Iluminismo.

[14.] Cervo, Amado Luiz, op.cit., p. 179.

(*) Aleksandar Jovanovic é professor da Universidade de São Paulo, doutor em Linguística, jornalista e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Engenheiro Billings, visionário que acelerou o desenvolvimento do progresso

Octávio Camillo Pereira de ALMEIDA (*)

No início do século a empresa canadense "Light and Power" obteve a concessão da exploração dos bondes elétricos na cidade de São Paulo e, para alimentação de seus veículos, teve de produzir energia elétrica.

No princípio, a energia elétrica foi obtida através de equipamento movido a vapor e, em seguida, por usina hidrelétrica que atendia, também, a iluminação pública e de residências da parte central da cidade, fato que abriu, no seu desenvolvimento, um campo de consumo superior ao da alimentação dos bondes.

Para suprir o crescente consumo de energia a Light providenciou, em 1911, a elaboração de projeto em área adquirida nas proximidades do município de Santa Branca, na bacia do rio Tietê, onde seria construído reservatório alimentador de canal, com a finalidade de dirigir as águas no sentido da Serra do Mar, permitindo a construção de usina hidrelétrica 640 metros abaixo da mesma, nas imediações de Caraguatatuba.

Para a época, o projeto era de envergadura, exigindo investimento de alto valor, que somente poderia ser aprovado pela matriz canadense.

Considerando tanto a complexidade do empreendimento, quanto o vulto do aporte de recursos, o projeto ficou paralisado por longos 10 anos, aguardando sua aprovação.

Em 1923, veio ao Brasil o funcionário da Light, engenheiro Asa With Kenney Billings, experiente construtor de usinas, para, "in loco",

examinar e apurar a viabilidade econômica do empreendimento.

Dentro dos argumentos apresentados pelo engenheiro Billings, na rejeição do projeto, estaria a questão do custo da transmissão da energia, principalmente pela distância que separava a usina de São Paulo.

Diante dessa decisão, foi encarregado o engenheiro Hyde, também funcionário da Light, para pesquisar novo local que oferecesse melhores condições de produção e transmissão de energia e que pudesse satisfazer as especificações formuladas pelo engenheiro Billings.

Após muitas caminhadas e levantamentos da Serra do Mar foi encontrado o local ideal: o represamento do rio Grande, afluente do rio Tietê, junto a Santo Amaro, que permitia o desvio das águas através do córrego das Pedras até o alto da serra, onde seriam despencadas até Cubatão, na Baixada Santista.

O volume de águas represadas era muito superior ao do projeto anterior, além de possuir maior altura hidráulica. Eram as condições fixadas pelo engenheiro Billings.

Com o novo projeto, devidamente orçado, o engenheiro Billings seguiu para o Canadá disposto a envidar esforços objetivando sua aprovação.

Segundo relato da época, embora o novo projeto tivesse um custo bem superior ao anterior, o argumento fundamental que teria convencido o Conselho Diretor da Light, foi de que o projeto Cubatão poderia oferecer 600.000 KVA, e não apenas 200.000, como previsto no anterior, e que o consumo energético da cidade de São Paulo iria absorver

esse volume num prazo relativamente curto.

Ele acreditava na expansão e desenvolvimento do consumo energético da cidade de São Paulo que, logo após a implantação do sistema Cubatão, passou a ostentar o galardão de "o maior centro industrial da América Latina".

O decreto de concessão, assinado por Arthur Bernardes, conteve ressalva no sentido de que o represamento não poderia prejudicar o abastecimento de água da região. Essa condição, embora posterior, pôde ser atendida na concepção da nova represa, com a retirada de água por parte do DAE - Departamento de Águas e Energia (atual Sabesp) no braço rio Grande e no reservatório regularizador de vazão Guarapiranga.

Dada a situação topográfica privilegiada é que foi possível, em 1947, através do decreto federal, a concessão da reversão do rio Tietê com a elevação da barragem Edgard de Souza, em Pirapora, e instalação das elevatórias de Traição e Pedreira, aumentar o volume de alimentação da represa.

Em 1952, houve a correta decisão de dar o nome do engenheiro Billings à represa que foi escolhida com as especificações por ele idealizadas e que foram fundamentais para o desenvolvimento da cidade de São Paulo.

(*) Octávio Camillo Pereira de Almeida é engenheiro, ex-secretário de Obras e Vias Públicas da Prefeitura de São Paulo e assessor da presidência do Sinicesp.

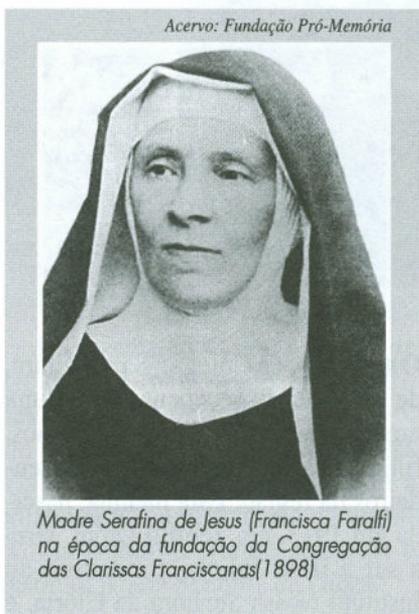
As irmãs clarissas em São Caetano do Sul

Quem, em São Caetano, não se lembra do Instituto Nossa Senhora da Glória? Localizava-se na rua Amazonas, onde atualmente funciona a Universidade do ABC. Aquela instituição escolar, dirigida pelas irmãs clarissas franciscanas, marcou época na vida educacional e cultural da cidade, não só pela qualidade do ensino, como pela perseverança com que as religiosas, seguidoras de São Francisco, ensinaram mais por suas vidas, do que por suas palavras.

O Instituto Nossa Senhora da Glória funcionou de 1953 a 1970; mas não foi somente ali que as irmãs cumpriram sua missão, pois em 1955 já estavam dentro do Hospital São Caetano, onde até hoje executam neste hospital e no bairro São José, tarefas de ajuda ao próximo com os recursos costumeiros de religiosas: orações e aconselhamentos.

Para conhecer a trajetória desta irmandade religiosa, através do seu trabalho em São Caetano do Sul, é preciso recuar no tempo e voltar para as origens de sua fundação, em 1º de maio de 1898, e a partir daí conhecer a vida da madre Serafina ou Francisca Farolfi, fundadora das Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento.

Francisca Farolfi (posteriormente Madre Serafina) nasceu em 7 de outubro de 1853, na cidade de Tossignano, Província de Bolonha, e aos 27 de outubro de 1873, tornou-se irmã Serafina de Jesus ao vestir o hábito das terceiras franciscanas de Santa Elizabeth, sendo este o primeiro passo para chegar a outros campos de trabalho, e atendeu as inúmeras necessidades do seu país e do mundo. O



Madre Serafina de Jesus (Francisca Farolfi) na época da fundação da Congregação das Clarissas Franciscanas (1898)

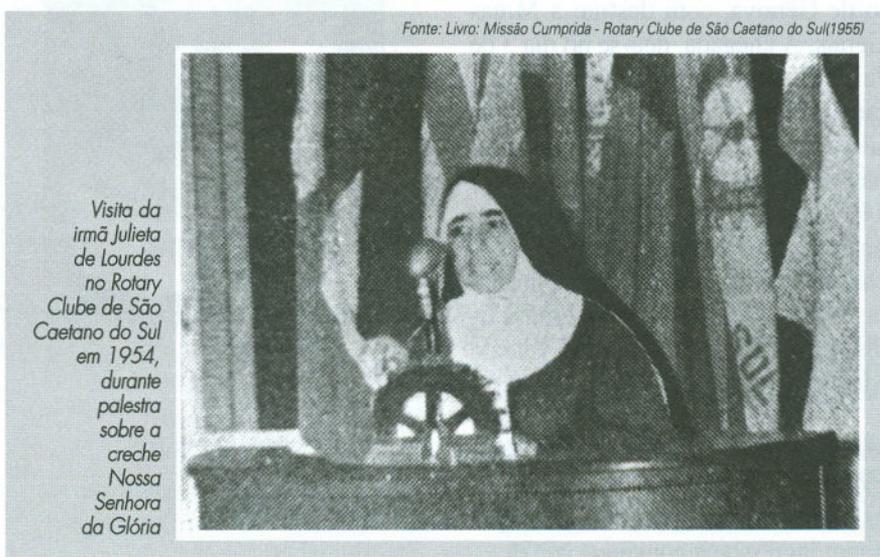
nome que deu à nova ordem franciscana de 1898 - Clarissas Franciscanas - marca seu modo de ver a vida religiosa: contemplação e ação. No trabalho a serviço dos irmãos a clarissa franciscana deve levar-lhes os Mistérios contemplados: Missionários do Santíssimo Sacramento (1).

A origem desta ordem religiosa

só foi possível no pontificado do papa Leão XIII (1878-1903) que aproveitou o extraordinário florescimento da vida religiosa na segunda metade do século XIX, e deu especial atenção a tudo aquilo que se referia aos religiosos, e os favorecia no que lhe era possível, manifestando particular cuidado para com as congregações femininas, porque as novas condições sociais exigiam um novo estilo de vida, não mais apenas encerrados com clausuras (2).

PIONEIRISMO - A instalação da Ordem Clarissa-Franciscana no Brasil aconteceu em 30 de maio de 1907, com a chegada do primeiro grupo de missionárias italianas em Itambacuri, cidade ao norte do Estado de Minas Gerais, distante 45 quilômetros de Teófilo Otoni, na diocese de Diamantina. Este grupo era formado por quatro irmãs: irmã Bernardina do Santíssimo Nome de Jesus; irmã Francisca dos Estigmas; irmã Ana dos Inocentes e irmã Benedita do Redentor.

A chegada deste grupo àquela re-



Visita da irmã Julieta de Lourdes no Rotary Clube de São Caetano do Sul em 1954, durante palestra sobre a creche Nossa Senhora da Glória

Acervo: Fundação Pró-Memória



Grupo de irmãs Clarissas Franciscanas em fotografia de 1960, no Instituto Nossa Senhora da Glória

gião remonta ao ano de 1861, quando o Governo Imperial do Brasil solicitou a presença de um missionário capuchinho em Teófilo Otoni para pacificar os índios do Macuri que praticavam sérios distúrbios na região. No relatório dos capuchinhos datado de 1893, consta que Itambacuri possuía uma população de 2.112 pessoas (3). Com a ajuda do povo, os missionários capuchinhos construíram um colégio, terminado em 1906 para abrigar as religiosas que deveriam cuidar da educação das meninas indígenas e filhas dos colonos.

Neste contexto, a 27 de maio de 1907, às 7h15 da manhã, as quatro religiosas italianas dirigiram-se ao porto de Gênova, com destino a Minas Gerais. A chegada deu-se no dia 3 de Julho de 1907. A escola que fundaram recebeu o nome de Colégio Santa Clara, e em 1908 já abrigava 58 alunas, sendo 12 internas, 32 externas, e 14 índias internas. O número de alunas cresceu ano a ano e o colégio chegou a ter no período áureo, duzentas internas e trezentas externas, filhas das melhores famílias do Vale do Mucuri e Doce.

Itambacuri, berço da missão brasileira, deu à ordem trinta e cinco religiosas, e cerca de vinte e cinco jovens ex-alunas do Colégio Santa Clara pediram ingresso na congregação (3).

ORIGEM - O Colégio Santa Clara, de Itambacuri, recebeu como aluna uma menina chamada Julieta Ramos, filha única de uma família de fazendeiros da região. Esta menina, nascida em 1913, em Teófilo Otoni, viria a ser a irmã Julieta, fundadora do Instituto Nossa Senhora da Glória, e que continua até hoje prestando serviços no Hospital São Caetano e atendendo a população carente do bairro São José.

Irmã Julieta foi criada em um

Acervo: Hospital São Caetano



Irmã Julieta (de óculos) sendo homenageada no Hospital São Caetano, em 1979, por ocasião do Jubileu de Prata do hospital (1954-1979)

ambiente de forte tradição católica, e, aos 13 anos, participando de um retiro espiritual descobriu a vocação para a vida religiosa. Mesmo assim, a entrada no convento não foi apoiada pela família por ser filha única e órfã de pai, e ao ser recebida na congregação disse à Madre Superiora:

— "Olhe, eu só recebo o hábito, se a congregação aceitar, no caso de minha mãe precisar de mim, de ser colocada à disposição dela"(4). A Congregação aceitou e muitos anos depois, quando morava em Sete Lagoas (MG) já como professora e religiosa, Irmã Julieta passaria por vários colégios de Minas Gerais, nas cidades de Belo Horizonte, Governador Valadares, Curvello, e chegaria à Itália e Espanha, entre os anos de 1964 a 1970, como promotora vocacional. Mas, antes deste verdadeiro trabalho missionário, ela havia marcado presença em São Caetano do Sul, ao fundar o Instituto Nossa Senhora da Glória.

BUSCA - Este trabalho que envolvia creches, cursos maternos, ambulatórios, etc., não a satisfazia, pois a intenção da congregação é que a irmã Julieta fundasse sua própria casa e continuasse o trabalho missionário. Em 1953, irmã Julieta conheceu através de um diretor da creche, o prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino, que se propôs de imediato a criar condições para a instalação de uma creche e escola maternal em São Caetano. Era exatamente isto que a irmã Julieta procurava.

Como o terreno da rua Amazonas já fora doado às Clarissas Franciscanas, restava agora o início das obras. O Instituto recebeu o nome de Nossa Senhora da Glória porque foi inaugurado no dia da Assunção de Nossa Senhora.

Em uma primeira etapa a creche Nossa Senhora da Glória contava com 47 crianças e posteriormente uma escola maternal com 186 alu-

Instituto Nossa Senhora

Berçário, Escola Maternal.

Cursos:
Pré-Primário, Primário e Gir

Publicidade do Instituto Nossa Senhora da Glória em capa de livrete fotográfico de 1960, distribuído aos alunos (verso e anverso)

Instituto Nossa Senhora c

Dirigido pelas:

Irmãs Clarissas Franciscanas I
de SSmc. Sacramento

nos. Na construção do segundo prédio para abrigar mais salas de aulas, dormitórios, as mães receberam apoio da população de São Caetano através das rendas provenientes de bingos, quermesses, festas, etc. Para ajudar a irmã Julieta nesta obra, a congregação contava com mais seis irmãs, entre elas, irmã Lídia Lopes, que posteriormente acompanharia irmã Julieta em trabalhos missionários na Itália e Espanha, em 1966.

Na mesma época da fundação da escola, era inaugurado o primeiro pavilhão do Hospital São Caetano, em 25 de Julho de 1954, e as irmãs Clarissas Franciscanas passaram a colaborar na administração do hospital em trabalho simultâneo com o Instituto Nossa Senhora da Glória.

A partir dos anos 60, São Caetano cresceu muito, e com o surgimento de jardins de infância, parques infantis, mantidos pelo poder público

municipal, a ordem entendeu que não era mais necessária a permanência delas na escola, e que por serem missionárias, tinham outras tarefas a cumprir, em regiões carentes, principalmente no Peru e Bolívia. A partir daí, em 1970, as irmãs resolveram encerrar as atividades do Instituto Nossa Senhora da Glória, alugar as instalações e aplicar o rendimento em obras missionárias.

Hoje, a rotina da irmã Julieta no Hospital São Caetano, apesar dos 83 anos, é cumprida de segunda a sexta, das 14 às 17 horas, no serviço de

Assistência Social onde mantém contato com o pessoal de serviços, enfermeiras, e o acompanhamento dos doentes e seus familiares. No bairro São José, irmã Julieta visita constantemente as famílias carentes, moradoras em cortiços, em um trabalho de evangelização e ajuda material.

Assim, uma vocação surgida na distante cidade de Tossignano, na Itália, através da irmã Serafina reflete nos trabalhos da irmã Julieta em São Caetano do Sul, onde recebemos os frutos do trabalho, esforços e a dedicação das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento. (José Roberto Gianello)

Fonte: Álbum de fotografias (1960)



Fachada do Instituto Nossa Senhora da Glória em 1960, mostrando a rua Amazonas sem asfalto

Notas

- (1) **Rodrigues**, Carmem - Força na Pequenez - Madre Serafina, ontem e hoje. Editora da Fundação Mariana Resende Costa, 1986
- (2) **Rodrigues**, Carmem - Força na Pequenez - Madre Serafina, ontem e hoje. Editora da Fundação Mariana Resende Costa, 1986
- (3) **Rodrigues**, Carmem - Força na Pequenez - Madre Serafina, ontem e hoje. Editora da Fundação Mariana Resende Costa, 1986
- (4) Depoimento oral da irmã Julieta em 6 de agosto de 1996, para José Roberto Gianello e Fernanda Aloe Quadros (estagiária) da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Imigrantes espanhóis que lutaram venceram em São Caetano: Família Pereira Otero

Yolanda ASCENCIO(*)

A família Pereira Otero surgiu e cresceu, na cidade de Vigo, Espanha, no início deste século. O senhor Angel Pereira Soto, nascido em 18 de abril de 1909, casou-se com Herminia Otero Iglesias, nascida em 15 de Setembro de 1908. O casal teve três filhos: José Pereira Otero, nascido em 18 de Outubro de 1930; Gerardo Pereira Otero, nascido em 15 de Janeiro de 1933, e Angel Pereira Otero, nascido em 23 de Outubro de 1935. O chefe da família trabalhava numa fábrica de conservas, e com o seu trabalho, conseguia, não só manter mulher e filhos, como também aumentar seu patrimônio. Moravam em casa própria e possuíam campos cultivados. Enquanto as crianças estudavam, a mãe cuidava da casa e da plantação.

No entanto, essa tranquilidade foi abalada pela eclosão da Guerra Civil Espanhola. Em 1933, Angel Pereira Soto foi convocado para prestar serviço militar, durante um ano e meio. O governo pagava uma pequena pensão para a família, mas a dona Her-

minia precisou trabalhar fora de casa para manter os filhos, durante a ausência do marido.

PERCALÇOS - Terminada a guerra civil, o governo desapropriou uma grande área de terra para a construção de um quartel militar. Nessa área, estavam as propriedades do ex-combatente. Mesmo indenizado pelo governo, o que recebeu pelas terras não era suficiente sequer para comprar uma pequena moradia.

Com a perda total de seus bens, o senhor Angel levou a família para uma pequena casa de aluguel. Continuou a trabalhar na fábrica de conservas por algum tempo, tentando, depois, outros negócios, como serraria, um bar. Em 1945, o filho mais velho José, começou a trabalhar na Porcelana Santa Clara, como aprendiz de pintura. Em 1946, também Gerardo ingressava na firma.

Trabalhadores exemplares, os jovens irmãos conseguiram que a firma cedesse um apartamento para a família. Tal benefício só era concedido a chefes de família. Pouco depois, também o filho mais novo, Angel, passou a trabalhar na Porcelana Santa Clara, como aprendiz de modelação. Gerardo fazia o

curso de desenho, à noite, na Escola de Belas Artes. A vida continuava difícil.

IMIGRAÇÃO - Foi, então, que surgiu a idéia de imigrar para o Brasil. Em Janeiro de 1951, quando o filho mais velho, José, prestava serviço militar, o jovem Gerardo decidiu vir sozinho para o Brasil. Desembarcou em Santos, instalando-se na casa de amigos, na Capital de São Paulo. No prazo de três dias, estava trabalhando na Porcelana Real, em Mauá, onde passou a morar numa pensão. Três meses depois, era chamado pelo senhor Diogo para trabalhar na Porcelana Santa Maria, situada na rua Piauí, em São Caetano do Sul.

Sete meses depois, em agosto de 1951, Gerardo já possuía uma casa bem montada, embora de aluguel. Pode, então, trazer para o Brasil, mais precisamente, para São Caetano do Sul, a mãe e o irmão mais novo Angel. O pai permaneceu na Espanha, esperando que José concluísse o serviço militar. Em 1952, o chefe da família e o filho José também vieram, ficando a família novamente reunida e, definitivamente, instalada em São Caetano do Sul.

RECOMPENSA - Enquanto os três irmãos trabalhavam em indústrias de porcelana, o pai se dedicava a vendas, no mesmo ramo. Em 1954, pai e filhos montam um pequeno atelier de pintura, em casa alugada, na rua Tiradentes dando-lhe o nome de Decorações Angel Pereira Soto (nome do pai).

Em 1955, pai e filhos montam um atelier de pintura bem maior, já em casa própria, na rua Tiradentes, 603 - Decorações Angel Pereira Soto e Filhos. Este atelier foi mantido até 1963. Paralelamente, entretanto, pai e filhos fize-

Acervo: Gerardo Pereira Otero



Família Pereira Otero na rua Tiradentes, 603, São Caetano do Sul. Da esquerda para direita: Angel Pereira Otero, Angel Pereira Soto, Herminia Otero Iglesias, José Pereira Otero, Gerardo Pereira Otero

ram sociedade com outras indústrias de porcelana. Assim, se tornaram sócios, em 1956, de Antonio Aguiar que tinha uma indústria de faiança, na rua Alagoas. Em 1960, compraram a indústria de porcelana Nice, na alameda Araguaia, bairro Santa Maria. Pintavam e produziam porcelana. Vendiam porcelana em branco para oficinas de pintura, que eram muitas na época.

Mais tarde, com a mudança de sócios, essa indústria mudou de nome, Porcelana Vigo, até 1967.

Diversificação - Em 1963, Gerardo deixou a firma com os irmãos e partiu para um novo ramo de negócios. Abriu uma agência de automóveis que funcionou na avenida Goiás e na rua Alagoas, respectivamente: Estacionamento Monte Alegre Ltda.

Quando a firma de porcelana foi fechada, em 1967, a família se reencontrou, como sócios, na agência de automóveis.

Em 1970, novamente Gerardo deixa a firma para os irmãos e volta para sua profissão de origem: pintor e professor no ramo de porcelana. José e Angel ficam com a agência de automóveis até se aposentarem. Gerardo, até hoje atuante na área de porcelana, se dedica a montar exposições e a ministrar cursos de pintura em porcelana, no Brasil e no exterior.

Os três irmãos imigrantes constituem família, em São Caetano do Sul. Em 1957, José Pereira Otero casou-se com Angela Paredes, também imigrante espanhola. Tiveram três filhos:



Acervo: Gerardo Pereira Otero

Fotografia tirada na Decorações Angel Pereira Soto e Filhos, em 1957. Da esquerda para direita.: Gerardo Pereira Otero, (?), Angelo Pereira Otero, (?)

Ana Cecília (professora), José Marcos (desenhista-projetista), e Maria Cristina (secretária).

Em 1959, Gerardo Pereira Otero casou-se com Fátima Fernandes Ramos, nascida em São Caetano do Sul. Tiveram três filhos: Luiz Carlos (arquiteto), Roberto (hoteleiro) e Sergio (estudante de arquitetura).

Em 1963, Angel Pereira Otero casou-se com Edina Brosco, nascida em Sorocaba. Tiveram dois filhos: Antonio (engenheiro eletrônico) e Sandra (formada em matemática).

Angel Pereira Soto faleceu no dia 19 de Outubro de 1983, em São Caetano do Sul, inconformado com o falecimento da esposa, Herminia Otero Iglesias ocorrido no dia 9 de Setembro de 1983.

Prêmios - Gerardo Pereira Otero recebeu inúmeros prêmios, destacando-se:

1º prêmio da VII Exposição anual da União Brasileira de Artes em Porcelana de São Paulo, UBAP, 1984;

3º prêmio de Originalidade Exposição da UBAP, 1986;

3º prêmio da cidade de Campinas, 1986;

1º prêmio no concurso de castiçais, 1955;

Homenagem especial, na capital da Espanha, Madrid, Novembro de 1997.

Exposições e cursos ministrados por Gerardo Pereira Otero, no Brasil:

São Paulo - Capital, Campinas, Santos, Embú, Sorocaba.

Rio de Janeiro - Capital;

Espírito Santo - Vitória;

Bahia - Salvador;

Pernambuco - Recife;

Rio Grande do Norte - Natal;

Ceará - Fortaleza;

Santa Catarina - Florianópolis, Blumenau e Joinville;

Paraná - Curitiba, Londrina, Foz de Iguaçu;

Rio Grande do Sul - Porto Alegre e Gramado;

Goiás - Goiânia e Brasília.

Exposições e cursos ministrados por Gerardo Pereira Otero, no Exterior:

Venezuela - Caracas (1983), Baquisimetro (1985);

México - México (1986 e 1991), Puebla (1990);

Argentina - La Plata (1987), Buenos Aires (1987 e 1996);

Portugal - Lisboa (1988, 1990 e 1993);

Paraguai - Assuncion (1986 e 1988);

Uruguai - Montevidéu (1986, 1988 e 1996);

Estados Unidos - Mineapoles, Minesota (1990);

Espanha - Barcelona (1990) e Madrid (1997);

Itália - Milão (1990);

França - Paris (1994).

Acervo: Gerardo Pereira Otero



Foto de 1991, onde Gerardo Pereira Otero, ministrava curso de pintura em porcelana, na Argentina

(*) Yolanda Ascencio, professora, advogada, escritora, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Os caminhos de Giacomo Basso: Itália, Estados Unidos... São Caetano

Oscar GARBELOTTO (*)

Como tantos imigrantes italianos, Giacomo Basso procurou outros lugares do mundo para reconstruir a própria vida e também a de sua família. O Vêneto já não proporcionava condições para sobrevivência digna.

Em 1908, casado com Cláudia Casagrande, emigrou para os Estados Unidos, fixando-se na cidade de Dellawana, no Estado de New Jersey, região onde havia muitos trabalhadores italianos. A eles, a nova terra dedicava o serviço braçal da região: duro, difícil, muitas vezes perigoso e insalubre.

Para fugir dessa calamitosa situação, Giacomo montou uma pensão onde atendia seus compatriotas italianos. Nesta tarefa vislumbrou outra oportunidade econômica: a fabricação clandestina de vinho e *grappa*, em plena vigência da Lei Seca que proibia o uso de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos. A fabricação e comércio dessas bebidas dava excelente lucro, permitindo até suborno dos fiscais do governo.

PROPINA - A convivência entre os produtores ilegais e os agentes do governo permitia lucro para ambas as partes, sem muitos percalços. Até mesmo um sinal convencional indicava o agente arrecadador e o momento da caixinha: o fiscal entrava no estabelecimento com um certo botão da camisa desabotoado... No entanto, quando o agente não ostentava tal sinal, significava que o referido fiscal não estava no esquema da propina. Aí a coisa era séria e o corre-corre era imediato para esconder os alambiques instalados no porão da pensão, local geralmente destinado aos depósitos de carvão e caldeiras que aqueciam as casas no inverno. Às vezes, Giacomo mandava descarregar um caminhão de carvão mineral sobre os alambiques, para esconder, por algum tempo, seu comércio ilegal. Neste caso, o serviço era rápido e eficaz: o caminhão encostava nas janelas do subsolo, próprias para isso e, em calhas, descarregavam rapidamente a carga.

Giacomo Basso teve três filhos: Pedro, Lino e Mero (mais conhecido até hoje como Miro). Os dois

Acervo: Mero Mário Basso



A família Basso, em São Caetano, no início da década de 40. Sentados: Giacomo e a esposa Cláudia; em pé, da esquerda para a direita: Mero Mário, Pedro e Lino

primeiros filhos nasceram na Itália e Mero nasceu em 1914, nos Estados Unidos, e são dele os relatos ora divulgados.

A família Basso ficou nos Estados Unidos até 1924. Nessa época o cerco das autoridades contra a fabricação e comércio de bebidas tornou-se mais intenso. Mero, na época com quase nove anos, também foi colocado no trabalho que visava disfarçar os rendimentos da família. Enquanto seu pai era operário na tecelagem Hoffman & Hoffman, ele ficava no portão da fábrica vendendo jornais.

RETORNO - Por outro lado a briga entre quadrilhas da Máfia também colocava em risco os negócios isolados de Giácomo. Era hora de partir. O casal vendeu todos os bens e rapidamente embarcou para a Itália, levando consigo, clandestinamente, cerca de trinta mil dólares, cédulas habilmente costuradas no forro dos casacos de inverno dos filhos, por dona Cláudia.

Já na Itália, a família comprou uma grande propriedade rural, na estrada que liga Conegliano a Vittorio Veneto e lá viveram cerca de quatro anos, sem que ninguém trabalhasse em nada produtivo. Apenas desfrutaram da fortuna ameaçada na América.

Escasseando o dinheiro, Giácomo Basso procurou retornar aos Estados Unidos, mas nada conseguiu em virtude de ter transcorrido o prazo de um ano dado pelo governo americano para o retorno. Nem mesmo a invocação da nacionalidade do filho Mero foi considerada pelo consulado americano. Tentou o Canadá, onde já estava um cunhado, mas nada conseguiu também. Resolveu vir ao Brasil, tendo chegado a São Caetano em 1927, passando a residir



Cláudia Casagrande Basso, ainda na Itália, com os filhos Pedro e Lino

em uma casa na rua Rui Barbosa, velho reduto de imigrantes italianos.

Basso não quis vender sua grande propriedade do Vêneto, o que lhe daria uma fortuna, em moeda brasileira da época, de duzentos contos de réis. Por uma diferença de apenas cinco contos de réis, preferiu deixá-la sob os cuidados de um irmão, em Udine. Resultado: anos depois encontrou a propriedade repleta de impostos atrasados sem nunca ter recebido uma lira do aluguel.

Por volta de 1939, vendeu-a numa transação com Vitório Dal'-Mas aqui em São Caetano, deixan-

do as liras em nome de Vitório na Itália, recebendo um grande terreno nas proximidades onde fica hoje a Fábrica de Produtos Pan, na Vila Paula, com sete pequenas casas de aluguel, rapidamente vendidas. Terminava aí a fortuna iniciada no comércio clandestino de bebidas nos Estados Unidos.

()Oscar Garbelotto, é advogado e professor de Direito do IMES. Ocupou, na administração pública municipal, as funções de Diretor do Departamento de Educação e Cultura, Diretor do IMES e presidente da Fundação Pró-Memória. Colaboração e revisão de Morisa Garbelotto Rodegher.*

Famílias Coppini – Dellanegra, uma união de fibra e muito caráter

Filho de Luiza Coppini e Francesco Coppini, nascia no dia 6 de Agosto de 1880, em São Caetano do Sul, Caetano Coppini. Esforçado e sem nunca deixar-se abater pelos percalços da vida, logo cedo Caetano teve de mostrar toda a fibra e força de caráter. Bastante jovem, aos 30 e poucos anos, ele ficou viúvo tendo duas filhas para acabar de criar: Ida Coppini e Maria Coppini, mais tarde casadas com o Antonio Costa e Luiz Novi respectivamente. De acordo com relato dos parentes, a primeira esposa de Caetano também era de família antiga do Município, tendo como irmão o velho Mazzutti.

No entanto, outra história de

amor estava para começar, e quase que por obra do acaso, uma vez que Caetano costumava visitar os parentes em Campinas que residiam no arraial de Souza, hoje Souzas. E foi numa dessas visitas que ele conheceu Luiza Masini Dellanegra que morava na Fazenda Amália, pois a família dela, coma de tantos outros, viera da Itália como imigrante para trabalhar na lavoura de café. Luiza havia nascido na Itália na cidade de Padova, em 8 de dezembro de 1885, tendo como pais Antonio Masini e Thereza Masini.

Quando Caetano conheceu a mulher que seria sua segunda esposa, ela já estava viúva do senhor Dellanegra, com quem tinha tido três

filhos Josephina, Antonio e Waldomiro, conhecidos como Pina, Toni e Miro.

RECOMEÇO - Em virtude de haver enviuvado, dona Luiza havia voltado para casa da mãe e com a proposta de casamento de Caetano, resolveram formar uma nova família e criar dignamente os filhos que ambos possuíam. Resolvidos a enfrentar os problemas da vida em conjunto, eles casaram-se no dia 18 de Fevereiro de 1910, vindo residir em São Caetano, na casa onde o Caetano havia morado com a primeira esposa, à rua Senador Roberto Simonsen (antiga rua Santo Antonio), esquina com a rua São Paulo.

Bastante prolífico, o casal teve

Acervo: Família Coppini-Dellanegra



Foto tirada em Aparecida do Norte: Caetano, dona Luiza, José Mariano, Idozolina C. Mariano, Irio Coppini, Armando Coppini, Genoefa Coppini Rossetti, Brasílio Rossetti, Valter Mariano, Wilson Antonio Mariano e Jacinta Rossetti (o casal, filhos, genros e netos), em 1943



Dona Luiza
Masini Coppini
e Olga
Monteggia na
Rua Joaquim
Nabuco, em
1960

mais nove filhos Druziana, Izolina, Hugo, Armando, Genoefa, Alzira, Olga, Ilda e Irio. Naquele tempo Caetano trabalhava como metalúrgico.

A casa era grande e abrigava um quintal de proporções avantajadas. Nesse local a família plantava verduras para o consumo próprio, além de possuir criação de galinhas, uma vaca-leiteira chamada Pintada que, segundo relato dos familiares, era caprichosa e animais domésticos como cães e gatos. Quem tirava o leite da vaca eram as mais filhas velhas, Maria, Ilda, Pina e Izolina.

A vida era bastante tranqüila, pois todos viviam em grande harmonia, já que desde os mais pequenos até os mais velhos, cada um tinha uma tarefa a cumprir. Era tudo muito bem distribuído: as meninas cuidavam da casa, cada semana uma lavava a louça, outra cuidava do serviço de limpeza, etc...

DIFICULDADES - Apesar da camaradagem existente, eram muitas crianças para serem criadas e educadas, resultando em uma vida de muito trabalho e sacrifício para as mulheres. Dona Luiza preparava em casa o pão, macarrão, *coeghino*, a

panceta, e a polenta era muito demorada, levava umas três horas para ficar pronta.

Já dona Celeste (esposa de Antonio Dellanegra) nora de dona Luiza e da própria apostavam quem teria o próximo filho primeiro. Com isso tios e sobrinhos têm quase a mesma idade.

As meninas faziam sucesso, eram muito bonitas, e os rapazes todos muito fortes. Assim a palavra médico era conhecida de todos apenas em histórias, uma vez que todos criados no leite de peito, e depois, qualquer dor de barriga que surgisse era tratada na base dos chás caseiros.

De acordo com os irmãos, Pina era muito bonita, mas muito reservada, enquanto que Druziana era a mais alegre da turma. Armando, Olga e Alzira gostavam muito de baile, para tanto eram freqüentadores assíduos de clubes como o São Caetano Esporte Clube, o Guarani e Ideal.

Como as dificuldades eram constantes, e o dinheiro sempre curto, todos estudaram somente até o Primeiro Grau, sendo que a única exceção foi Irio que conseguiu completar o Segundo Grau. Inicialmente a escola era dentro da Cerâmica São Caetano; assim as moças fizeram corte e costura, aliás era um costume

antigo dirigirem a mulher para corte e costura e serviços de casa.

Com um número tão grande de filhos era evidente que as travessuras aconteciam com uma variedade além da expectativa. No entanto, Dona Luiza não corria atrás de ninguém para aplicar um corretivo, mas usava de um estratagema. Quando eles se distraíam e passavam perto, ela, zás-trás, agarrava o bagunceiro, botava no colo, aplicando os tapas merecidos no traseiro do infrator.

CARNAVAL - No ano de 1938, aconteceu um fato muito interessante. Alzira (depois senhora Cambaúva) foi eleita rainha do Carnaval no São Caetano, tendo Edméia Marcucci como primeira princesa, e Judith Pina, segunda princesa. Dona Luiza nem ficou sabendo direito da história, uma vez que foi tapeada com a conversa de que a Alzira tinha ido entregar medalhas aos campeões do futebol.

Alicerçada na fé católica, a família tinha um costume que com o tempo virou tradição. Uma vez ao ano, todos viajavam em direção à Basílica em Aparecida do Norte para cumprir promessa. Outro costume era atravessar os trilhos, não perdendo tempo com as porteiras para frequentar a matriz velha de São Caetano, já que naquele tempo ainda não existia a Matriz Sagrada Família.

Como não havia os shoppings centers de hoje, ou outros pontos de encontro para os jovens, geralmente nos bailes que moças e rapazes conheciam os futuros namorados, Mesmo assim, na maioria das vezes era só amizade. Outra diversão era ir ao cinema, e na cidade haviam dois: o Cine Central e o Cine Park (o famoso Cine Park, conhecido também pela alcunha pouco elogiosa de Pulgueiro). Os que não gostavam de baile ou cinema, como o Antonio (Toni), iam pegar traíra nas cavas da Rua São Paulo, ou até mesmo pescar lambaris, tão limpas

que eram as águas dos córregos existentes na cidade.

TIJOLOS - Um fato pitoresco, que muitos dizem ter sido obra do acaso, veio a mudar a vida da família. Segundo os familiares, um senhor negro, por casualidade descobriu que os terrenos de Caetano Coppini, localizados no final da Rua São Paulo, que na época formava uma várzea, continha barro que era ótimo para a fabricação de tijolos refratários. Diante da constatação, Caetano deixou o trabalho de metalúrgico e passou para a extração do barro que era transportado em caminhões por Toni e Miro que faziam entrega nas fábricas. Previdente, quando o barro começou a escassear, Caetano tornou-se sócio de Cosme Scatoni (da Cerâmica Scatoni) e compraram uma jazida de caulim em Cumbica, cidade de Guarulhos, para extração e venda do produto. Quando os sócios faleceram, o negócio passou a ser explorado por Colomba Scatoni e Luiza Coppini.

Entre os anos de 1940 e 1943 Caetano e Dona Luiza mudaram-se para a casa da Rua Joaquim Nabuco, recentemente demolida. Nesse local, o patriarca aceitava bem o namoro das filhas, mas nos dias certos, terças, quintas, sábados, e domingos podiam ir ao cinema, acompanhadas, como se dizia com as velas junto (os irmão menores).

Como as roupas dos Coppini-Dellanegra eram confeccionadas em casa, os tecidos para as costureiras da família eram comprados no Ipiranga, e no Brás, sempre na Casa 3 Irmãos. Já os mantimentos como arroz, feijão, farinha, etc., eram adquiridos no armazém de Luiz Veronesi, que ficava na Rua Senador Roberto Simonsen, em frente à casa de Caetano.

RELIGIOSIDADE - Fiel às crenças católicas, como a maioria das famílias da época, freqüentar a igreja

era um hábito comum. Assim, todos os filhos foram batizados, crismados e fizeram a primeira comunhão, também casando-se no religioso. As maiores festas de casamento foram as de Toni e Celeste, Miro e Rita, Pina e Joanim, sempre em casa na base do macarrão da mama, frangos e leitões assados até fartar.

Do grupo de amigo que frequentavam a casa podemos citar Luiz Rodrigues Neves, Eugenio Mattiel, Mauro Moretti, Claudio Perrella, Frido Cavassani, Lauro Infanti, Ettore Dal'Mas. Também haviam mulheres como Adelina Labate, Ercília Vidallis Cambaúva, Vera Bocicovar.

Com um grupo familiar tão numeroso e pode-se imaginar o total de amigos e amigas que frequentavam as casas. Dessa maneira, havia um costume interessante. No ano novo os compadres reuniam-se de uma maneira peculiar, pois o primeiro compadre ao visitar a primeira casa, chegava cantando:

*Apri il portello
apri il portello
che é arrivato
l'anno bello*

O dono da casa convidava-o a entrar, e no caso da Dona Luiza havia sempre os crostolis e o copo de vinho à espera. Da primeira casa os compadres seguiam para a segunda casa e o ritual continuava:

(Apri il portello, etc...)

E tome mais vinho. Quando chegavam à casa do último compadre, se é que chegavam, a cena devia ser bastante cômica...!!!

Todo mundo era compadre de todo mundo. Tinha compadre: Molinari, Parente, Carnevalli, Veronesi, Ferrari, etc...

Quando da construção da Igreja Matriz Sagrada Família, por volta de 1930, Caetano e Dona Luiza, doaram o altar de São Caetano e as portas da Igreja. Dona Luiza fazia parte do apostolado do Sagrado

Coração de Jesus. Caetano Coppini faleceu no dia 23 de agosto de 1947 e Dona Luiza Coppini faleceu no dia 6 de Setembro de 1971. Atualmente só estão vivos os filhos: Armando Coppini (solteiro), Idozolina Coppini Mariano, Ilda Coppini Monteggia, Olga Coppini Fontebasso e Irio Coppini.

DESCENDÊNCIA - São filhos de: Joanim (João) Lovato e Josephina (Pina) Dellanegra Lovato: Nancy Lovato Santana e Oswaldo Lovato;

Antonio (Toni) e Celeste Dellanegra: Diva, Dirce, Daise, Odila, Jair, Clóe, Clóvis, Sidney, Durval; Waldomiro (Miro) Dellanegra e Rita Lovato Dellanegra: Vandir Dellanegra (falecido) e Edmundo Dellanegra;

Antonio Costa e Ida Coppini: Aldo Costa, Ivo Costa, Alice Costa Martins, Jaira Costa e Lourdes Costa;

Luiz Novi e Maria Coppini Novi: Tereza Novi, Idalina Novi, Esmeralda Novi e Armando Novi;

Druziana Coppini Trassi e André Trassi: Lauro Trassi (falecido) e Norma Trassi Canteras;

José Mariano e Idozolina (Izolina) Coppini Mariano: Valter Mariano e Wilson Antonio Mariano;

Hugo Coppini e Olga Gonçalves Coppini: Léa Coppini Dobo;

Brasilio Rossetti e Genoefa Coppini Rossetti: Jacinta M. Rossetti; Armando Coppini (solteiro);

José Cambaúva e Alzira Coppini Cambaúva: Ana Maria Cambaúva (falecida), Maria Inez Cambaúva;

Waldemar Fontebasso e Olga Coppini Fontebasso: Odair Delaney Fontebasso e Mariginia Fontebasso Alexandroni;

Cesare Monteggia e Ilda Coppini Monteggia: Matilde Monteggia Lorenzini;

Irio Coppini e Zilda Capella Coppini: Tania Regina Coppini Ferreira de Matos e Telma L. Coppini Previato.

(Ilma Dias Mariano)

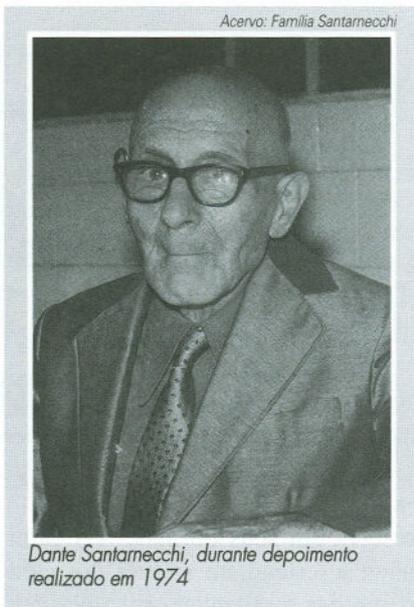
Velho soldado reclama: "Há prazo certo para heroísmo?"

Domingo Glenir SANTARNECCHI (*)

Ex-combatente italiano, o velho soldado que viveu as agruras da Primeira Guerra Mundial, conta em detalhes as batalhas travadas no Norte da Itália e o drama de viver durante 17 meses no *front* da guerra. Fala dos amigos que cultivou e da batalha final travada em Vittorio Veneto, de onde vieram os imigrantes italianos que fundaram São Caetano. A bandeira de Vittorio Veneto espelha bem o que foi aquela guerra, pois traz uma cruz ao centro dividindo em quatro campos, que são quatro cemitérios, um verdadeiro ossário contendo os restos mortais dos patriotas que derramaram o sangue em suas terras para defender a nação.

O difícil regresso à casa e a adaptação à vida do pós-guerra. Dante Santarnechchi já no Brasil, recebeu quatro medalhas com especial destaque à Cruz da Ordem de Vittorio Veneto, no grau de Cavaleiro, outorgada pelo Presidente da República italiana em 16 de fevereiro de 1981, em reconhecimento do mérito pela bravura em combate. Mas sua grande frustração era não ter recebido a pensão a que tinha direito. Ao final de sua vida, em 1980, depois de tanta luta junto às autoridades consulares da Itália, Dante passou a receber a tão sonhada pensão.

DEPOIMENTO - "Tudo começou nas montanhas Dolomitas, na divisa da Áustria com a Itália. Até então, os austríacos não haviam ultrapassado nossas linhas. Era inverno. As trincheiras cheias de soldados transidos de frio, chafurdando na lama pe-



gajosa, resistiam ao embate do inimigo. Foi quando começou a retirada".

Quem conta é o soldado Dante Santarnechchi, do Batalhão de Metralhadoras do Real Exército Italiano. Homem simples, de pequena estatura, natural da aldeia de Porcari, na cidade de Lucca, Província da Toscana. Nasceu em 2 de junho de 1897. Era filho único de Rosa Toschi e Ottavio Santarnechchi, de família humilde, dedicava-se à profissão de alfaiate. Vida tranqüila, sem maiores percalços, almejava apenas construir um lar idêntico àquele em que vivia. Os divertimentos naturais de uma pequena localidade serviam para alimentar o espírito de um homem que despertava para uma existência sem grandes ambições.

Imigrou para o Brasil em 1910, aos 13 anos de idade, instalando-se na cidade de Veranópolis, Rio Grande do Sul, onde permaneceu até

1914. Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, Dante, com 17 anos, inscreveu-se como voluntário e voltou à Itália para lutar em defesa da Pátria.

GUERRA - Veio então o ano negro de 1914. Na Bósnia, dois estudantes, imbuídos de um ideal político, assassinaram o Arquiduque Fernando. Foi então que nuvens negras toldaram os céus de um continente. A Europa ensanguentou-se. A partir desse tempo, a vida começou a mudar para Dante. Via seus amigos partirem em defesa da Pátria. O entusiasmo natural das gloriosas ocasiões contagiava os moços, que almejavam vestir-se de glórias na defesa de sua terra natal.

Ele partiu. Partiu certo de que a defesa da Pátria dependia inteiramente de seus esforços, de sua dedicação e sacrifício. Dar a vida pela Itália seria o prêmio maior. Cânticos de glória ecoavam ainda em seus ouvidos.

Os primeiros combates, contudo, encheram-no de pavor. Um pavor intenso que tomava conta de cada pedaço de seu corpo. Um pavor enorme que impedia seu cérebro de pensar. Apenas as reações naturais continuavam. Sentia fome, sentia medo e frio. Nada mais.

Com o decorrer dos tempos, habituou-se. Acostumou-se com o cheiro de pólvora expelida pelas armas. Habituou-se com o cheiro adocicado do sangue que vertia de seus companheiros mortos e feridos. O odor putrefato dos corpos em decomposição, comum nos campos de combate, era-lhe indiferente.

O tempo passou. A paisagem dos campos de luta era imutável.

Crateras, arame farpado, lama e neve. Os sons somente eram sentidos quando o fragor da batalha terminava. O silêncio implacável feria mais que o troar dos canhões e o matraquear das metralhadoras. Os homens se transfiguravam. Restava neles apenas o desejo de viver, de voltar. Não raras vezes amaldiçoavam a guerra. A guerra que havia merecido loas e cânticos de heroísmo.

BATALHAS - Os campos de batalha se sucediam. Piave, Caporetto, Trieste, Trento, Adige e depois, Monte Grappa. "Foram - diz o soldado Dante - 17 meses de pavor e de tragédias. Companheiros mortos, homens feridos, tudo o que a maldita guerra faz".

Os infantes, os *bersaglieri*, as tropas alpinas, os *arditti*, todos se empenhavam em causar o maior número possível de baixas entre os inimigos. Matar a tiros ou a golpes de baioneta transformara-se em fato comum. Às vezes o cansaço tomava conta dos homens. O desejo incontido de voltar para o lar incutia idéias de fuga, de deserção. Contudo, a chama do amor à Pátria impelia os soldados para a frente, para a vitória sonhada e tão difícil de alcançar.

Dante Santarnecchi continua a falar: "Você devia ter permanecido meses numa trincheira, na lama, no frio na expectativa de um assalto, na angústia da espera, sem pensar em ser herói. Você devia ter enfrentado combates a baioneta, barragens de artilharia, se espojando na lama, sofrendo os efeitos dos gases asfixiantes, ter passado fome, tudo em defesa da Pátria. E depois?"

A retirada era desordenada. Homens a cavalo, com galões de oficial, concitavam os soldados a deporem as armas e voltarem para suas casas. Alguns - os mais afoitos - deixavam tudo. Armas, munições, levando apenas a pouca comida que



restava em seus bornais. Os caminhos se estendiam através dos campos e das montanhas, encompridando-se pelo cansaço.

"Não se sabia de onde partiam as ordens de abandonar a frente de combate. Diziam alguns que a guerra havia terminado e que os instrumentos de morte deveriam ser largados ao longo dos caminhos. Éramos milhares de homens sequeiosos por um lugar onde pudéssemos descansar o corpo exausto. Fugíamos desordenadamente da frente, que já se tingira de sangue várias vezes. Deixávamos tudo em nosso rastro.

Eu me havia juntado a quatro companheiros de armas. Uma afinidade inexplicável nos havia unidos desde os primeiros dias que passáramos na luta. Foram 19 dias de caminhada, sem parar e sem dormir. Foram dias de esperanças que se diluíram no primeiro ponto de encontro com as tropas da reserva".

HEROÍSMO - Foi assim que o homem que não pôde ser herói começou sua estória. O homem que não se transformou em herói, porque

os "heróis da retaguarda" afirmam que ele não cumpriu o tempo entre as "chamas do inferno da guerra".

Tudo começara em Caporetto. Dizem os homens que participaram daquelas batalhas que a superioridade em soldados e armas dos dois países inimigos era tal que a única coisa que restava era retardar seu avanço para o interior da Itália. Retirar e combater, deixando, a cada passo, destroços e cadáveres.

As longas filas, compostas por restos maltrapilhos de combatentes, serpenteavam pelas encostas da serra, sob a chuva incessante da metralha inimiga. Homens e mulas disputavam em meio à lama pegajosa, um lugar melhor para pisar. Era a fome, o medo, o cansaço. O frio cortante das alturas penetravam pelas fardas molhadas e enlameadas, martirizando mais ainda os alquebrados defensores da pátria de Dante.

CONTRA-OFFENSIVA - Dante Santarnecchi conta que ao alcançarem os postos de reservas, os soldados foram tratados como se fossem desertores. Os maus-tratos eram uma constante. Oficiais ofendiam os

homens que haviam obedecido a ordens, abandonando as armas e rumando em busca do lar distante.

Depois com a intervenção dos escalões superiores, receberam novos equipamentos e se prepararam para expulsar o invasor. Diz que foram 10 meses de trabalho preparatório para a ofensiva que redundou na grande vitória em terras de Vitorio Veneto.

O que fora perdido em 19 dias sangrentos de retirada, foi reconquistado em 48 horas de lutas gloriosas. O espírito inquebrantável - oriundo dos antigos combatentes da antiga Roma - prevaleceu em todos os soldados.

O inimigo agressor foi levado de roldão para a sua terra. O Rio Piave mais uma vez se tingiu com o sangue dos heróis da heróica Itália.

Veio então o dia 11 de novembro de 1918 e com ele o armistício que marcou a derrota final dos países que haviam ensanguentado o mundo por longos e negros quatro anos.

A Europa e a América, unidas na tragédia, irmanaram-se nas festas da paz.

Depois das festas, a realidade da Paz de novembro de 1918. Era uma paz suja e enganosa. Uma paz de desemprego, de desordens, de destruição e de misérias. Milhões de jovens haviam perdido a vida nos campos de batalha da Europa. Milhões de mutilados perambulavam sem amparo pelos países que participaram das lutas. Milhões de loucos e desajustados voltavam a seus lares destruídos pela hecatombe.

As lutas políticas eram cons-

tantes no velho mundo. Na Itália, na Alemanha, elementos extremistas sobrepunham seu interesse às necessidades de suas pátrias. A economia estava na mais completa falência. O desemprego, o retorno dos combatentes, a orfandade, tudo servia para completar o caos existentes.

ELDORADO - Na pequena aldeia do norte da Itália, Dante Santarnecchi sentiu a necessidade de buscar novos horizontes. Juntou o pouco que lhe restava - saldo de quatro anos nas trincheiras enlameadas - e partiu para o Eldorado.

Tinha então vinte e um anos de idade. Uma existência de lutas, sem guerras, se antevia. No Novo Mundo, o Brasil possibilitava aos oriundos da Velha Terra, condições para

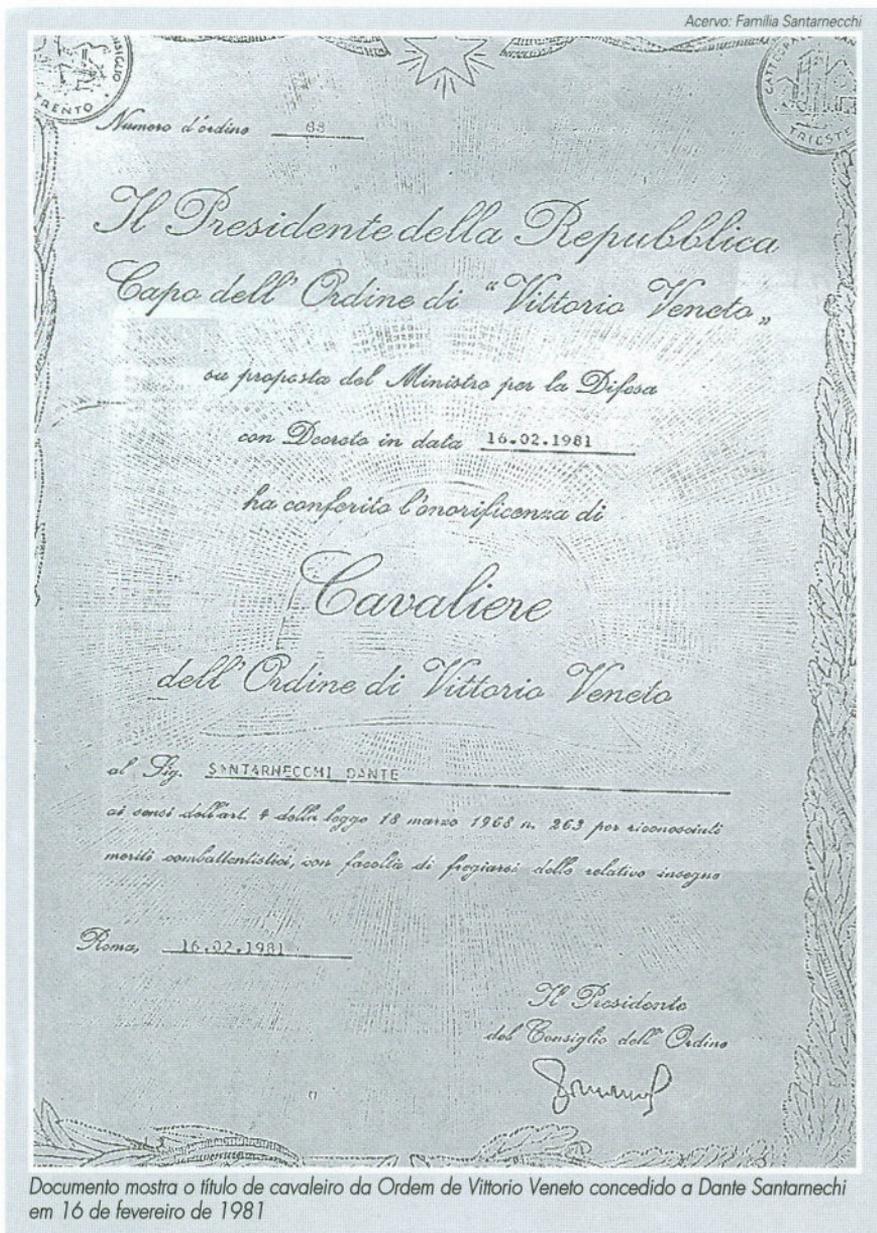


Defronte às muralhas de Lucca, Dante (primeiro à direita em pé) posa junto com os quatro amigos que fez e com quem conviveu durante a guerra



Num intervalo entre as batalhas, o velho soldado (primeiro à esquerda, embaixo), junto com os companheiros de farda, descansa

Acerco: Família Santarnecchi



Documento mostra o título de cavaleiro da Ordem de Vittorio Veneto concedido a Dante Santarneccchi em 16 de fevereiro de 1981

uma vida melhor, sem lutas, apesar dos sacrifícios.

Aportou no Rio Grande do Sul na cidade de Veranópolis, também fundada por imigrantes italianos, que chegaram na mesma época dos de São Caetano. Ali, tinha a certeza de encontrar gente de sua aldeia, de sua região. Ali acreditava poder encontrar os meios necessários para iniciar sua vida de paz. A verdadeira paz que procurava desde os mais tenros anos de sua vida. A nova Pátria deu

a Dante tudo o que possuía. Exigiu-lhe em troca apenas trabalho. Lá conheceu a sua futura esposa, Maria Pasquali, com quem se casou e formou família.

E ele trabalhou. Trabalhou intensamente, tirando da terra e de seu suor todos os meios necessários para o sustento de uma família que principiava a nascer.

RECORDAÇÕES - Dos velhos tempos da guerra tinha apenas a triste lembrança. Às vezes, sozinho,

pensava nos amigos que fizera durante os combates que travara. Os velhos companheiros de trincheira e de retirada.

Lia nos jornais e revistas coisas que falavam do heroísmo dos generais e do monarca reinante. Falavam de Codorna, de D'Annunzio, de Giraldis, de Caviglia, bem como de outros altos oficiais que da retaguarda levaram os soldados à vitória.

Lembrava das lutas do Piave, do Monte Grappa, do Passo del Tonale, de Caporetto, de Tomba, da frente de Montello e da batalha decisiva de Vittorio Veneto, onde o melhor da juventude italiana deixara o sangue, que por várias vezes manchara as águas do rio que serve de limite entre a Itália e a Áustria.

Recordava os dias de sacrifício, de frio, da fome e do medo. Tudo passava por sua mente como num filme colorido e cheio de sons. Ouvia, em noites de pesadelo, os gritos de seus companheiros de armas e o estrondar dos canhões.

Com o decorrer dos anos, a memória dos dias tristes foi se esvaindo. Junto com a esposa Maria Pasquali, lutava para sustentar os filhos nascidos em sua nova terra. Os filhos - Terezinha (falecida), Maria de Lourdes, Rosa Gladis, Antonio Glayr, Anna Gley, Matheus Glomir, Domingos Gladymir (falecido) e Domingo Glenir - eram o motivo de seus novos combates. Combates duros para dar-lhes, além do sustento, orientação, exemplo e estudo para que tivessem melhores condições de vencer na vida. E eles não o desapontou.

Em 1946, Dante veio para São Caetano, ainda Distrito de Santo André. Aqui trabalhou na Indústria Francisco Matarazzo, onde atuou durante oito anos na Seção de Lavagem da fábrica Rayon, no Bairro da Fundação, sob as ordens de



um antigo companheiro de farda naquela guerra. Os filhos estudavam e a vida da família do ex-combatente transcorria sem preocupações.

RECONHECIMENTO - Em 1968 o governo italiano, no sentido de homenagear os homens que haviam lutado em defesa da Pátria, promulgou a Lei nº 263, que concedia aos soldados várias honrarias. Dante recebeu as medalhas da "Campanha de 1915 a 1918", "Cruz do Mérito da Guerra", "Unidade da Itália" e a "Interaliada". Proporcionava, ainda, uma pensão de 60 mil liras anuais e que deveria ser paga desde o momento da desmobilização.

Dante, de posse das informações necessárias estabeleceu os primeiros contatos com as autoridades militares da Itália. Todavia, apesar de

comprovar suas atividades como municionador de metralhadoras no "89º Regimento de Infantaria", na "149ª Companhia de Metralhadoras Saint-Etienne", na "493ª Companhia de Metralhadoras", no "4º Reparto de Metragliatrice - Cia." e ainda no "14º Regimento da Cavalaria" - onde permaneceu até o dia de sua baixa das fileiras militares, participando de combates em várias frentes - nada recebeu.

Diziam as fontes militares que nos arquivos do Exército Italiano apenas constavam seu ingresso nas fileiras e o seu desligamento. "O estranho - diz Dante - é que as condecorações me foram entregues. Isto não basta para provar minha participação na luta durante os negros anos daquela triste guerra?"

PRAZO - Em outras ocasiões informaram que ele não permaneceu durante "sete meses seguidos" na frente de combate - prazo certo para ser considerado herói. Dante Santarnechchi responde que os soldados, com a finalidade de gozarem merecido descanso, eram mandados para a retaguarda a cada 50 ou 60 dias.

"Caberia a eles - os comandantes e os responsáveis pelos arquivos militares - acompanharem a presença de cada homem nas trincheiras. Pelos cálculos que fiz, esse tempo foi ultrapassado. Parece-me que o heroísmo somente é atribuído aos que permaneceram na retaguarda e que ostentavam galões superiores. Nós - os que éramos diretamente atingidos pela desgraça de uma guerra suja, que sentíamos

fome, medo, frio, que enfrentávamos o inimigo cara a cara - não temos o direito de ser heróis? Conheço alguns que receberam esse benefício e são poucos. E eu? Existe prazo marcado para ser herói? É isso, que nos meus 76 anos de idade (em 1974), pretendo saber?"

Finalmente, em 1980, passou a receber a tão sonhada pensão, já no crepúsculo de sua vida, o que o consolou, sabendo que foi reconhecida a sua dedicação à Pátria.

Dante Santarnechi era um verdadeiro ecologista na década de 50, quando ninguém falava nesse assunto, pois sempre se dedicou às plantas, cuidava das árvores do bairro da Fundação recém plantadas pelo Prefeito Campanella, que necessitavam de cuidados para crescer e se fortalecer, principalmente na Rua Heloisa Pamplona, onde viveu por muitos anos.

Sempre morou no Bairro da Fundação, onde teve marcada atuação no campo religioso da Paróquia São



Vista interior da Igreja Paroquial de Porcari (Lucca), onde Dante foi batizado em 1897

Caetano (Matriz Velha), realizando trabalhos beneficentes para os Vicentinos e Antonianos. Até os últimos anos de sua vida, marcava sua

presença carregando a cruz na frente das memoráveis procissões daquela Paróquia.

PRAÇA - Dante Santarnechi faleceu em 23 de março de 1986. Em 1990, o prefeito municipal, Luiz Olinto Tortorello, homenageando a família pranteada, denominou de Praça Dante Santarnechi, através do Decreto no 6.248/90 de 16/03/90, o logradouro existente na Estrada das Lágrimas com Avenida Guido Aliberti, entrada pelo Rudge Ramos, defronte à Escola de Engenharia Mauá, onde existe um placa de bronze, perpetuando a homenagem. (Essa narrativa foi feita por Dante Santarnechi, em 15 de janeiro de 1974, 12 anos antes de falecer. Ele morreu aos 89 anos de idade, depois de estar radicado em São Caetano do Sul durante 40 anos).



(*) Domingo Glenir Santarnechi é jornalista, advogado e pesquisador da memória da cidade. É autor de diversos artigos e opúsculos sobre a história de São Caetano e do Santo Padroeiro. Atualmente é apresentador da TV São Caetano - Canal 45.

A primeira equipe juvenil de basquetebol masculino teve José Crivelaro como treinador

Carlos GERCHTEL (*)

Final da década de 40, início dos anos 50: o São Caetano Esporte Clube já possuía suas equipes adultas bem montadas, disputando inclusive, os campeonatos existentes na época com muita galhardia, quando surgiu a idéia de se formar em nossa cidade, a primeira equipe juvenil de bola ao cesto.

Assim, com a ajuda do competente e paciente técnico José Crivelaro, O Seu Zé para todos, se reuniram pela primeira vez, na antiga quadra da Rua Perrella, vários jovens, iniciando deste modo os treinamentos, que a princípio eram realizados aos domingos, no período da manhã pois, a maioria estudava durante a semana, no período noturno e não podia comparecer nos treinos efetuados naquele horário, a não ser nas férias escolares.

Estava aberto o caminho, para aqueles que quisessem fazer uma carreira esportiva na modalidade, bastando para tanto, que estivessem na idade correspondente. Ninguém deixaria de ter a sua oportunidade.

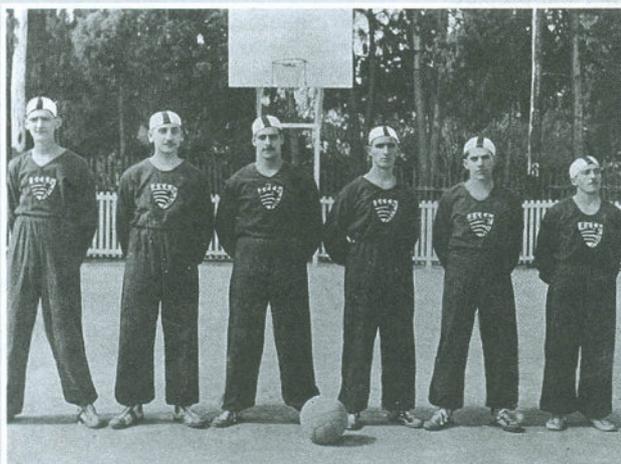
Desta maneira, a cada treino que se fazia, o entusiasmo ia aumentando e o grupo inicial, se enraizando de tal forma na coisa, acabou assumindo a responsabilidade de levar a bom termo esta atividade, já pronunciando resultados positivos. Pequenas diretorias foram constituídas, para melhor dirigir e organizar as práticas esportivas, representando igualmente a diretoria do clube, tentando em seu nome, resolver os problemas.

Com a criação da categoria juvenil, possibilitou-se a formação das categorias infantil e mirim, e logo em seguida, do feminino; sempre com a colaboração do Seu Zé, que muito

teve a ver nesta evolução, nos facilitando em tudo, demonstrando com tal atitude, a sua intenção em nos preparar convenientemente e acima de tudo, nos dar condições técnicas suficientes, para bem representar a agremiação, quer nos torneios amistosos, quer nas partidas oficiais. Quantas vezes tivemos que buscar a chave na sua residência, para podermos abrir as dependências do clube, e sempre éramos atendidos com muita solicitude, não só do próprio treinador, como também pela esposa e filha na sua ausência, dando-nos por sinal, um senso de responsabilidade maior do que a nossa admitia, pela confiança que a família depositava no nosso grupo, diga-se de passagem, bastante compenetrado, justificando plenamente esse bom conceito.

Por exercer uma outra atividade aos domingos, Seu Zé, sempre tinha

Acervo: José Crivelaro



Primeira turma de basquete formado no São Caetano Esporte Clube, em 1943 para disputar o campeonato regional no ABC. Da esq.p/dir.: Celidonio Garcia, Chicão(?), Primo Rocco, José Crivelaro, Alabano Moraes, Domingos Amadeu

Acervo: José Crivelaro



Seleção de basquete da Liga Regional do ABC em 1950. Da esq.p/dir.: Celidonio Garcia, Ziga(?), Max Penacchi, (?), (?), (?), Armando Marconi, José Crivelaro, Antonio Rocco, Lauro Veronesi e Jacomo Nigro



Equipe da São Paulo Railway, campeã dos jogos do SESI.

Da esquerda para a direita: (?), (?), José Crivelaro, Wilson Negrão, Jacomo Nigro, Diretor(??), Manecão, Diretor(??), (??), (??), Vicente Renddi



Quadra da rua Perrella, no São Caetano Esporte Clube, ano mais ou menos 1953/1954. Ivan Capuzzo, Leoghin Kovalesky (Longhil), Sergio Scalzareto, Elcio Scarcciofallo, Valdemar Flekmer, (??), José Crivelaro. Agachados: (??), Jaime Pereira (Galinho), menino mascote, filho Jaime Pereira, Lourival Rocha de Almeida (Rochinha), Carlos Gerchtel, João da Costa Faria

que se retirar mais cedo, e nem por isso nos deixava sem a devida atenção. Sempre permitia que ficássemos mais tempo treinando, nos entregando a chave, acreditando naturalmente no nosso comportamento, e com isto, indiretamente nos estava educando para algo muito bom no futuro, além da prática do esporte.

Tudo aquilo ficou na lembrança, pêlos ótimos momentos que passamos naquela época da nossa juventude, com um aprendizado que muito nos ajudou no direcionamento da nossa vida, e hoje relembremos com muita saudade, aquela fase bastante feliz.

Portanto, na complementação desta citação, queremos prestar a nossa homenagem e respeito ao sr. José Crivelaro, pela sua bondade, paciência e dedicação, não deixando também de dar as suas broncas, quando era preciso; aliás, me lembro muito bem dos seus gritos para nos corrigir, quando errávamos e ao mesmo tempo nos incentivar, com as palavras topeira, bichado, no sentido, o que muito nos auxiliou na concretização do nosso ideal.

Inúmeros atletas por ele preparados, foram durante muitos anos, os titulares absolutos da seleção de São Caetano do Sul, nas grandes competições

em que a cidade participava, especialmente nos Jogos Abertos do Interior.

Muito obrigado Seu Zé, obrigado mesmo, por tudo que o senhor nos proporcionou, concedendo momentos de alegria, e nos ensinando principalmente o valor do esporte, como fator primordial, para o conagraçamento de uma nova geração de esportistas, formados sob a sua orientação, da qual fizemos parte com muito orgulho.

(*) Carlos Gerchtel, foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e do CIM Professora Alcina Dantas Feijão.



José Crivelaro em depoimento na Fundação Pró-Memória

Recordar e viver; conquistas do vôlei da cidade na década de 60

Nelson PERIN (*)

Dois memoráveis feitos, duas grandes conquistas da delegação de São Caetano do Sul que competiu no Interior paulista, principalmente através do nosso vôlei masculino, uma dentro, outra fora da quadra.

Todos os fatos que acontecem na vida tem seus preâmbulos, seus caminhos, assim como toda história tem seu começo. A história deste fato verídico que vou narrar tem seu início em 1959, quando a nossa cidade coirmã do ABC, Santo André, sediou os XXIV Jogos Abertos do Interior.

Foi nesse ano que, nos congressos que se realizam durante as competições, São José do Rio Preto ganhava o direito de sediar em 1963 a festa, considerada o maior torneio poliesportivo da América Latina.

CRESCIMENTO - Os Jogos Abertos do Interior foram criados por Baby Barioni e disputados pela primeira vez em 1936 na cidade de Monte Alto, no Estado de São Paulo, e foram crescendo cada vez mais ao ponto de, na nossa época, (décadas de 50 a 60) apesar de sempre disputados em várias cidades do interior paulista, contar com a presença de delegações vindas de Goiás, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e outros estados.

Nesses jogos de São José do Rio Preto, o número de cidades participantes girou em torno de duas centenas. Militei com vários companheiros no vôlei de São Caetano do Sul, desde a fundação do inesquecível Unidos Vôlei Clube, fundado em 29 de junho de 1952, pentacampeão de vôlei da cidade e base da primeira seleção que



A seleção de voleibol de São Caetano do Sul, conseguiu a terceira colocação nos Jogos Abertos do Interior de 1963, em São José do Rio Preto. Foram protagonistas do emocionante episódio narrado por Nelson Perin, os seguintes atletas (da esquerda para a direita): 1-Airton Pinheiro de Castro(Técnico), 2-Gilberto Bueno, 3-Pedro?, 4-

São Caetano enviou para os Jogos Abertos nesta modalidade, e que foram disputados em Jundiaí, também em 1952 até parar em 1964 (meus últimos Jogos Abertos) quando nossa cidade sediou e foi anfitriã desta festa. Nos anos subsequentes as nossas seleções passariam a ser compostas por atletas de vários clubes, que também lutavam para o crescimento do vôlei de São Caetano. Refiro-me aqui, com saudades, aos companheiros do inesquecível Clube Atlético Centenário e General Motors Esporte Clube. Todos jogavam com muito amor e raça pela cidade.

HONRA - Mesmo dentro dos poucos recursos daqueles tempos difíceis, era uma honra para nós todos vestirmos a camisa da seleção de São Caetano, na qual muitas vezes enxu-

gamos as lágrimas da vitória e da derrota. Muitas coisas alegres e tristes aconteceram ao longo desses anos que modestamente participei da nossa seleção de vôlei e em 1954, também no atletismo, em Sorocaba. Mas nada me emocionou tanto como esse acontecimento que presenciamos e vivemos em São José do Rio Preto. Tanto é que quando me lembro ou conto para alguém, comovo-me e chego às lágrimas. Sob o comando técnico do competente Airton Pinheiro de Castro, ex-atleta e campeão paulista de vôlei de 1954 (ano do Quarto Centenário jogando pela equipe do São Paulo Futebol Clube) São Caetano foi para São José do Rio Preto levando na bagagem o bronze conseguido no ano anterior, ou seja, a terceira colocação.

Não sei como é hoje, mas na nossa época, os Jogos Abertos começavam no domingo cedo, com o desfile de todas as cidades participantes na avenida principal, com a maioria das delegações tendo em sua frente suas fanfarras ou bandas marciais com seus porta-bandeiras, balizas, etc.... Era belo, maravilhoso e cinematográfico. A seguir, numa praça ou estádio, todas as delegações ficavam perfiladas para os discursos das autoridades, e a chegada do fogo simbólico com o qual era acesa a pira e logo após o juramento do atleta, dando por iniciada a competição.

Após o almoço, em todas as quadras descobertas ou ginásios, os jogos iam se desenvolvendo até tarde da noite. Foi justamente no desfile de abertura que se iniciaram os fatos emocionantes que vivemos em São José do Rio Preto e que jamais esqueceremos.

FATALIDADE - 24 de agosto de 1960. Quis o destino que a cidade que nos acolhia em 1963 sofresse uma grande fatalidade.

Dois ônibus, um repleto de moças e o outro de rapazes que compunham uma banda marcial, saíram de São José do Rio Preto para participar dos festejos de uma cidade próxima. Nós, aqui à distância, não sabíamos como aconteceu, mas os dois ônibus ao atingirem a estreita ponte do rio Turvo, o das garotas passou e o dos rapazes mergulhou nas águas turvas do rio. Foram 40 vidas prematura e cruelmente ceifadas.

Foi como se 40 enormes velas que haviam sido confeccionadas para iluminarem por muitos e muitos anos e, recém-acesas, fossem apagadas num só sopro. O Brasil todo se irmanou no luto e na dor e todos compreenderam a irreparável perda para São José do Rio Preto e para as famílias dos jovens que tão cedo nos deixaram.

Todos nós que participávamos

dos Jogos Abertos sabíamos que muitos destes jovens estariam tocando na banda marcial que puxou a delegação anfitriã ou envergando com orgulho a camisa de São José do Rio Preto em várias modalidades na grande competição esportiva. Lembro-me que a delegação da cidade-sede, foi a última a adentrar o estádio puxada por sua bela banda e perfilou junto a nós todos para as cerimônias de abertura.

ENTUSIASMO - Chamou-nos muito a atenção um jovem que desfilava na frente e tocava o seu trompete, com perfeição e entusiasmo, e que ao fim de cada toque baixava o seu instrumento voltava-se para trás e ficava olhando seus companheiros que o seguiam. Curiosos, perguntamos ao senhor com uma tarja na manga da camisa escrito CCO. (Comissão Central Organizadora), e que ali estava cuidando do posicionamento das delegações para a cerimônia, e ele nos respondeu que aquele jovem era o único sobrevivente do doloroso acidente. Alguém antes que ônibus afundasse conseguira puxá-lo para fora rompendo uma das janelas do coletivo, e ele fez questão de tocar na frente daquela banda, e nós compreendemos então o porquê do seu gesto ao fim de cada toque...

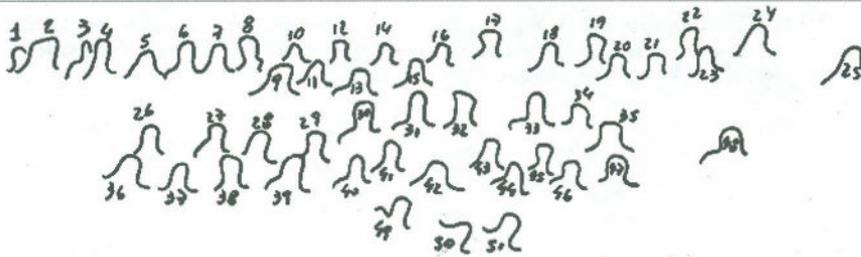
Com o terceiro lugar obtido em Marília no ano anterior, o vôlei masculino de São Caetano do Sul começou a competir na terça-feira. Vencemos a primeira partida, mas não me lembro quem foi nosso adversário; na quarta ganhamos de Altinópolis e na quinta vencemos Piracicaba, num jogo bem disputado.

Até então vínhamos jogando em quadras descobertas e, com esta terceira vitória, sabíamos que iríamos participar até o último dia de competição em nossa modalidade, no sábado. Sobraram quatro finalistas numa chave São Caetano do Sul e Santos e na outra, Santo André e Jundiá.

HOMENAGEM - Desde a nossa chegada a São José do Rio Preto planejávamos fazer uma homenagem póstuma para aqueles jovens, e foi na quinta-feira após o jantar, quase 23 horas, e já concentrados e contentes com a vitória contra Piracicaba naquela mesma noite, que o técnico Airton nos transmitiu a programação para o dia seguinte, quando no ginásio principal enfrentaríamos a equipe de Santos. Lembro-me que ele nos disse: café cedo, a partir das 7 horas, massagem, almoço leve às 11 horas, descanso novamente até o momento da partida com pré-aquecimento já na concentração. Continuando técnico e dirigentes disseram ao grupo que aquela homenagem que estávamos planejando iria ser de manhã, bem cedo, às 6 horas. Alguém foi incumbido de encomendar em uma floricultura, bem tarde da noite, a melhor coroa que eles pudessem confeccionar e várias dezenas de botões de rosas. Todos pediram sigilo, pois naquele horário, só nós estaríamos ali defronte àquele obelisco construído pelo povo da cidade em homenagem aos 40 rapazes para depositarmos a coroa. Queríamos que só os que passassem por ali defronte ao monumento e vissem as flores e os dizeres da faixa soubessem do nosso gesto. Porém, de madrugada, enquanto os atletas dormem e os trabalhos da comissão organizadora continuam noite adentro, alguém ficou sabendo e o sigilo foi quebrado. Percebemos isto quando, no horário marcado, chegamos ao obelisco, e ali já se encontrava a perua de reportagem da *Gazeta Esportiva* e mais um ou dois veículos. Quem veio nos receber foi o saudoso redator-chefe do jornal, Aurélio Belotti. Cumprimentou a todos e disse que estávamos errados em manter sigilo, pois todos deveriam saber que uma das cidades que ali viera para competir lembrou-se deste triste episódio.



Esta é a delegação de São Caetano do Sul, logo após o desfile inaugural dos Jogos de 1954. Da esquerda para a direita: 1 - Dilson Perrela, 2 - Nelson Perin, 3 - (?) Crepaldi (massagista), 4 - Dercio da Silva, 5 - Nelson Dardim, 6 - Eronildes de Oliveira, 7 - João Lefort, 8 - (?), 9 - Sergio Quaglia, 10 - (?), 11 - Walter Mariano, 12 - Darmil Garcia Lopes, 13 - Mercedes (?), 14 - Sergio Scalzareto, 15 - Neide Sachetta, 16 - Roque Latancio, 17 - José Alt, 18 - Humberto Mainardi, 19 - Walter Pesk (rubi), 20 - (?), 21 - Jaime Pereira, 22 - Professor Milton Feijão (Chefe da Delegação), 23 - Jesus Medrano Cortiço, 24 - Osvaldo Lodi (Dinho), 25 - (?), 26 - Arnaldo Belotto, 27 - Sergio Mattar (técnico da equipe de vôlei), 28 - Francisco Coccia, 29 - Waldemar Ettore, 30 - (?), 31 - Lourival de A. Rocha, 32 - Arthur Lavaghieri, 33 - Mario Castro, 34 - Salvador Lorente, 35 - José Batistel, 36 - Ronaldo Perrela, 37 - Edvar Schamier, 38 - Edna Benatti, 39 - (?), 40 - Janete Capella, 41 - Wanda Paik, 42 - (?), 43 - (?), 44 - (?), 45 - (?), 46 -



Calculo que ali entre todos somávamos umas 30 pessoas. Notamos também que num carro pequeno que ali estava, havia um senhor triste, cabibaixo, apoiado nos braços cruzados sobre o volante. Chegamos perto dele, cumprimentamo-lo e, com muito respeito, perguntamos se ele tinha alguma relação com aquela fatalidade. E com os olhos encharcados d'água ele nos disse:

“- Ali naquela placa meus jovens amigos, está também o nome do meu único filho que se chamava Mardem e tinha na época apenas 17 anos quando isto aconteceu”. Pedimos então para que fosse incumbido de depositar em nome de São Caetano do Sul aquela coroa de flores na placa de bronze afixada defronte ao monumento. Ele aceitou e em breves palavras agradeceu, e retirou-se chorando. Nós também nos retiramos e saímos dali muito comovidos e, a seguir, cumprimos tudo o que a dire-

ção técnica da equipe tinha estipulado e ficamos concentrado até o momento do jogo.

Sabíamos que ao redor da quadra havia as cadeiras de pista, ou seja, poltronas de madeira em cujo encosto há o nome da pessoa ou família que contribuiu para a construção daquele belo ginásio. Sabíamos também, que ali estaria a velha guarda da cidade e a juventude nas arquibancadas vibrando.

OVAÇÃO - A emoção começou a tomar conta de todos nós, quando a cerca de três quadras antes do Ginásio, dentro da condução que nos transportava, ouvíamos bem nítido o público gritando: São Caetano, São Caetano, São Caetano... Ficamos no vestiário uns poucos minutos, ouvindo as últimas orientações do Airton e fomos para a quadra, onde o público nos recebeu de pé. O ginásio estava lotado... Os 9 componentes da equipe, cada um tendo em mãos, vários daqueles bo-

tões de rosas que havíamos providenciado, saudamos o público e os entregamos a várias senhoras que ali estavam nas poltronas para assistirem à partida.

O público continuava em pé nos aplaudindo, e lembro que mesmo com as equipes posicionadas na quadra, o juiz não conseguia iniciar a partida. Todo o nosso banco de reservas, juntamente com o técnico, também ficou em pé em sinal de agradecimento àquela enorme platéia.

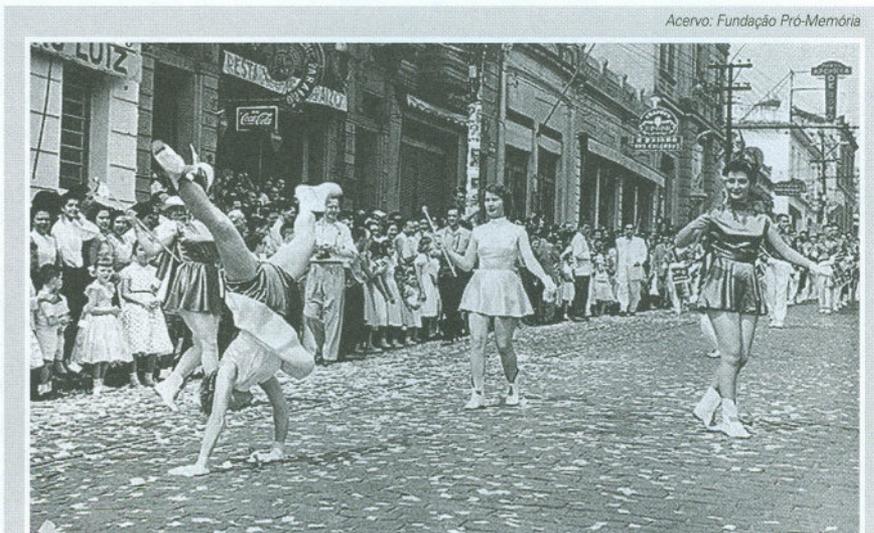
RAÇA - Naquela época a disputa de vôlei era no sistema melhor de três sets. O nosso nível técnico ainda não se comparava com a equipe de Santos, onde militavam atletas de nível de seleções paulista e brasileira, que era a favorita do título, mas jogávamos na base da raça. Perdemos, mas em ambos os sets chegamos aos dez pontos. Lutamos bastante, mas o adversário era melhor.

No dia seguinte, sábado à tarde disputamos o terceiro lugar com Santo André e, numa partida emocionante que durou mais de três horas, vencemos por dois sets a um e ficamos novamente com a medalha de bronze. Naquela noite na disputa do título, partida que não conseguimos assistir, pois ainda comemorávamos a vitória sobre Santo André, adversário do qual nunca havíamos ganho, Santos confirmando o favoritismo batia Jundiáí por dois sets a zero e ambos os sets; a equipe perdedora não ultrapassou a soma de cinco pontos. Moralmente nos sentimos os vice-campeões deste Jogos Abertos que nunca esqueceremos.

Retornamos a São Caetano no domingo, muito felizes por três motivos. O primeiro foi a emoção que nos causaram as manifestações do povo de São José do Rio Preto para com o nosso gesto. O segundo foi a honrosa medalha de bronze conseguida na nossa vitória sobre Santo André, cidade que por inúmeras vezes foi campeã de vôlei masculino dos Jogos Abertos. E finalmente a terceira, felizes porque no ano seguinte, em 1964, seríamos os anfitriões, pois São Caetano do Sul seria sede da XXVIII edição desta fabulosa festa esportiva que sempre foi uma verdadeira forja de campeões e grandes atletas nas mais diversas modalidades.

PLACA - Quem visitar São José do Rio Preto, lá na Avenida dos Estudantes poderá apreciar aquele obelisco branco de formato pontiagudo, apontando para o céu, em cuja base está afixada uma grande placa de bronze com os seguintes dizeres:

“Ao longo desta artéria, e ao longo da nossa dor que o tempo não dissipa, desfilarão perenemente na sua eterna juventude, aqueles que a morte não roubou e nem poderá jamais roubar ao nosso amor e à nossa dorida saudade”.



Acervo: Fundação Pro-Memória

Desfile inaugural dos XIX Jogos Abertos do Interior em Sorocaba, em 12 de outubro de 1954, aparecendo na foto as balizas da fanfarra da Comissão Municipal de Esportes de São Caetano do Sul



Acervo: Fundação Pro-Memória

Na foto, a baliza da representação de São Caetano do Sul, nos Jogos Abertos do Interior de 1954, na cidade de Sorocaba

A seguir, do lado esquerdo, a relação dos nomes dos 40 jovens com suas respectivas datas de nascimento, e do lado direito uma cruz com a data de agosto de 1960, e finalizando a placa-homenagem de São José do Rio Preto.

E foi ali há 34 anos, defronte ao mesmo obelisco, através de um pequeno grupo composto de veteranos e jovens atletas e dirigentes esporti-

vos da época, São Caetano também prestou a sua homenagem.

() Nelson Perin, descendente de colonos vênnetos, nascido em São Caetano há 63 anos, foi esportista destacado; durante vários anos, defendeu a seleção de vôlei da cidade.*

No apito de uma fábrica, um timbre que marcou uma história de amor

Mariza Lima GONÇALVES(*)

Passei boa parte da minha infância no Bairro Cerâmica, Rua Tupi, 353, não porque morasse lá, mas meus avós, sim: Joaquim Francisco de Lima Filho e Francisca Baria, e sempre que podia estava por lá. Foi um tempo de muita importância e de muita produtividade em minha vida. Foram muitos dias subindo em goiabeira ou passando horas a observar as galinhas cuidarem de seus pintinhos. Outras vezes ocupava o tempo mexendo na horta ou ouvindo as histórias do meu avô, do tempo que ele ainda enxergava e trabalhava como marceneiro na Cerâmica São Caetano. Era divertido acompanhar minha avó à feira ou à padaria de portas estreitas, que ficava na Rua Espírito Santo, ou ainda recolher pastilhas para brincar, que uma indústria despejava em um terreno baldio, próximo à Rua Tupi.

POESIA - Mas o mais poético de tudo era ouvir o apito das fábricas. Várias delas o possuíam, mas o da Cerâmica São Caetano se destacava. Ele era tão pontual, que minha avó acertava seu relógio com base no timbre daquela voz tão pontual. Às 11 horas, ouviam-se os acordes das fábricas e o da Cerâmica se prolongava. No ar um cheiro de almoço, um cheiro de emprego, um cheiro de progresso. Centenas de trabalhadores, a maioria da Cerâmica São Caetano, faziam desse horário um momento de extrema beleza. A Rua Casemiro de Abreu, a Engenheiro Rebouças e todas as adjacências eram tomadas pe-



Em pé, de camisa branca e óculos, Manoel Lima (à direita), empregado que exercia o cargo de supervisor de construção de fornos da Cerâmica São Caetano

los empregados que iam almoçar. Alguns, como meu pai, Manoel Lima, pedreiro da Cerâmica São Caetano, levavam marmita.

Meu pai tornou-se empregado da Cerâmica São Caetano em 8 de setembro de 1949, e costumava sempre dizer que havia ingressado logo após a Independência, uma alusão ao 7 de Setembro. Lembro-me que ele contava que aquecia sua marmita próxima aos fornos, pois o lugar era tão quente que bastava deixá-la perto. Eu

adorava, naquele tempo, sentar no muro da casa da minha avó e de lá observar o mundo importante dos adultos. O horário era seguido religiosamente por todos.

VIGÍLIA - No meu posto de observação, aguardava a chegada dos meus tios: Maria Lima e Sérgio Lima, que trabalhavam na Cerâmica São Caetano e vinham para almoçar, e enquanto eles não apareciam, ficava verificando quem da vizinhança já havia chegado para o almoço. Na

Rua Tupi, várias pessoas trabalhavam na Cerâmica. Nem todas as mulheres trabalhavam fora; em geral ficavam em casa e tinham o compromisso solene de aprontar a comida, pois em breve o apito chamaria os trabalhadores novamente à responsabilidade.

Às vezes, vêm à minha lembrança imagens daquele tempo, como se fosse um tempo só de sol. Um tempo claro, de verdades, um tempo de poesia, onde o apito da Cerâmica fazia-me viajar, sonhar, imaginar como seria lá dentro da fábrica, como tudo era feito, como todas aquelas pessoas importantes podiam se locomover e se encontrar.

Em 1974, já moça, cruzei os portões da Cerâmica, como funcionária. Vi ruas enormes, todas de paralelepípedo, praça com árvores, bancos. Vi empilhadeiras, equipamentos monstruosos, prédios altos, antigos. Vi fornos funcionando, chaminés, vi gente, muita gente. Vi meu pai, meu irmão, meu tio, minha prima, minha vizinha, o amigo do meu avô, e vi tantas e

tantas pessoas, que fui percebendo que ali existia muito mais do que uma fábrica, uma família. Eu vi e vivi. O que um dia imaginei na infância virava realidade, mas me fazia sonhar quando o apito chamava-me ao trabalho. A Cerâmica era a alma de centenas de trabalhadores e do bairro.

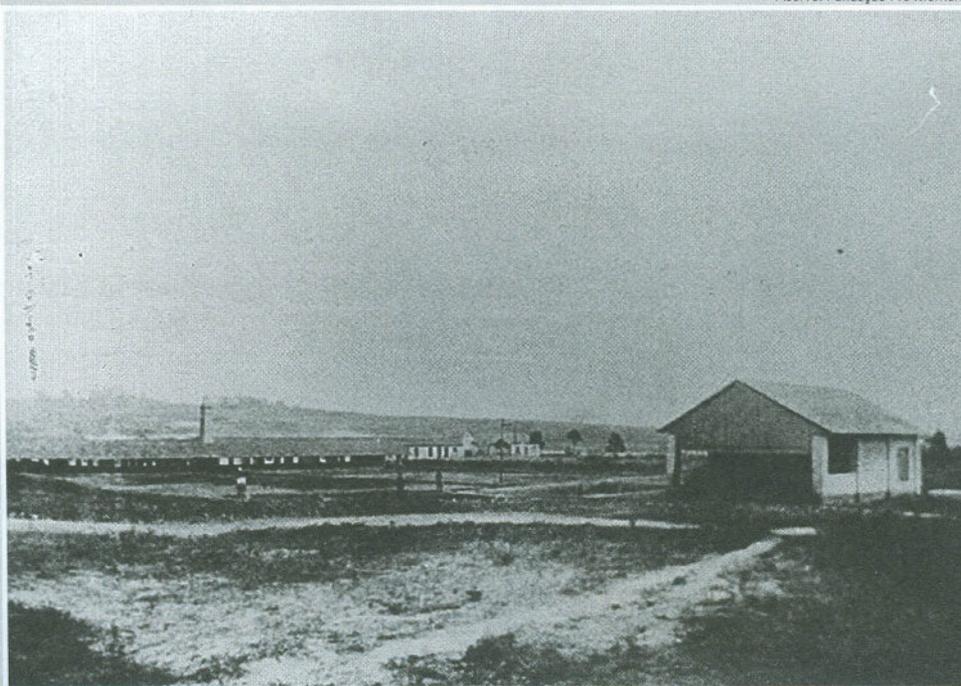
NOSTALGIA - Agora, neste último Dia das Mães, minha avó faleceu aos 92 anos. Muito mais da metade da sua vida passou no mesmo bairro, na mesma casa. Depois do enterro, eu e os demais familiares retornamos à casa, onde pude constatar minha dupla infelicidade: uma pela perda da minha avó, que levou consigo um pouco do pé de goiabeira, um pouco das pastilhas, jogadas no terreno baldio, um pouco da horta, um pouco do pão, um pouco do muro. E naquela casa da Rua Tupi, olhando tudo ao redor, constatei a outra infelicidade: o apito da Cerâmica não mais se ouve.

Ele morreu antes de minha avó. Não há trabalhadores ocupando as ruas na hora do almoço, não há pres-

sa em almoçar. Andei pelas ruas do bairro e a vida parece adormecida, esquecida... Há inúmeras casas para vender e alugar. O mercado, a padaria, o bar a loja, quase tudo parado. O que houve? Onde foi o sol? Para onde foram aquelas pessoas que corriam atrás do progresso? Onde está aquele apito que se ouvia ao longe e que fazia a todos trabalhar? Por mais que busque em minhas lembranças, a prova de que aquele tempo de minha infância e mocidade realmente existiu, perco-me na neblina do passado. Minhas lembranças se esvaem, se perdem na limitação de minhas palavras, ou morrem sentidas, como morreram meus pais, meus avós, e o apito da Cerâmica São Caetano, que chamava o sol para a infância da minha vida.

() Mariza Lima Gonçalves é poetisa, escritora, Membro da Cadeira nº 8 da Academia de Letras da Grande São Paulo - Patrono Monteiro Lobato. Professora de Português e Literatura do Colégio Técnico Industrial Jorge Street e do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão.*

Acervo: Fundação Pró-Memória



Detalhe da foto mostra a Cerâmica São Caetano que durante muitos anos, marcou a vida de

O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano

Jayme da Costa PATRÃO (*)

Diz o adágio popular - *quem conta um conto aumenta um ponto* - Foi justamente o que aconteceu com a famigerada e tão decantada visita à São Caetano do nosso segundo imperador. Há tempos passados uma acirrada polêmica tomou conta do noticiário nos jornais da cidade e alvoroçou os nossos primeiros literários.

O motivo de toda a celeuma gerada foi em torno da propalada visita de D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, logo após a chegada da primeira leva de imigrantes italianos e deve-se todo esse *imbróglio* a total falta de melhores informações. Alguns descendentes desses nossos irmãos da Itália, desavisados e talvez mal instruídos, afirmavam naturalmente por ouvir dizer, que Sua Majestade viera a pedido dos recém-assentados migrantes e, asseveravam, entre outros tantos absurdos, que o imperador dos brasileiros, logo depois de sua chegada a São Caetano e devidamente acomodado, ouviu com toda a atenção as reclamações do povaréu ao seu redor e prometeu tomar as devidas e necessárias providências!

RELÍQUIA - D. Pedro II, descansado da viagem e ciente das dificuldades e reclamações do núcleo de São Caetano, que mandara fundar, ergue, no final do encontro, um brinde em reconhecimento aos trabalhos e lutas daqueles valentes peninsulares, aos quais confiara tão árdua tarefa. Alguém presente



Aparecem à esquerda de D. Pedro Alcântara d'Orleans e Bragança (filho da princesa Isabel) ao centro a Condessa de Paris, e, à direita, D. Pedro Gastão

à recepção teve o zelo e cuidado de guardar avaramente, como relíquia, a caneca que o Imperador bebera, supostamente, o vinho do brinde!

Terminada a reunião, já tarde, Sua Majestade deixa os circunstâncias a fim de alojar-se, com sua comitiva imperial, no espaçoso sobrado de Luigi D'Agostini, onde

passa a noite esperando o trem da SPR, para prosseguir viagem de retorno à côrte (1). Completo absurdo!

O professor Sociólogo Historiador da USP, José Souza Martins na revista *Raízes* nº 2 e, posteriormente no elucidativo e premiado livro *Subúrbio* (2), pesquisando

documentos e arquivos - dignos de absoluto crédito - encarrega-se de desmitificar tanta ingenuidade e inverossímil fantasia. Depois de árdua pesquisa ficou comprovado que nada disso teria acontecido. - Pura divagação romanceada.

CADERNINHO - Realmente D. Pedro II esteve em São Caetano na tarde de setembro de 1878, poucos meses depois da chegada dos primeiros imigrantes e não se deteve além de 45 minutos; tempo não bastante para se constatar a pobreza e as inúmeras dificuldades das famílias mal alojadas, mal alimentadas e quase abandonadas. O Imperador teria observado lacônico em seu caderninho de apontamentos as tristes condições de moradia escrevendo: *Convém que tenham melhores casas.* - Positivamente foi muito pouca consideração da parte de sua Majestade Imperial.

A história real dos imigrantes italianos em São Caetano é a história de muito trabalho, pobreza e decepções; e não história de triunfos, riquezas e deslumbramentos.

Toda essa passagem inglória da nossa cidade teria caído no esquecimento não fora a lembrança da visita de outro D. Pedro, filho da princesa Izabel, a *Redentora* e do francês Conde D'Eu e, consequentemente neto do nosso segundo Imperador.

D. Pedro de Alcântara d'Orleans e Bragança, príncipe do Grão-Pará, destinado a chefiar a família imperial brasileira - apeada do poder e banida pela Proclamação da República em 1889, nasceu na cidade Petrópolis no ano de 1875.

Rebuscando velhos apontamentos, descobri, já com páginas amareladas e carcomidas pelo tem-

po, algumas notas esparsas sobre a visita, em fins de 1937, D. Pedro de Alcântara; presuntivo herdeiro do TRONO brasileiro.

VISITA - A vinda do príncipe a São Caetano não prendeu-se a visitar imigrantes, mas sim, precisamente uma visita exclusiva à Fábrica de Louças Adelinas.

D. Pedro de Alcântara fazia-se acompanhar de um pequeno séquito e do seu filho D. Pedro Gastão que na época contava com pouco mais de 25 anos. Atualmente o príncipe D. Pedro Gastão, com 84, como nobre latifundiário, vive em seu pequeno burgo na pitoresca e magnífica cidade serrana de Petrópolis em constante desavença com o primo D. Luiz D'Orleans - príncipe do clã do município de Vassouras, no Rio de Janeiro, que ambiciona o que já não mais existe - o poder da coroa da casa imperial brasileira.

D. Pedro de Alcântara d'Orleans e Bragança faleceu em 1940; dando mais espaço às turras das duas famílias litigantes que se degladiam publicamente e através da justiça comum.

SORTE - Manoel de Barros Loureiro, jovem português, filho de família simples e humilde, sem grandes haveres veio para o Brasil em 1893 disposto a fazer fortuna. Como todo jovem ambicioso e trabalhador pôs-se à cata - aqui em São Paulo - de um emprego que o fizesse rapidamente progredir na vida.

Elegante, bem apessoado, insinuante e bafejado pela sorte, não teve dificuldades em se empregar na casa de comércio de rico patricio; grande negociante atacadista e importador de tecidos de linhos belgas e finas casemiras inglesa. Como vendedor e balconista, inteligente, interessado e interessante, em poucos anos de trabalho



a casa prosperou e, com a evidente prosperidade da firma ganhou a simpatia e apreço do rico homem de negócios e como contra-peso ganhou também o meigo coraçãozinho da Adelininha - casadoura e dileta filha do milionário patrão.

O jovem Manoel, rico e já praticamente independente, na década de vinte, veio para São Caetano aventurar-se, tornando-se sócio majoritário de uma indústria de madeiras para construções. Pouco mais tarde transformou, como único proprietário, a madeireira em fábrica de louças que batizou com o nome da mulher: Adalina. Fábrica de Louças Adalina.

A indústria de louças progrediu a olhos vistos e a Fábrica Adelinas tornou-se um pequeno império conhecido em todos os quadrantes do território nacional. Nos anos 30 exportava para Argentina e sua diretoria fazia planos para outras exportações.

O capitão-de-indústria Manoel de Barros Loureiro, com os filhos já adultos e formados, trabalhando com o pai, triplicaram a fortuna da bem sucedida empresa.

AMBIÇÃO - Como autêntico líder no seu ramo de negócio Barros Loureiro ambicionava mais. Não era o bastante. Queria mais! Ainda não estava satisfeito com o enorme sucesso!

Do outro lado dos trilhos da Estrada de ferro SPR, o grande industrial Conde Francisco Matarazzo concorria com a Fábrica de Louças Cláudia. Ora vejam só! - o conde a lhe fazer frente em matéria de louças - conjecturava consigo próprio o dono da Adelinas.

Barros Loureiro, vaidoso de seu poder, incomodado com o título nobiliárquico do vizinho que ostentava em sua marca da Fábrica Cláudia uma significativa coroa de

conde, não se conteve - Se o vizinho ao lado dele era o conde das louças, porque ele não era o rei?

Imediatamente tratou de providenciar para que a nova marca da Adelinas fosse adornada, também, nada mais nada menos, com uma coroa imperial - De rei; bem vistosa! Tal exigência parece brincadeira de criança, mas é pura verdade! É conhecido até hoje, gozando de perfeita saúde, o desenhista encarregado de elaborar a nova marca da firma Adelinas, com coroa de rei e tudo mais a que tinha direito.

TÍTULO - Como só isso não bastasse, em uma das muitas viagens à santa terrinha, volta ao Brasil Barros Loureiro ostentando garbosamente o título de comendador: - Exmo. Sr. Manoel de Barros Loureiro - Comendador.

Enfeitado à tiracolo com a pomposa comenda trazida de Portugal o recém-dignatário, para aumentar e valorizar ainda mais o prestígio e desmedida vaidade, houve por bem, convidar personalidades ilustres e fidalgos para visitarem os seus domínios em São Caetano. E foi através do genro, Jorge Eduardo Pacheco e Silva, também diretor da fábrica, que o convite foi feito para o príncipe herdeiro D. Pedro de Alcântara d'Orleans e Bragança.

Jorge Eduardo, filho de tradicional família paulistana, nasceu na embaixada brasileira quando o pai, Pacheco e Silva, era embaixador na França. O jovem diretor era amigo particular da família imperial e colega de faculdades, em Paris, do príncipe D. Pedro Gastão. Daí o convite para visitar a Fábrica de Louças Adelinas.

D. Pedro de Alcântara e sua distinguida comitiva passou a tarde visitando as dependências da fábrica sob os olhares de ad-

miração basbaque das centenas de operários e operárias sonhadoras e embevecidas pela presença das ilustres e perfumadas visitas; particularmente o príncipe D. Pedro Gastão, com pinta de galã, fez muito coraçãozinho suspirador de moça saltitar de emoção apaixonado.

Ao final da visita o fidalgo grupo, antes de voltar à sua *côrte*, foi agraciado com sofisticado coquetel. O champanhe francês rolou à solta e à farta, acompanhado de muitos *vivas e aplausos* aos príncipes presentes e ausentes. Até nobre morto foi lembrado!

Desta vez não houve a mistificação de 1878. Ninguém guardou como souvenir taças de cristal ou canecos e ninguém dormiu na casa de ninguém.

Já tarde, todos saíram da fidalga recepção alegres e satisfeitos; bafejados pelos vapores dos champanhes franceses e de outros licores menos nobres. Que me conste a imprensa local, naturalmente ocupada com coisas mais importantes, não registrou o evento; mesmo assim estava, em parte, satisfeita a vaidade do *Excelentíssimo Senhor Comendador*.

Vale a pena ressaltar que esta visita de D. Pedro de Alcântara à Fábrica de louças Adelinas ninguém me contou não. Eu estava lá!

Notas:

- (1) **Souza** Martins, José - *Raízes* 2, páginas 1 a 6;
- (2) **Souza** Martins, José - *Subúrbio*, página 44

(*) *Jayme da Costa Patrão é Membro do Gipem e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Calças semicurtas, caminhadas, litros de água: lembranças nostálgicas de meu trabalho

Gisberto GRIGOLETTO(*)

No início de 1925, tinha então 13 anos de idade. Por intermédio de meu irmão, fui trabalhar como contínuo, o que hoje chamamos de office-boy, nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Água Branca, no escritório do Setor de Extração Refinação de Óleo de Algodão Sol Levante.

As minhas funções consistiam em espanar e arrumar as mesas, arquivar documentos, entregar e retirar correspondências, buscar água potável para os funcionários, ditar ou conferir trabalhos, retirar amostras de sementes de algodão e classificá-las.

Todos os funcionários desse setor, eram procedentes de Salermo, na Itália. Falavam pouco o nosso idioma. Assim, alguns meses mais tarde, devido a convivência, também falava, lia e até escrevia italiano.

HERANÇA - Nessa época, quase todos os meninos de São Caetano, usavam calças curtas. Eu não fugia a regra, somente que a maioria de minhas calças eram herdadas de meu

irmão, dois anos mais velho. Dessa maneira, o comprimento delas, geralmente, passava de meus joelhos, mas não alcançava os pés, pois chegava no meio de minhas canelas.

Por esse motivo, logo nos primeiros dias de trabalho, meu chefe, Francisco Nocce, homem enérgico, porém bom e justo, chamou-me para junto de sua escrivaninha e disse-me: Fale para sua mãe cortar ou emendar as pernas de suas calças; isto é, deveria usar calças realmente curtas ou compridas, o meio-termo não ficava bem. Desde então, minhas calças desceram até os pés.

Certa ocasião, mandou-me entregar uns documentos na Casa Peckelman, localizada na avenida Rangel Pestana, uns 500 metros após as famosas porteiras do Brás, em direção à Penha. Toda a vez que saía a serviço dava-me o dinheiro para a condução, mas naquele dia esqueceu-se e eu fiquei inibido em pedir. Tinha no bolso \$ 400 (quatrocentos réis). A passagem do bonde custava duzentos réis, e mentalmente decidi que iria de bonde até a Praça do Cor-

reio, e percurso de ir e vir até a Casa Peckelman faria a pé, pegando novamente o bonde na Praça do Correio para voltar à Água Branca. Logo depois do almoço, ao meio-dia, saí para fazer a entrega dos documentos.

RECOMPENSA - Como havia premeditado, apanhei o bonde até a Praça do Correio, seguindo a pé até a Casa Peckelman. Estava retornando a Praça do Correio, quando na esquina da Rua Quinze de Novembro com a Rua Três de Dezembro, segurando a moeda de duzentos réis na mão, esbarrei em um transeunte. A danada de minha moeda fez o mais difícil. Caiu em pé, rolou, rolou, rolou, até cair em um bueiro existente no local, onde se alojou a mais de um metro de profundidade. Olhando desolado para a moeda lá em baixo, deu-me impressão de que ela, com um semblante sacana, estava rindo de mim.

Dessa forma, fui obrigado a voltar a pé, também até as Fábricas de Água Branca.

O meu chefe, o senhor Nocce, muito preocupado com minha demora, perguntou-me o que havia acon-

Acervo: Fundação Pró-Memória

Vista geral das instalações das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, aparecendo em primeiro plano o conjunto residencial dos funcionários da Matarazzo



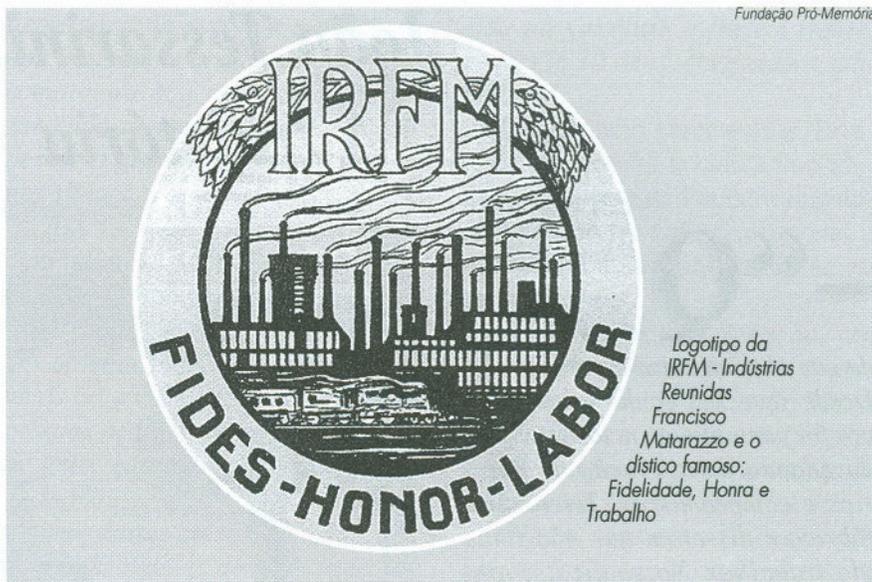
tecido. Não menti, relatei tudo o quanto me sucedera. A princípio ralhou comigo por não ter pedido o dinheiro da condução, depois riu de meu azar, da minha timidez. Em seguida deu-me duas moedas de mil réis. Foi uma boa caminhada, um bom exercício, além do mais, bastante lucrativo. Aquela importância no meu bolso representava para mim uma fortuna.

VINGANÇA - Alguns meses após, entraram no meu setor mais dois funcionários, recém-vindos da Itália, parentes distantes da família Matarazzo. Chamavam-se Giovanni e Battista. O primeiro era educado e gentil com os colegas de trabalho, o outro completamente oposto. Era orgulhoso e grosseiro.

Ele tratava-me com se fosse empregado dele. Sempre com rispidez, por isso não gostava dele, tinha até raiva. Para me vingar, quando mandava que fosse buscar água, apanhava o meu copo e o litro dele, o qual não lavava e não enchia diretamente da torneira. Enchia o meu copo, tomava uns goles e despejava o resto no litro. Fazia assim até encher o vasilhame.

Assim, toda a vez que ele tomava água eu me divertia, porque apesar de toda a arrogância, Battista bebia o resto da água que sobrara do meu copo. Era uma vingança solitária, somente eu sabia, mas mesmo assim ficava contente.

SUBORNO - Dentre minhas ocupações havia uma que vale a pena recordar. De todos os vagões procedentes de Santos ou do Interior do Estado, carregados com sacos de sementes de algodão, anotava o número e apanhava a mostra, retirando um pouco de semente de quatro ou cinco sacos. De cada amostra, contava 100 grãos, cortava-os pela metade para verificar a quantidade de ardidias, isto é, sementes com a polpa cor marrom escura, as quais



por estarem estragadas, sofriam um razoável desconto em seu valor.

A média era de oito a 12%, mas às vezes, acredito por terem ficado muito tempo armazenadas, esse número subia para 15, 20, 25 % de sementes ardidias. Assim, por diversas vezes fui abordado pelos representantes das firmas fornecedoras, convidados para verificarem as amostras, para fechar um olho na contagem das ardidias, que seria recompensado.

Devido à minha formação moral, nunca aceitei, talvez hoje, era do suborno, eu tentasse fazer o meu pé-de-meia. Para retirar essas amostras não tinha o necessário cuidado com a faca. Cortava quatro ou cinco sacos em qualquer lugar.

O conde velho, pai do conde Chiquinho, vinha todos os dias, por volta das 7h30, visitar as indústrias localizadas na Água Branca, indo em todos os setores. Certa manhã, passando pela plataforma de carga e descarga de vagões, notou sacos de sementes estavam com diversos rasgos. Curioso, logo quis saber a causa desses rasgos. Fui chamado à sua presença, e olhando-me fixamente os olhos, perguntou qual a razão daqueles sacos rasgados. Respondi que era

para apanhar e verificar as sementes ardidias. Recordo-me que ele não ficou bravo, porém disse-me que os sacos também custavam dinheiro, portanto não deveria cortá-los mais, e sim retirar as amostras dos sacos que estivessem com a boca para fora. Em seguida com um sorriso, mandou-me de volta para o trabalho.

Ainda hoje, decorridos mais de 70 anos, quando me vem à memória essas passagens, calças semi-curtas, caminhadas até o Brás, o litro de água, o senhor Conde, e outras mais, aflora-me nos lábios um sorriso cheio de nostalgia.

(*) Gisberto Grigoletto, nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro; foi a quarta construída no bairro Monte Alegre. Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como simples mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967, como chefe dos Escritórios da Unidade Rayon

João Tessarini: A trajetória

Caio MARTINS (*)

— “**Q**uando ele não veio almoçar, tive a intuição de que alguma coisa estava errada. Desde que nos conhecemos, sempre foi pontual e atencioso, avisando quando da alteração de horários e compromissos. Telefonei à fábrica e disseram que não tinha ido trabalhar. No sindicato, ninguém sabia dele. Aí fui até a Aços Villares, disseram-me que tinha sido preso pela manhã. Com os advogados do sindicato, fui ao DOPS. Afirmaram que não havia registro de ninguém com o nome dele, mas que eu devia tentar a Polícia Federal, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. No início, foi a mesma conversa, nada registrado. Mas novamente a intuição foi forte, eu sentia, sabia que ele estava lá. Insisti tanto, pedi tanto, que perto das dez da noite o trouxeram. Meu marido, graças a Deus, estava inteiro, vivo. Tratou de tranquilizar-me, pediu-me que tivesse confiança nele, que tudo terminaria bem. Levaram-no, e eu voltei para casa muito assustada. Meu receio era pelo fato dele conhecer líderes e ativistas sindicais que a polícia queria prender de qualquer maneira e eu sabia que ele jamais daria um nome, um endereço. Naquela época, fins de maio de 1968, as pessoas que se recusassem a ajudar o regime militar podiam até ser mortas. No dia seguinte, perto da hora do almoço, apareceu sereno, do jeito de sempre, até brincando com o assunto. Tenho muito orgulho do meu marido, ninguém que



Família Tessarini e funcionários da padaria. No fundo, Alberto e Adelaide; em pé os irmãos Agenor e Adelino e, sentados, Nair e João

ele conhecia e sabia onde morava foi preso por sua causa. Nem puderam fazer nada contra ele..."

Rita da Silveira Tessarini ainda se emociona com o episódio. Ele sorri, enquanto afirma:

— "É, seu Caio... não foi fácil convencer os homens, não!"

ENSAIO -14 de junho de 1929, Santo Antônio do Jardim, Estado de São Paulo. Nascia João Tessarini, terceiro filho do padeiro descendente de italianos Alberto e de Adelaide Teixeira, nascida em Portugal.

— "Minha mãe era, realmente, a dona da casa. E se há uma palavra

capaz de expressar tudo que ela era, é essa: mãe... Era o anjo da guarda de todos nós, sua espiritualidade conduzia a família... Meu pai era muito sociável, comunicativo e brincalhão, atendia a todos sem distinção alguma. Era no tempo do *borrador*, as pessoas compravam e ele anotava naquele livro. Pagavam no fim do mês. Muitas vezes não tinham o suficiente e ficava um saldo. Lembro-me de um fim de tarde, já anoitecendo, quando veio um homem pedir qualquer coisa. Havia bastante gente na padaria, então meu pai

mandou o moço esquentar o cilindro de preparar massa. Ele virou e virou a manivela do cilindro vazio, daqueles movidos no muque, sem perceber que era tudo brincadeira. Foi só risada, até mesmo o homem acabou participando, pois sabia que meu pai era muito generoso e gostava de ajudar quem precisasse. Até nos seus últimos momentos de vida manteve este espírito. O acontecimento narrado pela enfermeira que o assistiu em seu último dia prova isto. Foi assim: primeira hora e lá vai a enfermeira visitar o seu paciente. Entra no quarto sorridente, após um sonoro -"Bom dia, Sr. Tessarini!..."- e, já verificando os tubos de oxigênio e soro, olha para ele e complementa: -"...o senhor está bonito hoje, mais corado, com certeza logo vai para casa". Sem poder se mexer direito, mas sorrindo, meu pai depois de algum esforço disse-lhe:

- "Olha moça, não adianta elogiar, que eu não vou pagar esta conta!". Aquela tarde ele morreu. Na nossa família sempre foi assim,

firme vocação católica e pais que nos ensinavam a olhar o trabalho como coisa boa e digna, a valorizar cada momento da vida, a não perder o sentido de humor mesmo nas situações mais difíceis".

Aos 14 anos, por espírito de independência, conseguiu seu primeiro emprego de verdade:

- "Lá por 1943, meu pai tinha um bar em Espírito Santo do Pinhal. Eu ajudava e muitas vezes as pessoas pediam que fosse à fábrica de gelo, que também era depósito de bebidas e leiteria, para buscar alguma destas coisas. No caminho, havia um chalé onde as pessoas faziam o Jogo do Bicho. Um cidadão da fábrica gostava de jogar, e um dia pediu-me que entregasse uma fezinha no tal lugar. Eu não tinha a menor idéia do que era, mas o Dr. Ulisses, o dono da fábrica, quando me viu pegando o papel, interveio, dizendo que aquilo era coisa proibida e, se eu quisesse trabalhar, deveria estar lá no dia seguinte para varrer o escritório; gostei do desafio, no dia seguinte passei a

mão na vassoura e fui em frente. Fiquei lá 10 anos, chegando a subgerente".

Guiado pelo gerente José Tavares, o menino foi levado à Sociedade São Vicente de Paula, tornando-se confrade. A vida profissional e o trabalho social iniciaram-se ao mesmo tempo.

- "Era como uma vocação, até estimulada pelos meus pais. Sempre o exemplo de casa: dividir o pão e ajudar os demais, principalmente naquela época tumultuada da Segunda Guerra Mundial, Estado Novo, aquela confusão de idéias fascistas e comunistas. A gente acompanhava tudo pelo rádio, que era a grande novidade da época. Ouvia os discursos do Getúlio Vargas, achava que era boa pessoa. Quanto à guerra, não entendia bem porque as pessoas terminavam digladiando-se mutuamente, mesmo assim gostava dos documentários, não importando quem estava vencendo. Eu não entendia muito bem aquela bagunça toda. Era muito menino".

Finda a guerra em 1945, restaurada a democracia com a eleição de Eurico Gaspar Dutra para a presidência da República, sucedido por Vargas a inícios de 1950, Tessarini tornou-se militante do Partido Democrata Cristão, seguindo inclinações políticas e fiel aos seus princípios religiosos.

- "Eu admirava muito o senador Queiroz Filho, e o partido representava o ideário da Igreja Católica, mantendo posição equilibrada, ponderada. Era uma coisa puxando a outra, tudo ocorria naturalmente, sem premeditação. Onde estivesse, fazia minha parte com dedicação, e as coisas foram acontecendo".

Em 1958 já era o secretário do partido na cidade. Trabalhava na Construtora Pinhalense, cujo pro-



Acervo: João Tessarini

Diretoria Sindical e membros de base na gestão Tessarini. Em pé, da esquerda para direita: Epaminondas Manoel da Silva, José Ferreira da Silva, José Peres, José Augusto de Almeida, João Torres de Oliveira, José Bonifácio da Silva, Antônio Bernardino de Oliveira e ao centro o presidente



Rita e João,
união para
a vida

prietário era membro influente do diretório local do PDC. Nesse período, deu-se outro fato determinante em sua vida: era estilo, nas cidades do interior, principalmente nos fins de semana à noite, o *footing*. Pela praça, que naqueles tempos possuía um bom coreto, as moças andavam num sentido, os rapazes no outro. Trocava-se olhadelas de cá, risadinhas de lá, de repente um sinalzinho daqueles bem dissimulados (mas que todo mundo via), e iam conversar. Foi assim que se viu, de repente, ante Rita da Silveira Franco, extremamente

emocionados, intimidados e plenos de um sentimento que até hoje perdura, o de primeiro e único amor de suas vidas, aquela sensação de que algo muito importante estava acontecendo.

—*Na hora de me declarar para a moça, deu até tremedeira nas pernas... Naquela época, havia muita pureza, éramos ingênuos, mas a emoção de ter encontrado a companheira para a vida toda é indescrevível. Não tem o que paga, não há como explicar... só quem viveu uma coisa assim pode saber do que estou falando*.

Com os anos, vieram os filhos João Alberto, Tereza Cristina, Maria da Penha e Rita de Cássia, depois os netos, Priscila, Caio César e Amanda. Vovô João fala de todos com intenso carinho. Dona. Rita, cúmplice, define bem essa realidade:

—*O João sempre foi muito justo. É uma pessoa honesta, verdadeira e leal, que nunca precisou exagerar para resolver as coisas, ainda mais com os filhos e netos. Sempre foi bom conselheiro, pai carinhoso, amigo e companheiro fiel... Claro, no começo, eu era muito novinha e morria de ciúmes dele, que fazia muito sucesso com as moças. Hoje, depois de 48 anos de casados, nos divertimos com tudo isso, olhamos nossa história e vem um sentimento bom, de realização pessoal. Tudo parece que aconteceu ontem*.

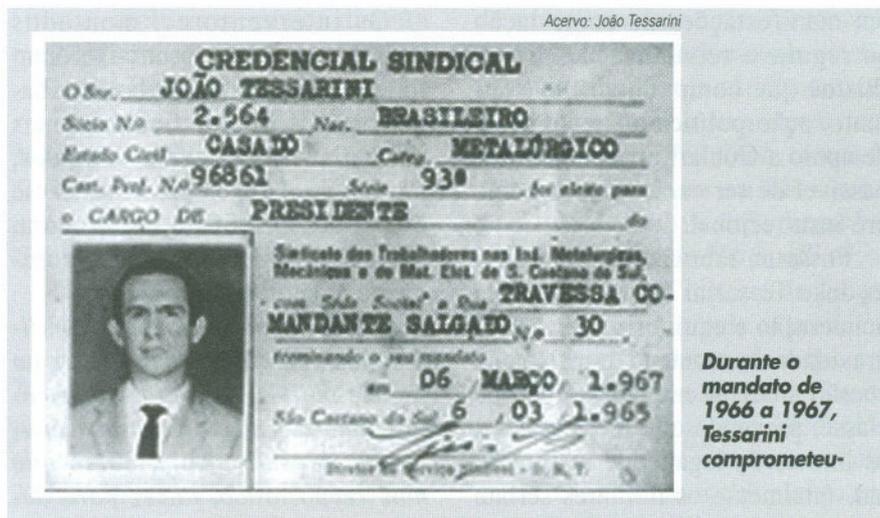
Mas nessa época do primeiro amor, casamento e os dois primeiros filhos, a carreira política deu-lhe uma guinada na vida, quando "trombou" com a direção do PDC nas eleições de 1959 em Espírito Santo do Pinhal:

—*Dentro daquele clima de mudanças, eu tinha por melhor a candidatura de um certo cidadão do meu partido. Mas o presidente tinha outra idéia, mais experiência política, jogo de cintura. Articulou daqui e dali e outra pessoa, com quem eu não concordava, saiu candidata. Eu era o secretário, ele o presidente e na trombada saí perdendo. Fui em apoio ao candidato da oposição, inclusive usando a sigla do PDC. Acabei sendo expulso. Aí fiquei do outro lado, com o Partido Republicano, pois o candidato era uma pessoa decente, de grandes valores humanos. Valia a pena trabalhar pela candidatura, independentemente de partidos. Foi uma questão de puro idealismo. Mas, nesse em-*

brulho todo, a coligação da qual o PDC participava ganhou as eleições. Até aí, tudo bem, mas o meu patrão, o dono da Construtora Pinnhalense, era membro influente do diretório do PDC. Nem preciso dizer que ficou aquele clima pesado... Resultado: fui expulso do partido, perdi as eleições, o emprego e fiquei arrasado. Não foi fácil engolir isso tudo junto, não! Foi quando decidi vir, no início de 1960, para São Caetano do Sul, onde tinha parentes e amigos que me apoiaram. Foi quando começou nova etapa decisiva na minha vida. Isso tudo que contei parece, hoje, mais um ensaio. Como se estivesse me preparando para tantas outras coisas que aconteceram...".

SINDICATO - "O pessoal, lá em Pinnhal, achou que era melhor eu passar uns tempos aqui em São Caetano, de pijama e chinelo, para ver se sarava da trombada!"

O cunhado Nelson Rosanova emprestou-lhe uma casa, e como a região conhecia surto desenvolvimentista, decorrente da gestão Juscelino Kubitschek na presidência da República, não houve nem pijama, nem chinelo. Foi admitido em março de 1960 em Aços Villares, como apontador de produção da usinagem.



Durante o mandato de 1966 a 1967, Tassarini comprometeu-

— "Nunca tinha feito esse trabalho, mas peguei logo. Os operadores de máquinas instalavam a peça e eu anotava na prancheta os tempos e resultados para o controle de custos e qualidade. Logo passei a auxiliar de programação na equipe que controlava a distribuição de serviços, inclusive das ferramentas de vídia para usinagem. Eu vinha do interior, só tinha trabalhado nos negócios da família e em duas empresas pequenas, então, estar ali, naquela fábrica imensa e famosa, com seus alto-fornos, pontes-rolantes, as grandes máquinas de usinagem, deu-me a sensação de estar realizado, sendo útil, participando de alguma coisa realmente grande.

Aquela agitação toda entusiasmava e eu via naquele trabalho, no bom relacionamento com os companheiros, uma continuação da família. O Dr. Luiz Dumont Villares e D^a. Leonor, sua esposa, faziam questão deste clima na empresa, especialmente nas festas de Natal e Páscoa. Encontrei-me, então, num ambiente onde achava que todos falavam a mesma língua. Acabei sendo eleito um dos representantes dos trabalhadores na Sociedade Beneficente Carlos Dumont Villares, participando de forma ativa em todos os acontecimentos".

A postura simples, transparente e cordial de Tassarini, a solidariedade e atenção com os companheiros, além do senso de organização, levaram-no à participação na vida sindical. Acompanhou a intensa mobilização do turbulento período dos presidentes Jânio Quadros e João Goulart, que desembocou no golpe de estado de 1º de abril de 1964, já integrado e sócio do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Caetano do Sul. Estimulados pelos líderes, em sua maioria, militantes comunistas cujo partido gozava de certa liberdade, embora ainda clandestino, o operariado agitava-se febrilmente



Passado três anos, já na abertura política, a classe operária homenageou-o através do sindicato

em manifestações de contestação ao regime e reivindicações trabalhistas que compunham, no conjunto, ação política aparentemente de apoio a Goulart, mas num clima passível de ser caracterizado como pré-insurrecional.

Fosse na fábrica ou no sindicato, João Tessarini destacou-se pela ponderação e equilíbrio. Percebia a gravidade do momento e insistia na coesão sindical enquanto órgão de classe, prevendo que ultrapassados os limites da legalidade institucional, fatalmente os militares seriam acionados pelas classes dominantes para defenderem o regime.

—*Em teoria, tudo que se propunha era muito bonito, mas quando se olhava o processo sem paixão, via que lá na frente vinha chumbo grosso. O Jango, o Brizola, o Arraes, as lideranças sindicais, pareciam fascinados e motivados a dar passos maiores com a imensa energia que vinha das manifestações de massa, mas percebíamos que as multinacionais, os grandes empresários, fazendeiros, banqueiros, não iam deixar a coisa acontecer e aplaudir, principalmente por acharem que uma mudança de regime seria fatal para seus interesses. E veio o golpe... Minha preocupação foi impedir que o Sindicato se pulverizasse e perdêssemos o terreno ganho. O regime militar demonstrou desde o início que era para valer. Mas serviu para mostrar, também, a desestruturação das esquerdas e do próprio movimento sindical. Então, tratava-se de preservar a instituição, que ficou sob intervenção por um ano. Mesmo sabendo que nenhuma ditadura é para sempre, tínhamos que ter cautela, agir dentro dos limites que não pusessem o sindicato e a classe em perigo, recompor as forças e alicerçar a organização para agir na época certa.*

Os interventores, montados num poder policialesco, exerciam forte controle sobre a classe trabalhadora. Os líderes sindicais mais combativos ou estavam foragidos, presos, ou desaparecidos. A classe estava sob o arbítrio da ditadura, mas reestruturando-se cuidadosamente, como vemos a seguir:

—*Não havia condições, nem lideranças de base, para resistir ao regime militar. Nem era o momento, como a vida provou soberanamente. Mesmo assim, como que num recuo tático, talvez para demonstrar tolerância, as eleições no Sindicato foram permitidas. Estávamos desarticulados, fracos e expostos. Quando o grupo a que eu pertencia sugeriu o meu nome para concorrer à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1.965, fui direto e claro: iria trabalhar para o sindicato e a classe, não para a ditadura. Nas reuniões que fazíamos no Círculo dos Trabalhadores Cristãos, na preparação das eleições, falávamos abertamente e com franqueza. Os interventores sabiam que eu não era comunista, apesar de ter amigos do PC, e nem radical. Os companheiros de base sabiam que minha maior preocupação era tirar o sindicato da intervenção, mantê-lo ativo, organizá-lo e lutar pela classe sem expor ninguém a riscos desnecessários. Minha plataforma foi administrativa e social, mediando a dependência entre capital e trabalho sem deixar de lutar, por exemplo, em defesa das reivindicações salariais. A questão mais importante era que a classe precisava respirar, já que estava subjugada por um regime que acabou com os direitos e liberdades individuais, deslançando um processo repressivo sem precedentes na história do país. Prisões, torturas, assassinatos, tudo isso caía em nos-*

sa cabeça, sem dó nem piedade. E fui muito criticado, muitos anos depois, já na abertura, por companheiros radicais que afirmaram, depois que passou a tempestade, que politicamente minha atitude era tímida e submissa. É fácil falar e ditar receitas de estratégia depois que o perigo passou. Foram dois anos muito difíceis, os que fiquei à frente do sindicato. Mas quando passei o cargo para o meu sucessor, tanto havíamos nos fortalecido, favorecendo o surgimento de novas lideranças de fábrica, quanto conseguido reestruturar nossos quadros, bem como mantido nossa independência e capacidade de ação. O trabalho feito no movimento sindical do ABC, especialmente com a participação marcante de D. Jorge Marcos, bispo de Santo André, da ala progressista da Igreja Católica, preservou a instituição, a classe e deu condições para a retomada da luta não só por melhores condições de trabalho, mas também pela volta da democracia, num processo muito difícil e demorado. A classe trabalhadora quando posta à prova, sempre encontra o melhor caminho para chegar aos seus objetivos, mesmo que demore um pouco mais. O importante é chegar lá .

A persistência, prudência, bom senso e a determinação desse homem simples sempre produziram resultados construtivos. É o caso da primeira Cooperativa Habitacional de São Caetano do Sul, que transformou a Vila do Boqueirão no Bairro Mauá de hoje. 493 casas foram construídas para trabalhadores de baixa renda. Tessarini foi procurado por Mário Murasaki, na época membro do Sindicato da Construção e Mobiliário da Cidade, para que o ajudasse a realizar o projeto habitacional e fundar a primeira Cooperativa Habitacional do

ABC. Outros dirigentes haviam achado boa a idéia, mas ninguém estava disposto, de fato, a levá-la adiante. Murasaki e Tassarini formaram uma dupla imbatível. Conquereram a maioria dos vereadores a aprovarem o projeto. Ajudaram o Prefeito Osvaldo Samuel Massei a obter fundos para as obras de infraestrutura, mobilizaram trabalhadores, os demais dirigentes sindicais e tiveram êxito. Apoiaram, inclusive, a Cooperativa de Vila Guiomar, em Santo André, pois haviam sido cobaias da primeira experiência.

Houve, inclusive, muita disputa para sediar a cooperativa.

—"Nós demos corda no secundário, para conseguir o principal. O Mário foi eleito presidente, a sede ficou em Santo André, mas as construções começaram por São Caetano. Deu certo."

Complementa Mário:

—"A ação do Tassarini foi decisiva para o sucesso da empreitada. Ele é firme nas decisões, joga limpo, é honesto e tem muita habilidade em lidar com gente oportunista. Xingaram muito a gente, mas quan-

do viram que as coisas estavam acontecendo, aí todo mundo queria ser o pai da criança. Acabamos inclusive ajudando a cooperativa delas a dar certo. No final, somando as casas construídas em São Caetano do Sul e Santo André, foram beneficiadas cerca de 900 famílias".

Foi também a história do Grupo Jafet, movimento mais expressivo, com concordata decretada e que parou de pagar seus funcionários da Usina São Francisco e Mecânica (Saad), entre outras empresas desativadas. O sindicato mobilizou os trabalhadores em defesa de seus empregos e recebimento de salários atrasados realizando as primeiras passeatas e ações de rua, ante o Governo do Estado, desde 1964. Não conseguiram salvar a empresa nem seus postos de trabalho, e o processo de recebimento dos atrasados foi protelado até as últimas instâncias, mas demonstraram que estavam organizados e que mesmo nos limites de ação que a ditadura permitiu, havia a possibilidade de lutar e ampliá-los. Tassarini foi um dos principais coordenadores desse movimento. Após as eleições para a gestão 1968/1970, entregou o cargo ao seu sucessor com o Sindicato estruturado. Continuou atuando no setor, estando presente na histórica concentração da Praça da Sé, em 1º de maio de 1968, quando o governador nomeado, Abreu Sodré, recebeu uma pedrada na testa e com sua comitiva foi expulso do palanque por grupo de luta armada que acreditava, assim agindo, conseguir o apoio dos trabalhadores, cuja intenção era repudiar, pacífica e organizadamente, a política de arrocho salarial da ditadura, abrindo caminho para ampliação do movimento. A ação intempestiva de guerrilha urbana não só impossibilitou essa estratégia, como instigou o recrudescimento da repressão ao movimento sindical,

Acervo: João Tassarini



Bairro Mauá em 1998: Mário e Tassarini percorrem os cenários das conquistas de duas décadas

circunstâncias que acarretaram a prisão de João Tessarini e outros líderes legais da época.

—*Quase 30 anos, mas está tudo presente, como se fosse ontem. Pelas perguntas que me fizeram, percebi que eles sabiam que os sindicalistas nada tinham a ver com o fato, mas queriam humilhar-nos e, assim, amedrontar-nos. Eles não sabiam direito o que queriam, mas eu tinha certeza absoluta do que não queria. A coisa terminou com a demissão de vários companheiros, inclusive a minha. Nas outras fábricas foi igual. Uma situação dura de engolir. Primeiro, aquela história de ser preso. Depois, ser despedido.*

Permanência, lealdade, dedicação, transparência, fazem parte da maneira de viver de João Tessarini, valores reconhecidos pelos trabalhadores que, em 1982, através do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, fizeram-lhe justa homenagem, outorgando-lhe um diploma onde eram reconhecidos os serviços prestados à categoria.

Nesse mesmo ano, viu-se novamente às voltas com os militares, também em situação radicalmente distinta:

—*Muito tempo depois, em 1982, quando era o vice-prefeito na gestão do dr. Luiz Olinto Tortorello, passei a tropa de soldados do Tiro de Guerra em revista... Foi uma grande emoção. Aquele cerimonial me trouxe à mente o passado de lutas dos nossos trabalhadores, as perseguições, e demonstrou que as idéias por mim defendidas estavam certas. Bem no íntimo, eu estava prestando uma homenagem a todos os companheiros.*

Nesta passagem fortemente simbólica, vemos o resultado de uma visão de mundo aprendida desde o berço, a vitória do bom senso, dos ideais nobres, da paciência e da dignidade. Hoje, após ter sido vice-prefeito entre 1989/92, e sendo chefe de gabinete do atual prefeito, Luiz Tortorello, além de Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro em São Caeta-

no do Sul, Tessarini revela a estrutura de sua trajetória:

—*Tudo mudou, as coisas se transformaram muito, mas percebo que a essência dos ensinamentos recebidos desde menino, lá na pequena Espírito Santo do Pinhal, estão presentes em cada um dos meus atos. Aprendi com a experiência que juntei daqui e dali, que as coisas são sempre relativas, seja na vitória ou no fracasso, que a vida só tem valor enquanto pudermos fraternalmente dividi-la com a família, a comunidade. Ser fiel a uma vocação e exercê-la em benefício dos demais não é coisa simples, exige muita fé e determinação, muita vontade... Aprendi isso com meus pais, e meus filhos e netos não poderiam receber, de mim, outra linha de conduta que essa, que determinou tudo que vivi até hoje. O resto da história é com Deus.*

(*) Caio Martins atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Caetano do Sul

Acervo: João Tessarini



O vice-prefeito João Tessarini passa em revista as tropas do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul: emoção e homenagem

Pró-Memória inaugura espaço cultural no Shopping São Caetano

Evento cultural de significativa importância ocorreu no dia 16 de outubro de 1997, com a inauguração, realizada pela Fundação Pró-Memória, de um novo Espaço Cultural localizado no Shopping São Caetano. O local foi cedido à autarquia pelo Shopping, e tem como principal objetivo promover exposições temáticas no local. Para marcar mais essa iniciativa da Fundação, aconteceu a exposição *São Caetano em Imagens*, que retrata momentos da cidade atual, capturadas pela lente do fotógrafo Augusto Coelho Neto.

A mostra *São Caetano em Imagens* revela flagrantes de um Município cuja característica marcante é o desenvolvimento, a descontração das badalações noturnas e o ritmo incessante do dia-a-dia das pessoas que aqui vivem e trabalham. Em



Novo Espaço Cultural Fundação Pró-Memória inaugurado, dia 16 de outubro de 1997, nas dependências do Shopping São Caetano é mais uma opção para a população da cidade

meio à rigidez impassível dos arranha-céus, ainda é possível vislumbrar a natureza, demonstrando a preocupação de uma cidade que luta

para que o meio ambiente e a qualidade de vida sejam preservados.

Criada em 1991, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul tem nos últimos sete anos envidado esforços no sentido de organizar, criar e manter atividades voltadas para a preservação, manutenção e divulgação do patrimônio cultural da cidade. Assim, ao expor a realidade cotidiana do Município, a Fundação está, ao mesmo tempo, desvendando ângulos novos da paisagem urbana e documentando, para as próximas gerações, este final de século em que São Caetano completou 120 anos.

Assim, com certeza, estará, através desse novo espaço cultural no Shopping São Caetano, com exposições temporárias e temáticas que poderão ser visitadas por cerca de 500 mil pessoas que circulam mensalmente pelo estabelecimento.



A criação de mais um local reservado à preservação da memória e cultura do Município recebeu a aprovação do público que compareceu para prestigiar

Ministério da Cultura aprova três projetos da Fundação Pró-Memória

Mais um incentivo importante veio juntar-se aos esforços da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no sentido de preservar a memória da cidade.

Trata-se da aprovação do Ministério da Cultura de três projetos da Fundação para captação de recursos através da Lei Rouanet, com base em incentivos fiscais do Imposto de Renda. Através dessa lei, o patrocinador poderá abater de 84 a 92% do valor investido no projeto. Os projetos aprovados são: Museu na Escola & Roteiro Histórico de São Caetano do Sul; São Caetano de Ontem e de Hoje e Fundação Pró-Memória na Internet.

Museu na Escola & Roteiro Histórico de São Caetano do Sul busca realizar a integração do trabalho da Fundação Pró-Memória, através do Museu Municipal, com a rede escolar pública e particular da cidade. Assim, por intermédio de exposições itinerantes, palestras acompanhadas de audiovisual e visitas monitoradas aos pontos históricos do Município e ao próprio Museu Municipal, os estudantes poderão travar contato com aspectos diversificados da História local.

Já o segundo projeto - São Caetano de Ontem e de Hoje - visa a produção de um CD-ROM que permitirá englobar, numa única produção, a História da cidade, desde os primórdios, no século XVI, até os dias de hoje. O CD pretende ter edição em português, espanhol e inglês, mesclando textos informativos e complementares, imagens e ilustrações.

Completando o pacote cultural, o

projeto Fundação Pró-Memória na Internet consiste em criar uma BBS própria, através da implantação de um site próprio na rede municipal de computadores, o que facilitará o trabalho de pesquisadores locais através do intercâmbio com outros pesquisadores e institutos de pesquisa do Brasil e do exterior. Além disso, também fornecerá fontes de pesquisa para estudantes e internautas, que poderão contar com uma home-page de conteúdo didático-cultural. Para a realização dessa

atividades voltadas à preservação e divulgação do patrimônio histórico do Município, a Fundação Pró-Memória tem contado com o apoio de inúmeras empresas privadas. Esse esforço conjunto, agora facilitado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, com certeza reforça a iniciativa da autarquia na busca de novas parcerias com empresas da região do Grande ABC para a concretização de inúmeros trabalhos, uma vez que mais alguns já se encontram sendo analisados pelo MEC.

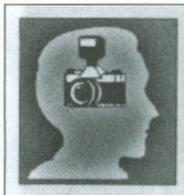
Iniciativa inédita integra

Museu com rede escolar pública

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, criada através da Lei nº 3.147, de 12 de junho de 1991, tem como principal meta, organizar, instalar e manter estabelecimentos e atividades voltadas para a preservação, manutenção e divulgação do patrimônio histórico do Município. Dessa maneira, a autarquia tem realizado trabalho constante de difusão, permitindo o acesso da comunidade aos bens culturais por ela produzidos. Só no ano passado vários projetos foram aprovados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, destacando-se entre eles o projeto *Museu na Escola & Roteiro Histórico* de São Caetano do Sul, orçado em R\$ 84.440,00.

O projeto tem como objetivo principal realizar a integração do

trabalho da Fundação, através do Museu Municipal, com a rede escolar pública e particular da cidade. Pioneiro em termos nacionais nas áreas de educação e cultura, o *Museu na Escola* pretende atingir metas como incentivar o interesse da comunidade pela preservação do patrimônio cultural, despertar o interesse de alunos e professores pela História local e incentivar trabalhos referentes à História oral. Assim, por intermédio de uma exposição itinerante, palestras acompanhadas de um audiovisual e visitas monitoradas aos pontos históricos da cidade e ao próprio Museu, os estudantes de Primeiro e Segundo Graus poderão ter a oportunidade inédita de travar contato com aspectos diversos da História da região.



Memória Fotográfica



Acervo: Fundação Pró-Memória

Na década de 50 o Serviço Municipal de Transporte Coletivo, em São Caetano do Sul, era feito através de motoristas autônomos que colocavam os próprios veículos neste trabalho. O micro-ônibus da foto fazia a ligação do Centro da cidade com a Vila Paula (atual bairro Santa Paula). O ponto inicial localizava-se sob o Viaduto dos Autonomistas, e o ponto final ficava na esquina das ruas Ingá e Nossa Senhora de Fátima (antiga Tapuias)

Propaganda da campanha política do candidato Walter Braido para as eleições municipais de 1965

Acervo: Fundação Pró-Memória



Acervo: Oswaldo Garcia (1997)



Acervo: Fundação Pró-Memória

Julho de 1944. O Grupo Escolar de Vila Barcelona, criado em 24 de outubro de 1936, funcionava na avenida Goiás, 121, e estava localizado na esquina da rua Tiradentes, exatamente, onde hoje está situado o Edifício Marrocos. Em maio de 1949, a escola teve o nome alterado para Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, e a partir de fevereiro de 1953, passou a ocupar o prédio no endereço atual à rua Martins Francisco, bairro Santa Paula. O primeiro diretor foi o professor Allyrio Barbosa de Souza



O Clube Atlético Corinthians de São Caetano, o famoso corintinha, fazia sucesso no futebol local. Seu reduto maior sempre foi a rua Alagoas, Pernambuco e imediações, onde merecia a atenção carinhosa de todas as famílias daquele canto da cidade. A família do espanhol Francisco Garcia (o conhecido Paco) era uma das ativas participantes, como mostra a foto doada pelo dr. Oswaldo Garcia, filho do Paco, e que aparece como mascote de alvi-negro. A foto, do ano de 1926, foi tirada no campo do corintinha, na rua Pernambuco, situado já bem próximo da estrada de ferro. Eis a identificação fornecida por Oswaldo Garcia: de pé, da esq.p/dir.: Miguel Nobile, Odone, Galo, José Fio, Roti, Bendazzolli, ?, Herrerias, Alberto Rossini e Francisco Garcia(Paco). Agachados, da esq.p/dir: Durval, Albino Ribeiro, Pasquale, Oswaldo Garcia(mascote), Zeca Ribeiro, Lolo

1950. Aspecto das instalações da Companhia Mecânica Importadora. Neste local, atualmente funciona o Hipermercado Carrefour. Observa-se na foto o prédio do Moinho de Trigo Santa Clara, cujas atividades permanecem até os dias atuais. A Companhia Mecânica foi instalada em São Caetano, em 1914, como laminadora de ferro para construções. A empresa que pertenceu ao Conde Siciliano, passou depois para o Grupo Jafet e posteriormente para o empresário Felício Saad



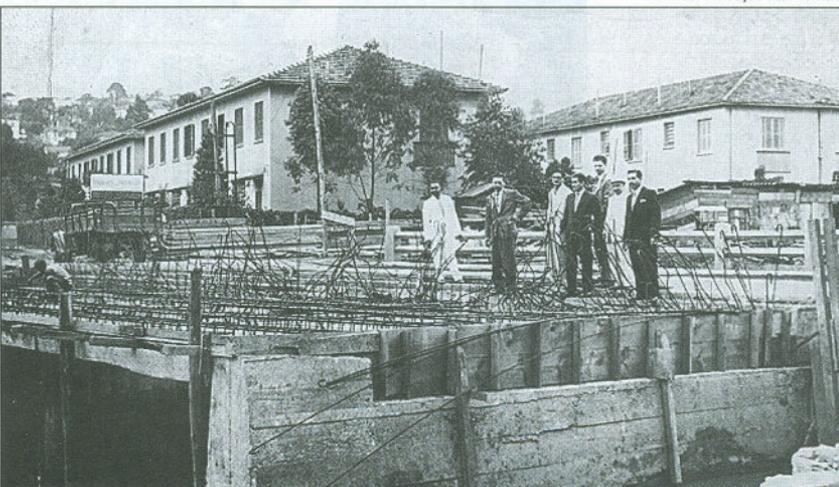
1966. Avenida Tijuçu antes de receber o asfaltamento. À direita, no terreno ao fundo, atualmente está localizada a EEPG Yolanda Ascência, entre as ruas Ingá e Prates



Em março de 1961, no final da administração do prefeito Oswaldo Samuel Massei, a prefeitura inaugurava no jardim 1º de Maio da av. Goiás, a Concha Acústica, para espetáculos populares, Teatro e Concertos ao ar livre. O som foi instalado para projeção a uma distância de 300 metros e o palco para abrigar 400 figurantes. A obra de autoria do arquiteto Bernardo Schomann foi premiada no Salão Paulista de Belas Artes. Nesta foto aparece a marquete da concha acústica observada pelo candidato à prefeitura na época Walter Braidão (ao centro) e o vereador João Cambaúva (de óculos), e o Secretário da Agricultura de São Paulo José Bonifácio Nogueira Coutinho



Walter Thomé nasceu em São Caetano do Sul em 24 de Fevereiro de 1928, era filho de Tomasso Thomé e Maria Simonetti Thomé. Foi um dos fundadores do Jornal de São Caetano em 28 de julho de 1946, criado com o objetivo de defender a autonomia política-administrativa de São Caetano. Nesta foto aparece o quadro de Walter Thomé, colocado em uma das salas do Jornal de São Caetano, após sua morte ocorrida em 28 de outubro de 1959



Em abril de 1959, um grupo de políticos de São Caetano inspeciona a construção da ponte da rua Ibitirama que liga a cidade à Vila Prudente, no município de São Paulo. Da esquerda para direita aparecem o vereador Silas Rodrigues, o prefeito Oswaldo Samuel Massei, o diretor da Fazenda Claudio Mussumeci, o vereador Nilo Ribeiro de Figueiredo, o diretor de obras Isaac Zveibil, e os vereadores Armindo Ortega Martins e João Anhê



A firma Giorgi & Picossi (atual Refinadora de Milho Brasil) foi fundada em 1913 em São Caetano. Foram seus primeiros diretores os senhores Cavaleiro Oficial Pedro Giorgi e Antonio Picosse. Na década de 30, a empresa possuía duzentos operários e fabricava os seguintes produtos: Gordura de Côco Brasil; diversos óleos vegetais; velas stearicas, e Glicerina. Na foto junto à entrada da fábrica aparece a menina Gina D'Agostine, que viria a ser esposa de Francisco Del'Rey. Foto de cerca de 1935



Nas festividades do dia 7 de setembro de 1949, em São Caetano do Sul, uma delegação do Atlético Vila Alpina desfila homenageando o novo

município, emancipado no ano anterior. O local onde ela desfila é um trecho da rua Amazonas entre a rua Niterói e a João Pessoa, em frente as antigas casas da família Dell'Antonia, posteriormente demolidas. Aparecem em primeiro plano: carregando a bandeira Oswaldo Pinto Albino, ao centro Hermes Salvassi, e segurando a faixa (?) Rodrigues e Enio (?). Em fila indiana aparecem abaixo para cima: José Loureiro Bastos, Antonio Ramos, Douglas Negrini, Mario Martin, Ecroes Barsari, (?), José Augusto de Oliveira e Stevan Slavan

Acervo: Fundação Pró-Memória

CLUB SPORTIVO LAZIO



Foto de 1936. O Club Sportivo Lazio foi fundado em 1º de Maio de 1930, sendo eleita na mesma ocasião, uma diretoria provisória composta dos srs. Antonio Pires-presidente, Dyonisio Giorgetti-vice, Ernesto Ceschin-1º secretário, Eugenio Fiorotti-2º secretário, Girolando Ceschim-Tesoureiro, Aurélio Pol- cobrador, e Angelo Piccolo-diretor esportivo. Uma das características do Club Sportivo Lazio foi a prática de esportes em barra-fixa, paralela e atletismo em geral. Em 1934 o Lazio disputou o campeonato individual de Ping-Pong, conseguindo as seguintes colocações: 1º categoria-Eduardo Toselli, 2º lugar Antonio Catelan, 3º lugar Arthemio Grigoletto. Na foto aparecem os dois quadros principais de futebol

Acervo: Fundação Pró-Memória



São Caetano do Sul "Onde Escola não é problema". Esta frase marcou a primeira administração Walter Braidó (1965-1969) em decorrência de um plano de obras educacionais planejados e executados em sua administração. Na foto, um outdoor instalado na entrada da cidade, no atual bairro São José

Acervo: Fundação Pró-Memória



Em novembro de 1966, era lançada a pedra fundamental do Hospital Infantil Marcia Braidó, localizado nas esquinas das ruas Luiz Louzã e Rio de Janeiro, na Vila Paula (atual Bairro Santa Paula). Na foto a primeira-dama Maria Braidó, sua filha Marcia Braidó e o prefeito Walter Braidó



1959. A Rádio Cacique de São Caetano (ZYR-41) transmitia em sua programação uma variedade de shows populares com grande audiência na cidade. Faziam parte o programa Enzo de Almeida Passos, transmitido diretamente do Cine Urca (depois Cine Lido); Audições Favoritas; Cacique nos Esportes; Alegrias na Taba; Telefone Mágico; Brincando e Cantando; Crepúsculo Romântico, Recordações Musicais e muitos outros. Foto registra a cantora Manolita Messias no programa Grandes Audições Palhinha dedicado à colônia espanhola de São Caetano. Este programa era transmitido todas as quintas-feiras às 20 horas



Dona Shizue Toyoda, nascida em 14 de abril de 1902, faz parte da mais antiga família japonesa radicada em São Caetano. Em 1997, ela aparece junto aos seus familiares, diante de lanterna japonesa nos jardins do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. À sua esquerda está a filha Sumie Kohara, e à direita o neto Issao Kohara e a outra filha Etsuko Toyoda. A lanterna de Pedra, que aparece na foto foi doada à cidade de São Caetano em 18 de junho de 1958, é uma homenagem ao cinquentenário da imigração japonesa no Brasil (1908-1958). Estava localizada originalmente no jardim 1º de Maio da avenida Goiás, e com o alargamento da via ela passou por vários lugares até a instalação definitiva no Museu Histórico Municipal de São Caetano. O autor da obra foi o Keigo Toyoda, filho de dona Shizue



Na primeira administração do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957) foi criada a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul, sob a presidência da primeira-dama do Município, Aracy Torres Campanella. Nesse período, na época do Natal, eram distribuídos presentes aos operários braçais da Prefeitura. Na fotografia, a esposa do prefeito aparece em primeiro plano à esquerda



1960. O Serviço Municipal de Trânsito de São Caetano do Sul foi criado pela lei nº 396, de 4 de dezembro de

1953, com o efetivo de 11 homens, sendo 10 fiscais e um inspetor. Esse serviço, além de cuidar da sinalização de Trânsito na cidade, prestava proteção aos escolares. A sede localizava-se nos baixos do Viaduto dos Autonomistas, e os veículos utilizados eram as peruas Rural Willis



Nos festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, a Fantaria de São Caetano do Sul com seus cinquenta elementos e baliza, se apresentou num desfile no Vale do Anhangabaú. A Fantaria apresentou-se seguida de alunos do SESI da ABC, carregando 26 bandeiras: Brasileira, Paulista, dos 21 estados e os três municípios: Santo André, São Bernardo e São Caetano. Na foto, os elementos da fantaria fazem o aquecimento, na Praça das Bandeiras antes do início do desfile



30 de julho de 1957. Entrega do troféu de atletismo ao atleta Antonio Glenyr Santarnecchi, pela Comissão Municipal de Esportes de São Caetano. Na foto aparecem da esquerda para direita: Oscar Garbelotto, diretor de voleibol; Walter Braido, presidente da Comissão Municipal de Esportes. Na ocasião, o atleta Antonio Glenyr Santarnecchi, recebe o troféu de um membro da família Del'Rey, e de José Joaquim Fernandes, diretor de atletismo e campeão sul americano, pela Comissão Municipal de Esportes



Maio de 1959. A Rádio Cacique de São Caetano do Sul tinha em seu elenco dois locutores muito populares: J. Carvalho (à esquerda) e Roberto Torossiam (à direita). Eles formavam uma dupla muito aplaudida nos programas populares da emissora. J. Carvalho era locutor da Rádio Cacique de Taubaté, e Roberto Torossiam, natural de São Caetano, vinha de uma família de artistas, tendo como irmão o maestro Afonso Torossiam, regente da Orquestra Copacabana, que se apresentava nos bailes do Clube Comercial



Durante as festas do 8º aniversário do Rotary Club de São Caetano, em 23 de Maio de 1959, foram lançadas as vendas de títulos patrimoniais do Clube de Campo ABC, que seria instalado em uma área de 160 alqueires, no município de Santo André. O presidente do Rotary Club na época era: Antonio de Mello Neto, da loja Ao Carioca. A promoção era da Santa Paula Melhoramentos



1957. Os Diários Associados promoviam o concurso A Mais Bela Esportista, oferecendo à vencedora um refrigerador Frigidaire ODR-95. As três primeiras colocadas visitaram a General Motors em São Caetano no dia 4 de Fevereiro de 1957, que fabricava o produto, onde posaram para a foto. Em primeiro plano, da esquerda para direita: Carla Nalon, do General Motors Esporte Clube (7ª colocada no certame); Thais Helena do E.C.Pinheiros (1ª colocada); Marly Xavier da S.E.Palmeiras (2ª colocada) e Itália Marocci do A.D.Floresta (3ª colocada). Aparecem também Leonardo Sperate, presidente do General Motors Esporte Clube, de terno escuro e Adalberto Bogsan (de óculos) gerente da GMB



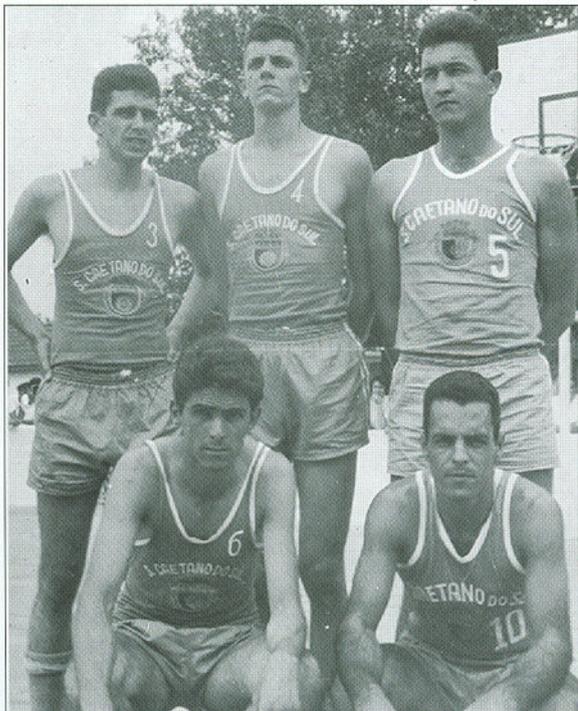
2 de maio de 1959. A equipe de basquete da Sociedade Esportiva Palmeiras (campeã de 1958) apresentou-se em São Caetano para jogar com a equipe da General Motors. O placar foi 72 a 45 para a equipe da capital. Ao final do jogo, o presidente do General Motors Esporte Clube, Leonardo Sperate faz a entrega de um troféu ao atleta do Palmeiras, Jatir. Vê-se ao fundo o diretor do



O problema da retificação do Rio Tamanduaí já preocupava as autoridades de São Caetano e de São Paulo no ano de 1959. Nesta foto, tirada durante a visita do sr. Alberto Zagottis - Secretário de Obras e Serviços Públicos da Prefeitura de São Paulo - na ponte da rua Industrial, pode-se observar as seguintes autoridades, da esquerda para direita: Nicolau Delic (vereador de São Caetano); Concelto Constantino (vereador de São Caetano); dr. Isaac Zveibil (chefe de obras de São Caetano); José Salvatori Neto (diretor de obras em São Caetano); Alberto Zagottis (diretor de obras de São Paulo); Eng. Nilson Calamita, de São Paulo e Walter Parcudo, Nilo Ribeiro de Figueiredo e João Anhô (vereadores São Caetano). O prefeito de São Caetano, na época, Oswaldo Samuel Massei estava doente e não pode comparecer à esta inspeção



1967: A placa Triz Vespillo, na entrada da cidade, foi remodelada para facilitar o tráfego. O arquiteto italiano Alvarro Siza fez a placa e o grupo instalou 25 milhas de placas. O sistema de trânsito foi instalado em 1965 e atualmente funciona em São Caetano.



Equipe de basquete de São Caetano do Sul, participante dos Jogos Abertos do Interior de 1962, na cidade de Marília. Em pé, da esquerda para a direita: Ney Ayres da Silva, Sidnei Coleone (Cidão), Carlos Henrique Backer (Carlão). Agachados: Oswaldo Ruiz e Hélio Poente



O Bossa Nova Clube, fundado em 11 de junho de 1960, foi um típico clube da juventude sancaetanense dos anos 60. Em 12 de Março de 1961, parte da diretoria do clube visitou a Jornal de São Caetano. Em pé da direita para esquerda: Oswaldo Nadal, Alécio Strabelli, Antonio Marcos Roberto, André R. Guilherme. Sentados: João da Costa Faria (diretor de propaganda), Hideo Toyoda (presidente) e Eiji Iwasaki (secretário)

ISSN - 1415 - 3173

